

O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de suas probabilidades que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre.

Hanna Arendt (1997, p. 191)

O amor reconstitui o cristal trincado que há no fundo do ser.

Pablo Neruda (1997 p. 201)

II Capítulo

UM GRITO, UM PENSAMENTO, UMA ESTRATÉGIA: GÊNESE, ESPIRITUALIDADE E ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES¹

O processo através do qual o *Movimento dos Focolares* vai se institucionalizando a partir do seu *estado nascente* e constituindo-se em *Obra de Maria*², deixa entrever as três fases que pensamos possam ser descritas sugestivamente por uma frase inspirada em Emile Poulat: “um grito, um pensamento, uma estratégia” (POULAT, 1997, p.505).

O grito se caracteriza por uma modalidade de linguagem que sobressai do modo comum, ordinário de comunicação entre os indivíduos e por isso contém um aspecto de novidade, de algo não comum, e que portanto tem a capacidade de atrair as atenções. No nosso caso o termo adquire uma conotação metafórica indicando a irrupção de algo que foge da ordem apolínica e rotineira da vida quotidiana, o surgimento de novos paradigmas e significações engendrados por um grupo, e que polariza a atenção do meio social em que se encontra inserido, aportando modificações.

¹ Entre as várias obras publicadas sobre o assunto assinalamos: LUBICH, C. 1991a, op. cit., CHIARA Lubich e o **Movimento dos Focolares**. S. Paulo: Cidade Nova, 2 ed. 1988; LUBICH, C. **Escritos Espirituais/1**: A atração dos tempos modernos. S. Paulo: Cidade Nova, 1983a; LUBICH, C. **Escritos Espirituais/ 2**: O essencial de hoje, S. Paulo: Cidade Nova, 1983b; LUBICH, C. **Escritos Espirituais/4**: Deus entre os homens. S. Paulo: Cidade Nova, 1983c; LUBICH, C. **Escritos Espirituais/3**: Todos “um”. S. Paulo: Cidade Nova, 1984[sic!]; LUBICH, C. , 1991a, op. cit.; LUBICH, C. **A unidade e Jesus Abandonado**. S. Paulo: Cidade Nova, 1985; LUBICH, C. **O grito**: Jesus crucificado e abandonado na história e na vida do Movimento dos Focolares, desde o seu nascimento em 1943, até o raio do Terceiro Milênio. 3 ed. S. Paulo: Cidade Nova, 2001; GALLAGHER, J. **Chiara Lubich**: Uma mulher e sua obra. S. Paulo: Cidade Nova, 1998; ROBERTSON, 1979 op. cit; VANDELEENE, M. (Org.). **Chiara Lubich. Ideal e Luz**: Pensamento, espiritualidade, mundo unido. S. Paulo: Brasiliense/Cidade Nova, 2003; VERONESI, S. **E a vida renasce entre as bombas...** 5 ed. S. Paulo: Cidade Nova, 1988.

² O Movimento foi aprovado pela Igreja Católica com o nome de *Obra de Maria*, mas normalmente será conhecido e denominado pelo nome popular *Movimento dos Focolares*.

Para que a mensagem veiculada pelo *grito* influencie as consciências de modo estável e contínuo, faz-se necessário que se estruture em formas de categorias mentais, orientações permanentes de conduta, em uma palavra: faz-se necessário que se cristalice em um *pensamento*.

Mas o *grito* e o *pensamento* ainda não são suficientes para que haja uma transformação social. É imprescindível a verificação empírica de sua plausibilidade real; daí a necessidade de uma estratégia que confira visibilidade ao grito e ao pensamento através de formas sociais concretas.

1. Um Grito. O Movimento dos Focolares no estado nascente

O Movimento teve seu começo em Trento [...]. Quando isso aconteceu, eu não tinha projeto algum em mente, nenhum programa. A idéia desta Obra estava em Deus; o projeto no Céu. Foi assim, no início; assim, durante os [...] anos do seu desenvolvimento.

Chiara (LUBICH, 2003f, p. 42)

Deixemos que seja Ginetta a introduzir-nos na história do Movimento dos Focolares:

Um dia uma minha irmã me disse: ‘Eu fui em uma casa onde havia um grupo de jovens; essas jovens, a um dado momento, entraram em um quarto, abriram as portas de um armário, as gavetas de um outro móvel e começavam a tirar o que estava no armário: este capote é a mais, esta saia é demais, este casaco também, esta blusa... E colocavam esses vestidos um em cima do outro no meio do quarto, no chão. Entre elas havia uma outra jovem com uma lista de endereços e marcava os nomes destas pessoas às quais teriam dado aquela roupa’. Este fato, queria dizer que revolucionou toda a minha vida. Eu disse: ‘Mas que estupendo é aquilo que você me contou! Mas eu acho que é maravilhoso, é extraordinário! É um fato raríssimo, é fascinante! Queria conhecer o sacerdote que guia espiritualmente estas pessoas. Este fato se estenderá no mundo inteiro!’ (CALLIARI, 1993A)³.

³ Cf. também CALLIARI, G. **História de vida**. Encontro nos dias de carnaval. Centro Mariápolis Ginetta, 7 fev. 1989A, n. M.01. Arquivo Mariápolis Ginetta; CALLIARI, G. **Ho sposato il più bello dei figli degli uomini**. Alle gen2. Castelvandolfo (Roma), 27 out. 1996V. n. G006. Arquivo Mariápolis Ginetta; TESTEMUNHA **de um Deus presente**: Entrevista a Ginetta Calliari, Cidade Nova, S. Paulo, ano 39, n. 8, p. 17-21, ago. 1997

Este relato caracteriza todas as versões da história pessoal de Ginetta, contada a vários grupos.

Na década de 1940 Trento vivia o clima da II Guerra Mundial e o futuro era incerto. Aquelas jovens das quais Ginetta ouvira falar e que a haviam impressionado, estavam se constituindo em um grupo com muitas características de um *Movimento utópico* e entre as quais Chiara emergia como líder. Para Mannheim (1968, p. 216) a mentalidade utópica está em contradição com a realidade presente podendo ser considerada do tipo daquelas orientações que, quando traduzidas na prática, tendem de forma parcial ou total, a romper com a ordem prevalecente⁴.

A idade delas variava de 15 a 25 anos e tinham a convicção de que poderiam mudar o mundo e a palavra “revolução” era a mais adequada para expressar o ideal de vida ao qual estavam consagrando a própria existência. Essa convicção acompanha o Movimento ao longo da sua história e perdura ainda hoje.

Mannheim, durante uma conferência em um Congresso de Líderes juvenis, na cidade de Oxford em 1941 – época em que o Movimento dos Focolares estava para surgir – fez uma observação que ajuda na compreensão do que estamos narrando. A juventude não aceita como natural a ordem estabelecida nem possui interesses adquiridos de ordem econômica ou espiritual. A esse propósito ele fazia notar que o contingente de jovens de uma sociedade

é um agente revitalizante; é uma espécie de reserva que só se põe em evidência quando essa revitalização for necessária para ajustamento a circunstâncias em rápida mudança ou completamente novas. [...] o fato relevante é que a juventude chega aos conflitos de nossa sociedade moderna vinda de fora. E é este fato que faz da juventude o pioneiro predestinado de qualquer mudança da sociedade. A juventude não é progressista nem conservadora por natureza, porém, é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade (MANNHEIM, 1967, p. 50 e 52).

Na narração que Chiara faz do início daquele que vai se configurando como Movimento dos Focolares, pode-se captar a *experiência de sentido* que caracterizou o grupo nesse processo.

⁴ Cf. ALBERONI, F. *Gênese*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 55: o autor objeta, porém, que fenômenos como o calvinismo, o franciscanismo, o sufismo, a República de Platão, não cabem nessa definição de Movimento utópico e

Com essa expressão - como observa O’Dea (1969, p. 15 e 22) -, Weber referia-se ao fato que os homens precisam não apenas de ajustamento emocional, mas também de segurança cognitiva ao enfrentar os problemas de sofrimento e morte. Diante da experiência de contingência e impotência que caracterizam a condição humana, os homens, constatando a insuficiência das técnicas e prescrições sociais terrenas, na criação de mecanismos de ajustamento em momentos críticos que ultrapassam a experiência comum, propõem perguntas que só podem ser respondidas com um certo tipo de “além”.

Ainda segundo esse autor, para Weber, as religiões são expressões de diferentes soluções para tais perguntas e ele mostra que as religiões, ao oferecer respostas para esses problemas – repostas que se tornam parte da cultura e das estruturas institucionais de uma sociedade – influem da maneira mais íntima nas atitudes práticas dos homens com relação às várias atividades da vida quotidiana, e portanto, na formação de objetivos, nas regras que regulam os meios, bem como na estrutura geral de valores que influem na escolha e na decisão (O’DEA, 1969, p. 22-23). Encontramos relação desse pensamento com o relato de Chiara sobre o início do Movimento dos Focolares:

Estávamos em 1943, em plena guerra; tudo desmoronava. Diante dessa triste situação, algumas companheiras e eu decidimos empregar a vida por algo que não passa. Deus. [...] Passaram-se alguns meses e, no dia 13 de maio de 1944, em Trento, houve um grande bombardeio aéreo. À noite, durante o alarme, minha família resolveu ir para fora da cidade, para um bosque [...] a fim de dormir ao relento. Durante a noite vimos os aviões sobrevoando Trento e bombardeando também o bairro onde ficava minha casa. Para mim foi uma noite decisiva [...], sentia [...] que não podia sair de Trento [...] porque tinha [sido construído] entre mim e as minhas companheiras um forte vínculo. [...]. Tomar essa decisão foi um drama [...] porque eu queria um bem enorme aos meus pais e aos meus irmãos [...] e [...] eu era a única ajuda econômica de que podiam dispor. [...]. Ao amanhecer, voltamos para casa para ver se restava alguma coisa. [...]. Foi dramático, entretanto [...] despedi-me deles, encaminhei-me pela rua rumo à cidade, onde a destruição era total [...]. De uma rua, sai uma senhora, segura-me pelos ombros gritando – parecia enlouquecida pela dor -: “Quatro dos meus morreram!”. Então eu a consolo e entendo que devo silenciar a minha dor para assumir os sofrimentos dos outros. Procuro as minhas companheiras e

[...] encontro-as todas vivas. Éramos um grupo de seis ou sete moças, dos quinze aos vinte e três anos. Poucos dias depois, oferecem-nos um pequeno apartamento [...] que se tornaria o primeiro *focolare*.⁵ Então decidimos juntas fazer de Deus o único Ideal da nossa vida (LUBICH apud CHIARA Lubich, 1988, p. 10 -14)

Muitos traços históricos e organizacionais do Movimento, apontam para a possibilidade de uma análise do mesmo na perspectiva weberiana do conceito de *carisma* (WEBER, 1999c, p. 238).

Na teoria de Weber o surgimento do carisma está frequentemente atrelado a situações de crise social, de situações que reclamam mudanças, que levam as pessoas a mirarem a um futuro diferente, mais promissor (WEBER, 1999a, p. 323). Neste sentido o *Grito* do Movimento dos Focolares é acolhido e se afirma, como uma resposta, seja em nível de micro história individual, porque é apreendido como uma oferta de sentido para a vida (“A nossa vida adquiriu um significado completamente novo” – afirma Chiara (LUBICH, 1999a, p. 49), seja em nível da macro história propondo um estilo de vida e de relações sociais alternativas para o modelo da época, questionado pela situação de crise provocada pela II Guerra Mundial.

O grupo inicial entendeu que o Evangelho é radical nas suas exigências e seus membros queriam colocar em prática as suas palavras ao pé da letra, sem meios termos. A frase que norteou as ações do grupo de modo preponderante foi a já acenada frase de Jo 17,21, da oração que Jesus dirige a Deus antes de morrer: “Que todos sejam um”. Nesta frase encontra-se fundamentado o projeto de *expansão* do Movimento (“Que todos...”) que o aproxima do tipo *Igreja* de Troeltsch e, simultaneamente, percebemos também uma clara orientação na direção da *intensidade* (“...sejam um”) que, por sua vez, o aproxima do tipo *seita*, do mesmo autor (TROELTSCH, 1987, p. 134).⁶

⁵ Constituindo as estruturas fundamentais do Movimento, os focolares são comunidades masculinas ou femininas, de pessoas que se consagram integralmente à organização do Movimento, à atuação dos seus ideais e à difusão dos mesmos. Atualmente existem 900 focolares nos cinco continentes (56 no Brasil) congregando 6.289 membros. São os pontos de referência para os sete milhões de pessoas que seguem o ideal de vida do Movimento.

⁶ Troeltsch descreve o tipo *Igreja* “como um tipo de organização fundamentalmente conservadora, que até certo ponto aceita a ordem secular e domina as massas; em princípio, portanto, é universal – ou seja, deseja abarcar a totalidade da vida da humanidade”. Por *seita*, o autor entende “grupos relativamente pequenos, que aspiram à perfeição interior do indivíduo, tendo como objetivo um companheirismo pessoal e direto entre os membros de cada grupo. Assim, desde o início elas são obrigadas a organizar-se em grupos reduzidos e renunciar à idéia de dominar o mundo. Sua atitude em relação ao mundo, ao Estado, à sociedade pode ser de indiferença, tolerância ou hostilidade”. Essas duas categorias foram rediscutidas e redefinidas depois de Troeltsch de modo a abranger a realidade com maior precisão. De fato, no que se refere ao Movimento dos Focolares percebe-se que este possui traços dos dois tipos mas na realidade constitui-se numa situação muito mais complexa, de modo que seria muito simplista e limitado tentar enquadrá-lo simplesmente em uma ou outra dessas categorias. Cf. para uma abordagem inicial da discussão sobre a evolução dos conceitos: CAROZZI M., J. **Tendências no Estudo dos Novos Movimentos Religiosos na América:**

Em nível de ações sociais essa dupla tensão será ilustrada no decorrer do Capítulo; em nível de consciência subjetiva um relato de Ginetta ilustra um feixe de intencionalidades que apontam para elementos desses dois tipos ideais. Elementos do tipo igreja: há nelas a intenção de permanecer dentro da Igreja instituição sem se constituir em um grupo à parte; a intenção do expansionismo que se revela em nível de consciência subjetiva de sentimento de pertença e solidariedade com a humanidade inteira. Elementos do tipo seita: a internalização dos valores, o sentimento de conversão a uma vida nova:

Chiara nunca nos disse para comungar, para confessar, nunca falou da missa; é que cada um quando falava com Chiara, tinha um encontro com Chiara, sem dizer nada, no dia seguinte se encontrava no confessionário e começava uma vida nova. Chiara um dia nos falou da importância da Missa que é uma coisa importante a Missa, é o momento cume do dia é o mais importante do dia porque se pode ter uma “audiência com o Onipotente”. O que era esta audiência? Ela fazia uma comparação: naquela época havia o Papa Pio XII e o seu secretário era aquele que se tornou depois o Papa Paulo VI, era o Monsenhor Montini – ela dizia: “Todas as manhãs o monsenhor Montini vai até o Papa Pio XII com uma pasta de problemas se apresenta ao Papa e abre a pasta, transmite os problemas espera uma resposta, [que o Papa] assine as cartas, apresenta os problemas para encontrar e dar uma solução. Será que a gente não tem problemas, será que nós não temos problemas, se o nosso Ideal é “Que todos sejam um”? Os problemas de cada um são nossos, todos os problemas da humanidade, da Igreja, são nossos, e cada um tem problemas pessoais dentro e fora e vamos em audiência, enquanto o monsenhor Montini tem uma audiência com o Papa, nós temos uma audiência com Deus, então vamos dizer tudo, vamos resolver os nossos problemas, vamos jogar tudo no seu coração [...] (CALLIARI, 1980a, Mimeo)⁷.

Aquelas primeiras jovens desejavam repetir o estilo de vida das comunidades cristãs primitivas conforme o relato dos Atos dos Apóstolos que as define como sendo “um só coração e uma só alma” e por isso começaram a viver a comunhão de bens

Os Últimos 20 anos, bib (Boletim informativo e bibliográfico de Ciências Sociais) da ANPOCS, n. 37, Rio de Janeiro, p. 61-78, 1994.

⁷ A expressão “jogar tudo no seu coração” é uma clara alusão à frase do Evangelho, na qual o apóstolo de Jesus, Pedro, aconselha a descarregar as solicitudes em Deus, porque Ele zela pelas pessoas (Cf. 1 Pd 5,7).

materiais ⁸ - conceito próximo ao que Weber (1999a, p. 330-331) denomina *comunismo de amor*⁹ - e também a comunhão de bens espirituais, ou seja, praticavam a partilha das “experiências do Evangelho”, isto é como tinham procurado orientar suas ações, durante o dia, segundo os valores expressos nas palavras de Jesus (LUBICH, 1991a, p. 50).

O ideal de vida que haviam escolhido, ou seja a dedicação integral à causa de Deus – na percepção delas – na verdade se traduzia e coincidia, para quem as observava, com a dedicação integral à causa dos homens e da sociedade. Uma das primeiras frases do Evangelho que se constituiu um alvo da atenção do grupo foi a que se encontra em Mateus: “Tudo o que fizeres a um desses pequeninos é a mim que o fizeste” (Mt 25,40). Interpretaram essa frase no sentido de que cada ser humano em condições negativamente privilegiadas na sociedade deveria ser tratado com a mesma consideração com a qual elas tratariam Jesus:

A cidade bombardeada estava repleta de pessoas sem teto, gente faminta, doente, mutilada, pobre. Nós [...] corríamos para cuidar delas no que fosse possível [...]. Muitos, vendo-nos agir dessa forma, ficavam impressionados e nos perguntavam o porque, o segredo. [...] Assim, a cada dia, outras pessoas se uniam a nós (LUBICH, 1991a, p. 57).

Ginetta explica (CALLIARI, 1999bA) que iniciaram pelo pobres dadas as circunstâncias sociais concretas de Trento naquele momento. De fato, a cidade tinha sido evacuada pelos habitantes cuja condição econômica o permitia, tendo permanecido na cidade apenas os economicamente desvantajados. Só mais tarde – afirma Chiara (LUBICH, 1969A) – elas entenderam que Jesus deveria ser considerado “presente” em todos, e não somente nos pobres.

A experiência de sentido que elas se encontravam a viver era apreendida como uma *revolução* interior - no sentido de uma reorganização na hierarquia dos valores que orientavam a conduta individual.

⁸ A expressão *comunhão de bens* traduz a prática gerada no interior do Movimento, de partilha de bens materiais organizada por setores, em nível regional e internacional, como ação social orientada pelos valores evangélicos da fraternidade e com o objetivo de conferir visibilidade a uma situação social marcada por condições materiais de vida igualitárias.

⁹ Eis o texto de Weber: “O carisma é, portanto, ao lado da comunidade doméstica, da qual difere, o segundo grande portador histórico do *comunismo*, se por ele entendemos aqui a ausência da calculabilidade no *consumo* dos bens e não a organização racional da produção de bens para um “cálculo” – de alguma forma – coletivo (“socialismo”). [...] Somente [...] o sentimento de amor de um discipulado alheado do mundo faz com que se conserve o comunismo, e somente este, por sua vez, garante a pureza do carisma mediante os interesses da vida cotidiana”.

Essa revolução que atingia a esfera cognitiva, a esfera psicológica, a esfera moral, era efeito da aquisição de uma nova visão de mundo, de uma *cosmização*, nos termos de Mircea Eliade (1992), e foi apreendida por elas como uma nova luz sobre as coisas e acontecimentos, e expressa com o termo *Ideal*.

Ao mesmo tempo essa revolução na esfera da subjetividade, era motivação para as ações sociais, com efeitos observáveis em vários níveis¹⁰.

Nesse sentido Ginetta relata que a primeira coisa que ela aprendeu, em contato com esse novo estilo de vida foi viver “de fé”, ou seja “ver” Jesus em cada um. Se antes, ela não obedecia à mãe, não ajudava em casa, não agradava às irmãs, depois, sua atitude passou a ser no sentido oposto. Se antes julgava e condenava as ações de todos, era a “rainha das discriminações” (CALLIARI, 1991aA), depois passou a pensar e a agir de modo diferente e mais compreensivo. Agindo assim, ou seja, “vendo Jesus em todos, parecia que o céu descesse sobre a terra, que o mundo se transformava” (CALLIARI, 1991aA).

Outra frase de Jesus que se encontra nos Evangelhos de Mateus e de Lucas, e que ganhou forte relevo na vida do grupo foi a chamada “regra de ouro” que recomenda que se faça aos outros o que se gostaria que fosse feito a si próprio e não fazer aos outros o que não se gostaria que fosse feito a si¹¹. E ainda, de conteúdo análogo, a frase “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”¹². “E como foi que Jesus nos amou?” – perguntaram-se. E concluíram que a medida com a qual Jesus havia amado os homens tinha sido dar a própria vida por eles. Daí a consequência que, se dar a vida era a medida de amor que deveria ter para com todos, qualquer outra coisa era menos do que isso e portanto podia ser realizada em favor do próximo.

Ginetta sublinhava que esse *como* era revolucionário porque “no mundo, quem é que ama os outros *como* a si mesmos? Ninguém!”. E narra¹³ que no escritório em que trabalhava, se a janela estava aberta e o vento atingia as costas do rapaz que trabalhava como caixa, ela se levantava e fechava porque “as costas do caixa – ela dizia – eram as minhas costas”. Antes, se o telefone tocava ela fingia não ouvir para não ter o trabalho de atender, depois, sua atitude mudou, no sentido de assumir pessoalmente as tarefas

¹⁰ Cf. quanto já exposto no I Capítulo, item 4, sobre o carisma que provoca uma mudança nos sujeitos de dentro para fora.

¹¹ Cf. Mt 7,12 e Lc 6,31.

¹² Cf. Jo 15,12.

¹³ CALLIARI, G. **História do Ideal no Brasil**. Escola Nacional das Gen 3. Centro Mariápolis Ginetta, 1º jan. 1991a, n. O.61. Arquivo Mariápolis Ginetta.

que normalmente todos evitavam, de modo a tratar os colegas como trataria Jesus e fazendo a eles o que gostaria que fizessem a ela (CALLIARI, 1991aA).

O amor, portanto, vinha se constituindo num elemento central do estilo de vida de Chiara e suas primeiras companheiras, como ela mesma afirma:

O amor é a base do Evangelho. E o verdadeiro relacionamento com o próximo não pode ser senão amor, também com relação aos inimigos.[...]e é [esta descoberta] que torna Deus fascinante. [...]. Novo era o empenho com o qual nos dispúnhamos a vivê-lo [este amor]. Isto é, procurávamos viver o que Jesus dissera [...]: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 12,13). [...]. Esta decisão [de estar dispostas a dar a vida umas pelas outras] trouxe suas conseqüências: [...] compartilhar as dores uns dos outros, a carregar o fardo uns dos outros, a colocar em comum os bens materiais e espirituais, como os primeiros cristãos. E isto não era praticado por todos os católicos (LUBICH apud CHIARA Lubich, 1988, p. 30).

Nos escritos de Chiara vem em evidência que, falando de amor ou caridade, ela relaciona esses termos não tanto ou não primariamente com a esfera das ações afetivas mas com a esfera racional com relação a valores¹⁴; segundo os ideais do Movimento dos Focolares, amor é um ato de vontade, uma decisão consciente e livre do agente, pautada por alguns valores, no caso, valores extraídos do Evangelho e que, para Chiara, se resumem na paternidade universal de Deus e na conseqüente fraternidade entre todos os homens. Deste modo “amar”, significa, para ela, “fazer aos outros o que se gostaria que fosse feito a si próprio”, sendo esse outro quem for: amigo, inimigo, simpático ou antipático; anulando assim as separações ocasionadas pelo sentimento racista, nacionalista ou outro semelhante.

Essa concepção de amor embutida no pensamento de Chiara parece oferecer uma tentativa de solução para o paradoxo sobre o qual o cristianismo se apóia, assim como foi entendido por alguns pensadores – como, por exemplo, Mannheim. Esse autor observa que

os valores cristãos foram expressos originalmente em termos de uma comunidade de vizinhança, em um mundo agrário, constituindo-se em virtudes típicas de um grupo primário, ou seja onde imperam os contatos pessoais. [Assim], nos grupos primários, o mandamento “Amai ao próximo”

não é paradoxal, enquanto pelo menos não é evidente por si mesmo que se deva obedecer a esse mandamento na Grande Sociedade, cujos membros a gente nem sequer conhece pessoalmente, quanto mais poderá amar, o que é uma atitude pessoal *par excellence*. Ora, o cristianismo foi construído sobre esse paradoxo. Sua novidade consistiu em estender as virtudes do grupo primário ao ambiente dilatado do mundo (MANNHEIM, 1967, p.181-182).
[grifo do autor]

Colocando o amor na esfera racional dos valores e definindo-o prevalentemente como ato de vontade e não um sentimento ligado à esfera afetiva, Chiara liberta esse conceito das variações humorais ligadas à subjetividade para torná-lo uma capacidade universal dos humanos. Encontramos uma sintonia entre essa concepção do amor como ato de vontade, e portanto como capacidade humana universal, e o pensamento de Kant (apud DURKHEIM, 1989, p. 330-332). Para esse pensador a razão é o que há de mais impessoal em nós, é o poder que o espírito tem de se elevar acima do particular e do contingente, individual, para pensar de forma universal. Para Kant o que faz de um homem uma pessoa é o que o confunde com os outros homens. Os sentidos, o corpo, o que individualiza é considerado, nessa acepção de pessoa, como antagonista da personalidade. E para ele o elemento principal da personalidade é a vontade; e a vontade é a capacidade de agir conforme a razão.

Nesta concepção de amor encontra-se potencialmente embutido o retorno de sujeitos cujas ações sociais sejam livres de pressão ou pelo menos com a mínima pressão possível, o que equivale a dizer que se encontra potencialmente embutido o retorno à autonomia dos sujeitos. Estes podem tornar-se re-fundadores do social. Segundo Loewith (1997, p. 160), o que estava no centro da atenção de Weber era o sentido positivo da “liberdade de movimento”, pela qual os sujeitos podem “alcançar os próprios objetivos neste mundo e, ainda, em oposição a ele, objetivos que não são deste mundo, mas de qualquer modo calculados para ele”. Sobre os primeiros tempos do Movimento Chiara relata:

...da caridade¹⁵ florescia o desejo de um maior equilíbrio social. Nós possuíamos; ...os pobres não. Os ricos possuem; ...os miseráveis, não. Por que não despojar-nos espontaneamente do que é supérfluo – nós que podemos nos privar de pouca ou muita coisa – e destiná-los aos que morrem

¹⁴ Cf. o item 2.2.5. do presente Capítulo.

de fome e de frio, até elevar com todas as ajudas possíveis, sugeridas pela caridade, o seu nível social? Tentamos. Depois de pouco tempo, já havia no Movimento algumas centenas de pessoas, e, havendo entre estas umas trinta que passavam fome, as outras empenharam-se em oferecer, cada mês, o supérfluo, na expectativa de encontrar para elas algum trabalho ou qualquer outra solução. E realmente parecia-nos possível repetir o que se dizia dos primeiros cristãos: “Não havia entre eles indigente algum” (LUBICH, 1984 p. 37-38).

Como lembra o sociólogo Sorgi,

P. A. Sorokin lamenta que as ciências humanas tenham expulsado do seu vocabulário a palavra “amor”. Ele afirma que o amor – o amar e o ser amados – revela-se como a “vitamina” mais necessária para o crescimento pessoal. Mas alarga o seu discurso para afirmar, sobre a base de aprofundadas observações de caráter sociológico, que o amor revela um “poder criativo” nos movimentos sociais e que deve ser inserido em doses crescentes não só nos relacionamentos inter-individuais, mas nas instituições e na cultura como única saída da crise mundial atual. Para evitar equívocos, nos seus numerosos escritos sobre o tema ele com frequência usa as expressões “amor não-egoísta”, “amor altruísta”, “altruísmo” (SORGI, 1991, p. 165-166).

A experiência vivida por Chiara e suas primeiras companheiras no início, parece ilustrar essa hipótese. De fato, a partir dos significados descobertos e partilhados pelo grupo, da objetivação dos mesmos em um social vivido, da comunhão do grupo alimentada pela comunicação contínua das atuações dos sujeitos nesse social, sem excluir o “anúncio” da experiência desses sujeitos, para além do grupo, foram definindo um itinerário que coliga o estágio de grupo informal à instituição de um Movimento social:

[...] lendo aquelas palavras [do Evangelho] já conhecidas, [...] nós as descobrimos novas, únicas, universais [...] que podiam ser postas em prática. Logo intuímos que, traduzidas em vida, provocariam uma revolução. De fato, o mundo dentro de nós e ao nosso redor se transformava (LUBICH, 2000c, p. 10).

¹⁵ *Caridade* aqui é sinônimo de amor, no sentido evangélico de amor a Deus que se expressa no amor ao próximo.

Após alguns meses, cerca de quinhentas pessoas de todas as idades, homens e mulheres, de todas as vocações e todas as origens sociais, querem compartilhar o Ideal de vida daquelas jovens (LUBICH, 1984, p. 15). Na pequena cidade de Trento os efeitos da comunhão de bens vivida e promovida por elas não passavam despercebidos e despertaram a curiosidade inclusive dos partidários italianos do comunismo – em cujas fileiras militava também o irmão de Chiara, Gino Lubich. No IV Capítulo voltaremos a esse episódio mas citamos aqui o relato de Chiara a esse propósito:

As pessoas sabiam que nós socorríamos os pobres e por isso traziam tudo o que tinham: batatas, farinha, geléia, lenha, tudo. Um dia, em maio de 1945, dois comunistas vieram ao nosso pequeno focolare e disseram-me: “Olhem, estamos observando vocês, vimos que repartem tudo e dão àqueles que mais precisam”. E perguntaram: “Por que fazem isso? Digam-nos o segredo do seu sucesso”. [...] Apontei o crucifixo na parede, porque ele é amor e nos ensina a amar (LUBICH apud GALLAGHER, 1998, p. 73-74).

Aquele gesto de Chiara, naquele contexto, dizia mais do que qualquer palavra e, - conta Chiara – em sinal da impossibilidade de conciliação da visão de mundo daquele grupo, com a delas, num gesto, igualmente eloquente, abaixaram a cabeça. Um deles disse: “O que vocês fazem é em escala pequena; nós vamos fazê-lo no mundo inteiro”. E Chiara, numa espécie de desafio, lhes responde com os três ‘**p**’, dizendo que elas eram *pope*, *poche* e *povere*,¹⁶ mas que Deus estava com elas, e que no futuro veriam quem teria vencido.

Termina a guerra. Os membros do Movimento podem deslocar-se, seja por motivos de estudos, trabalhos, ou para testemunhar esta vida que estava nascendo: de fato, são chamados a muitas cidades e vilas para narrar aquilo que viveram e viram (LUBICH, 1984, p. 16-17).

Os relatos acima manifestam uma relação com as conclusões de Weber sobre o carisma e seus efeitos, quando afirma que o carisma provoca uma metanoia, uma transformação de dentro para fora. Em oposição ao pensamento de Marx (1974) para quem o desespero e o entusiasmo não levam à emancipação e sim à ilusão, ao messianismo, Weber concebe o *carisma* - que muitas vezes encontra o seu solo genético

em situações extraordinárias de crise, de desespero ou de entusiasmo -, como o motor de verdadeiras revoluções. Para ele, de fato, a Revolução Francesa, paradoxalmente, não foi revolucionária, uma vez que se limitou a repetir o passado acirrando as relações entre as classes sociais e recolocando a burguesia no poder. Em vez disso, um exemplo de verdadeira revolução, para Weber (1999b), foi a Reforma protestante, porque mudou o modo de agir dos homens, o seu comportamento.

No seu desenvolvimento, o Movimento teve suas iniciativas pautadas por alguns valores que, já no *estado nascente* (WEBER, 1999a, p. 331 e WEBER, 1999c, p. 243 e 246)¹⁷ o configurou, em muitos elementos, como uma *comunidade mental*, no sentido atribuído por Tönnies (TONNIES, 1947, p. 32) de partilha de significados, visões de mundo e concepções¹⁸ e mais explicitado por Weber (1987, p. 77) quando conceitua as relações comunitárias como sendo efeito de um sentido de solidariedade dos participantes e de um sentido de pertença ao grupo. Mas o grau de união entre os membros é mais aproximado ainda ao conceito de *comunhão* de Gurvitch, aliás esse termo, ao lado do outro, *unidade*, é empregado na auto-descrição do grupo, seja no seu estado nascente seja no período posterior.

Para Gurvitch (1979, p. 193 e 201), a “comunhão representa o grau máximo de intensidade de participação, da força de atração e da profundidade de fusão do Nós [...]. É, portanto na comunhão [...] que a imanência recíproca entre os Eus, os Outros e o Nós se encontra no seu máximo”. Os participantes de uma comunhão têm suas profundidades mais pessoais e mais íntimas participadas e integradas no Nós. Ainda, segundo Gurvitch (1979, p. 191) a atualização do elemento da comunhão é mais favorecida precisamente durante uma guerra ou uma revolução.

O vínculo que se forma entre Chiara e suas primeiras companheiras é suficientemente forte para substituir as relações sociais primárias, para conferir uma nova significação aos acontecimentos, para transformar as personalidades individuais.

Essa situação parece conter semelhanças com as características do estado nascente dos Movimentos, mencionadas por Alberoni (1991, p. 12ss, 38, 125-134),

¹⁶ Num misto de italiano e dialeto da região de Trento, significa: “meninas, poucas e pobres”.

¹⁷ Assim Weber denomina a situação carismática na sua fase inicial.

¹⁸ Com relação ao conceito de *comunidade* desse autor, destacamos o comentário de ALBERONI, op. cit., p. 39: o autor diz que Tönnies emprega o conceito tanto para indicar uma comunidade tradicional, estruturada, estável, o vilarejo, quanto para indicar o contrário disto tudo, ou seja, uma formação nova, dinâmica, em devenir, como um novo grupo, religioso ou político em formação. Aí está - diz Alberoni em nota -, a raiz do confuso debate provocado pelo livro de Tönnies, **Comunidade e Sociedade**, onde com a palavra comunidade são indicadas duas coisas distintas, sem a menor idéia da diferença entre elas. Na mesma direção parece-nos apontar o pensamento de GURVITCH, G. **A vocação actual da sociologia**. Vol. 1. Lisboa: Ed. Cosmo, 1979, p. 196.

quando descreve a respeito da nova solidariedade que se cria no grupo, marcada pela intrepidez, pela audácia, pelo espírito de aventura onde o medo da morte desaparece e cada um se sente investido de uma nova força psíquica, prontos a cumprir atos de heroísmo não normais em outros momentos nos quais se vive a rotina quotidiana.

Trento era um ponto estratégico e, portanto, alvo de bombardeios. Diante desse perigo os seus habitantes começaram a se deslocar para os vilarejos nas regiões mais afastadas, de montanha, como já acenado. Um relato Ginetta de 1980 explicita esse fato com a sua experiência pessoal:

Antes de conhecer Chiara eu tinha medo como todos os outros, e quando eu encontrei Chiara o medo também desapareceu, eu fiz questão de não seguir os meus pais que foram morar nas aldeias circunvizinhas para salvar a vida, eu com minha irmã fizemos questão de permanecer com Chiara e enfrentar uma vida completamente nova, uma divina aventura, que começou no ano de 1944 e está continuando e continua a ser uma divina aventura (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

Deste modo foi espontâneo deixar o grupo primário da família para compor um outro que vinha se constituindo ao redor de Chiara no qual se operava uma re-socialização em base a novos valores.

Com uma pitada de humorismo que caracterizava o seu temperamento, Ginetta (CALLIARI, 1996A) relata a perplexidade de sua vizinha de casa quando a viu sair com a mudança num carrinho de mão, ajudada por um menino de 11 anos, com destino à nova habitação junto a Chiara e suas companheiras. Diante daquela cena – conta Ginetta – a vizinha balançou a cabeça num gesto que expressava “os loucos não se encontram somente no hospício!”. Aquela decisão era motivada por valores e não possuía nada que a pudesse definir como uma ação racional com relação a fins – na terminologia weberiana. A família de Ginetta, de fato era – como ela mesma dizia – muito bela, nenhuma motivação puramente “humana” (na terminologia dela) podia explicar tal atitude. Mas agora – ela completa – sentia-se filha do “Eterno Pai” [=Deus] e sua família passava a ser outra, a formada por Chiara e suas primeiras companheiras¹⁹ (CALLIARI, 1996V).

¹⁹ A decisão de Ginetta ilustra o fato de que os Ideais de Chiara representam uma nova expressão da exigência cristã de amor a Deus acima de todas as coisas inclusive dos vínculos familiares. Não está explícito no relato de Ginetta mas a sua decisão de deixar a família, indica uma atração por uma “religiosidade de virtuosos” representada pelo grupo inicial de Chiara e outras jovens que partilhavam o seu Ideal de vida. Cf. WEBER, 1964b, op. cit., p. 491:

Para Weber o carisma é algo de inesperado, mas isso não significa que nasce de um deserto social ou cultural. Na verdade o carismático, para Weber, é um homem do seu tempo, mergulhado nos problemas e anseios de sua época.

A situação de guerra que fez o papel de húmus para a experiência espiritual de Chiara e de suas primeiras companheiras, resultou na constatação - segundo a percepção delas -, da veracidade da frase das Escrituras sagradas quando atesta que tudo é contingente e passageiro: “Vaidade das vaidades... tudo é vaidade” (Ec 12,8) . E, ao questionamento interior - se existiria um ideal que nenhuma bomba pudesse destruir -, pareceu-lhes poder responder que sim, que este ideal era Deus - entendido como sendo na sua essência, Amor. Na verdade trata-se de uma releitura da doutrina cristã-católica à qual elas já eram socializadas, mas que agora, devido às circunstâncias históricas e sociais era apreendida sob um enfoque diferente que conferia à mesma um teor de novidade. Nas palavras de Chiara:

Em meio ao furor da guerra, fruto do ódio [...] Deus se manifestou a nós como Ele realmente é: Amor. Antes já acreditávamos nele e procurávamos amá-lo. Mas naquele momento tivemos uma nova compreensão a seu respeito. Foi como uma fulguração, como a descoberta de uma verdade que não tínhamos ainda assimilado: Deus é Amor e, portanto, Ele nos ama. Assim sendo, tudo o que acontece, alegrias e dores, tudo está previsto por Ele, tudo é desejado ou permitido pelo seu amor (LUBICH, 1991a, p. 48-49).

Nos depoimentos de membros do Movimento, nota-se que a mensagem proposta por Chiara vem ao encontro das exigências psicológicas e morais dessas pessoas e que, encontrando sintonia com os ideais dela, livremente a assumem.

O encontro com Chiara provocou uma metanoia em nível de subjetividade, em Ginetta. Em um relato ela deixa transparecer quanto a auto-estima dos sujeitos aumenta ao entrar em contato com a mensagem do Movimento a qual é apreendida como mensagem de Deus para os homens: “É que, uma vez que Deus nos diz: ‘Olha que eu te amo imensamente’, quando uma criatura se sente amada por Deus, é uma coisa que sacode, que desperta” (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

Chiara e suas primeiras companheiras, interpretam a experiência que vivem como sendo coletiva (LUBICH, 1991a, p. 85ss). Muito embora Chiara seja considerada como fundadora enquanto ponto de origem das idéias e valores propugnados pelo

Weber notou, de fato, que esse ideal de “perfeição”, para Jesus “pressupõe o rompimento de todos os vínculos com o

Movimento, e portanto como possuindo qualidades carismáticas, a condição de possibilidade desta experiência é o grupo²⁰ e portanto, de certo modo é este também o depositário do carisma. Essa auto-interpretação empreendida por elas qualifica o termo *carisma* neste caso não somente do ponto de vista teológico – do qual são conscientes – mas também sociológico – afirmamos nós – enquanto para Weber o carisma muitas vezes é qualidade também dos seguidores mais íntimos do líder carismático.

Aquelas primeiras jovens entenderam que o amor com o qual Jesus pediu que os seus discípulos se amassem era como aquele que ele mesmo tinha demonstrado por eles e portanto capaz de dar até a própria vida. As circunstâncias da guerra em que se encontravam a viver conferiam, a essa decisão uma alta probabilidade já que os bombardeios se sucediam com muita frequência e a sirene de alarme tocava até 11 vezes por dia incitando a população a saírem de suas casas e a procurar abrigo nos refúgios anti-bombas escavados nas rochas dentro ou fora da cidade, e portanto, uma disposição psicológica revestida de realismo.

Alberoni (1991, p. 123-125), descreve e analisa esse universo de emoções e novos valores que se cria no estado nascente de um Movimento, de forma típica ideal. Para ele o que se instaura no grupo não é uma *amizade*, cujo conceito prevê um relacionamento pessoal mas uma *fraternidade*, na qual existe um laço de união forte mas não entre os indivíduos pessoalmente e sim enquanto membros do grupo. A partir do momento em que alguém deixasse o grupo seria encarado como um “inimigo”. No caso do Movimento dos Focolares, essa fusão do grupo existe mas a sua base valorativa (“Que todos sejam um” e o amor ao próximo segundo os Evangelhos) não permite que seja uma relação social do tipo exclusiva – só entre os membros do grupo - mas tende a se expandir em direção a todas as pessoas.

Além do mais a fraternidade entre elas se distancia do tipo ideal descrito por Alberoni também quanto à durabilidade. Para esse autor a fraternidade no grupo não é um liame pessoal mas coletivo - ou seja cada um é alvo de interesse para o outro *porque* integra o grupo e *enquanto* integra o grupo. Uma vez que se abandona o grupo passa-se a ser considerado por esse um inimigo. No nosso caso em estudo a fraternidade não se expressa de uma maneira coletiva, uma vez que a pessoa é alvo do amor das outras não

mundo, tanto os da família quanto os da propriedade”.

²⁰ Se até agora havíamos empregado o termo *grupo* com o significado atribuído pelo senso comum, daqui em diante o empregaremos carregando-o daqueles conteúdos que caracterizam os agrupamentos marcados por relações comunitárias no sentido weberiano. Para esse conceito Cf. WEBER, M. **Conceitos Básicos de sociologia**. S. Paulo: Editora Moraes, 1987, p. 77ss.

por pertencer ao grupo mas por representar em si mesma Jesus - como já exposto anteriormente -, e isso vale mesmo quando eventualmente não viesse mais a integrar o grupo.

Assim, a auto-convicção de que deveriam amar os outros e amarem-se reciprocamente, entre elas, além de impulsioná-las a arriscar a própria vida para ajudar as pessoas necessitadas externas ao grupo (civis em geral, como mães com crianças, velhinhos, deficientes) a alcançarem os refúgios rapidamente, introduz internamente, no grupo, o que mais tarde se tornará de praxe para os membros do Movimento, isto é, o hábito de se declararem verbalmente e mutuamente a disposição de estar prontos a dar a vida uns pelos outros: é o *Pacto de unidade* (LUBICH, 1991a, p. 50), que mantém e alimenta a coesão do grupo. Era um desejo de Chiara e suas primeiras companheiras – caso morressem por causa da guerra - serem enterradas no mesmo túmulo e no qual seria escrito: “Nós acreditamos no amor” (LUBICH, 1991a, p. 49).

Mircea Eliade (1992) aponta para o fato que, ao contrário da experiência profana, para a qual o espaço físico é neutro, para o homem religioso esse espaço não é homogêneo mas diferenciável. A intervenção de valores na experiência desse homem religioso faz com que existam espaços “privilegiados” (ELIADE, 1992).

Por outro lado, segundo Halbwachs (1990, p. 159) existe uma conexão entre espaço físico e memória sendo que o espaço faz-se necessário como elemento estável para o grupo porque a condição para que exista a memória é a continuidade. O espaço serve para lembrar sempre ao grupo os elementos da sua identidade. Para Chiara e suas primeiras companheiras, a experiência que marcou o início do grupo foi o esfacelamento social e individual no sentido de destruição da cidade e dos ideais e projetos que cada uma possuía e que se tornavam inviáveis por causa da guerra: “Eram tempos de guerra e tudo desmoronava”(LUBICH apud CHIARA Lubich, 1988, p. 10)²¹. Ao mesmo tempo que exteriormente o espaço físico se desconfigura e se transforma, a experiência de sentido que elas fazem imprime um novo começo na biografia de cada uma – como já foi dito – e o espaço físico que elas ocuparão manterá as mesmas características adquirindo a significação de vida nova, de conclusão de um tempo e início de outro, seja em nível individual como também de grupo. Para elas – conforme

²¹ Cf. referências bibliográficas já citadas na nota 1 do presente Capítulo: Elemento essencial que compõe a narrativa sobre a gênese do Movimento é que Chiara e cada uma de suas primeiras companheiras possuíam um projeto de vida: Chiara queria continuar o estudo da Filosofia mas as universidades estavam fechadas pela guerra, uma outra estava para se casar mas o noivo não retornou do fronte, uma outra, ainda, pretendia construir uma linda casa para os pais mas a guerra impedia porque as bombas caíam destruindo tudo implacavelmente.

as palavras de Ginetta – “era mais forte a luz e a sabedoria com Chiara do que as bombas” (CALLIARI, 1991aA), de modo que quando a guerra acabou elas quase nem perceberam (LUBICH, 1981a A).

Na descrição feita por Ginetta do primeiro focolare, em Praça dos Capuchinhos nº 2, encontramos esses elementos carregados de significados impressos pela experiência do grupo no seu estado nascente:

Quando eu a encontrei - [Chiara] -, ela morava em um apartamento de dois quartos e uma cozinha, depois havia uma varanda ao ar livre, mas em um desses quartos estavam todos os móveis da família que morava anteriormente naquela casa, e que foi embora por causa da guerra, e quando alguém entrava naquela casinha sem móveis, sem nada - mas [existia] somente Chiara -, não dava para perceber que não havia nada, existiam alguns colchões, onde Chiara dormia e também alguma sua companheira, e também o armário que elas tinham era uma corda que ia de uma parede e ia até a outra parede, amarrada com um prego e depois quem entrava, se às vezes tirava o capote porque fora era mais frio, e colocava naquela corda, se fossem muitos, quando voltavam para pegar estavam todos pelo chão, porque saía o prego de um lado e de outro e no fim acontecia isto, mas para nós não tinha uma casa mais linda que aquela e como não haviam cadeiras [...]. Um dia começamos a fazer Meditação e nos sentamos no chão, e apoiamos as costas às camas – que não eram camas, era somente um colchão – mas olha, eu ali vi os móveis mais lindos deste mundo, eu me senti nas poltronas mais confortáveis deste mundo, e era o chão, o armário era aquele fio que saía de uma parede e ia até a outra, e tudo no fim se encontrava no chão (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

Aquela casa, praticamente vazia, era porém repleta de significado para o grupo, era um vazio “pleno”. Em outra circunstância, ao narrar a mesma situação (LUBICH, 1985, p. 59), o acento é colocado no fato de que o único objeto dependurado na parede era um quadro representando somente o vulto de *Jesus Abandonado*, ou seja no momento em que está crucificado e abandonado por todos. Essa mesma imagem, que posteriormente foi reproduzida para tornar-se uma peça importante na mobília de cada focolare e até mesmo como objeto pessoal, de cada membro do Movimento, tem um claro objetivo de ativação de um sentimento particular. Como observa Gombrich (1991, p. 130-131) [nossa tradução], desde épocas remotas tem-se constatado a faculdade que as impressões visuais possuem para ativar as nossas emoções e, como Horácio havia já

percebido em *A arte da poesia*, “o ouvido agita a mente com mais lentidão do que o olho”. No caso estudado por nós, a imagem pictórica de Jesus Abandonado mantém insistentemente presente à consciência do grupo, aquele conjunto de valores pelos quais elas tinham optado consagrar a própria vida. No focolare de Trento ainda existe a imagem original atrás da qual ainda se pode ver todas as assinaturas dos membros do grupo inicial como expressão de um compromisso individual e coletivo, de fidelidade àqueles valores. Halbwachs também possui uma reflexão sobre a importância dos objetos nas sociedades e grupos. Ele observa (1990, p. 131-132) que, mesmo se as coisas não fazem parte da sociedade, móveis, ornamentos, utensílios, *bibelots*, circulam no interior do grupo e nele são objeto de apreciações.

E ainda quanto ao espaço físico, Chiara, operando uma releitura da história do Movimento a partir do presente, interpreta a situação de pobreza material do grupo inicial numa perspectiva simbólica, na qual cada aspecto é interpretado como um protótipo de um desenvolvimento e de uma novidade trazida pelo Movimento. Assim, a ausência de móveis no primeiro focolare, além de ser consequência da situação econômica precária do grupo, foi interpretada como preanúncio de um novo modo de se mobiliar a casa, orientado pelo novo modo de sociabilidade que decorre dos valores religiosos e éticos propostos pelo Movimento (LUBICH, 1985, p. 58-59).

O Movimento privilegiará, no decorrer da sua história, a constituição de pequenos grupos, próximos do tipo voluntários utópicos, diferenciados seja por idade, seja por interesses profissionais, seja por grau de engajamento no Movimento, nos quais o sentimento subjetivo de pertença ao Movimento, de comunhão de intentos, de solidariedade recíproca, é criado e recriado continuamente. Ali os valores representados por esse ideal de vida são constantemente internalizados e comunicados nos efeitos que provocam na conduta de vida de cada um e dali os membros haurem força psicológica e entusiasmo, seja para a renovada assunção pessoal desses mesmos valores, seja para propagá-los a outrem, tudo com o intuito de transformar o mundo.

Weber (1999c) observa que a situação carismática comporta um novo paradigma na esfera econômica. Mesmo se já acenamos algo no I Capítulo e nos deteremos mais detalhadamente sobre esse aspecto no IV Capítulo, cabe aqui algumas considerações.

O carisma, para Weber, guarda relações antitéticas com a esfera econômica entendida como procura racional da sobrevivência. Os grupos nos quais prevalecem relações sociais marcadas por atribuição de carisma vivem geralmente de esmolas (grupos religiosos) ou de saques (grupos guerreiros). O carisma, justamente por ser uma

irrupção que abala a normalidade da vida, caracteriza-se por uma procura igualmente extracotidiana da sobrevivência.

O conceito de carisma de Weber, prevê que entre os discípulos e o líder carismático instaura-se uma solidariedade na qual esse é sustentado por aqueles. Além do mais o círculo de adeptos mais externo garante a sobrevivência do líder e de seus colaboradores mais próximos através de ofertas. No grupo nascente do Movimento dos Focolares notamos alguns elementos dessa tipologia ideal de Weber mas com conotações bastante novas. O que existe nesse primeiro grupo é uma consciência de formarem uma unidade profunda, uma *comunhão*, de modo que todos se sentem organicamente membros uns dos outros.

No período em que conheceu Chiara, Ginetta trabalhava e Chiara também. Mas muito cedo o grupo chega a um consenso de que Chiara deveria dedicar-se exclusivamente ao Movimento e por isso deveria deixar o trabalho. Como, porém, a família de Chiara contava com esse intróito, todas decidiram que os familiares de Chiara continuariam recebendo a ajuda financeira como se fosse o ordenado de Chiara. Isso para evitar que se sentissem humilhados por serem ajudados por estranhos. Para todos os efeitos era Chiara que enviava o dinheiro para eles. No relato de Ginetta percebe-se a comunhão que existia entre elas e que as fazia assumir os sentimentos e os problemas de cada uma como se fossem próprios, e a consciência de estarem constituindo um grupo novo, com uma identidade própria e de cuja manutenção e difusão se sentiam responsáveis por acreditarem e aderirem plenamente aos valores que estavam na base da origem do mesmo:

Por que eu estava trabalhando? Quando eu me encontrei com Chiara ela ensinava, e dava aula e nós dissemos: “Mas, desculpe, Chiara, há tantas professoras que podem fazer o que você faz, porque você não deixa o trabalho?” Mas Chiara dizia: “Eu não posso, tenho que manter minha família”. Quando Chiara disse isto nos reunimos e dissemos: vamos trabalhar nós e vamos pensar de hoje em diante na família de Chiara, mas ela tem que deixar o trabalho, é preciso, e nos responsabilizávamos disto porque também eu estava trabalhando, porque depois começamos a pensar não somente na família de Chiara através de Chiara mesma – porque era uma família muito digna, era como se a filha na frente dos pais fizesse tudo, na realidade nós assumimos e depois começamos a sustentar a difusão do Ideal no seu início (economicamente). Portanto trabalhávamos e a primeira pessoa que se livrou

do trabalho - mas para trabalhar mais -, foi Chiara [...] (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

Mais tarde será a vez de Ginetta (CALLIARI, 1989A) deixar o trabalho, e as circunstâncias em que isso se verifica ilustram a relação particular entre carisma e economia, que é marcada pela extracotidianidade. De fato, quando Chiara deveria se transferir para Roma para iniciar uma comunidade focolare naquela cidade, designou Ginetta para substituí-la à frente do focolare de Trento. Para tanto, disse Chiara, Ginetta deveria deixar o trabalho. Perguntou às outras que teriam permanecido com Ginetta se estavam dispostas a passar fome. Diante da resposta afirmativa de todas, Chiara convidou-as então, em sinal de fidelidade às próprias palavras, a se ajoelharem diante de um quadro do Sagrado Coração de Jesus que havia na cozinha. Tratava-se de uma decisão claramente motivada não por interesses econômicos racionais mas por uma ética de convicção no ideal ao qual tinham se proposto dedicar a vida. Ginetta continua o relato contando os efeitos daquela ação que, na percepção delas, foram condicionados também pela intervenção de um fator não previsto: a Providência. De fato, o chefe de Ginetta, tentou convencê-la da “irracionalidade” de sua decisão - uma vez que naqueles tempos de guerra qualquer emprego era precioso e teria sido difícil encontrar um outro no futuro. Ela explica as suas razões falando do Movimento e dos objetivos sociais do mesmo. Não teve coragem de falar das origens religiosas do Movimento porque – como ela conta – sabendo ser ele um militante comunista, ela não conseguia pronunciar a palavra “Deus” diante dele. Ao final o chefe lhe comunica a decisão de colaborar pessoalmente com o grupo providenciando todos os meses, para ela, um ordenado²².

O grupo inicial, mais restrito formado por Chiara e suas primeiras companheiras, praticava a comunhão dos bens materiais, conceito que - como já foi acenado anteriormente - guarda relação com o conceito weberiano de *comunismo de amor* que se instaura entre o líder e seus discípulos. Para elas a comunhão de bens não era vista como um meio ascético de penitência e não era praticada por desprezo aos bens possuídos. Não era nem mesmo apenas um meio de sobrevivência para o grupo. Tratava-se de uma motivação de conteúdo social: elas queriam, sim, repetir a

²² Ginetta continua o seu relato dizendo que ao chegar em casa todas exultaram com o que havia acontecido mas ela possuía a consciência pesada porque havia de certa forma mentido para o chefe não contando sobre os motivos de origem religiosa de suas ações. Convidou-o a vir até a casa delas e narrou a ele a experiência do grupo. Ele abaixou a cabeça dizendo-lhe que tudo aquilo era lindo demais mas não era adequado para ele porque se sentia um pecador. Ginetta lhe falou sobre a misericórdia de Deus e mais tarde soube que ele saindo dali foi se confessar e se reconciliou com a religião e com a Igreja, tornando-se um membro ativo do Movimento.

experiência da comunidade cristã primitiva - da qual se diz nos Atos dos Apóstolos que “tudo entre eles era comum e ninguém dizia ser seu o que possuía mas tudo entre eles era comum, não havia nenhum indigente entre eles” (At 2,44 e 4,34) – mas a comunhão de bens representava também o modo para se chegar a uma justiça social. Diante das consequências de escassez e pobreza provocadas pela guerra elas queriam “resolver o problema social de Trento” (LUBICH, 1969A), era uma renúncia aos próprios bens, por amor de quem não possuía, um uso ativo dos bens que não se resumia em desfazer-se e doá-los a outrem e basta, mas uma partilha continuada, sistemática e organizada que supria as necessidades dos membros mais íntimos da comunidade mas também de outras pessoas. Tratava-se de um projeto social construído coletivamente. Chiara afirma (LUBICH, 1969A) que para elas, resolvendo o problema social de Trento, teriam resolvido o problema do mundo inteiro. O horizonte cultural delas, na época não ia muito mais além da pequena cidade natal e sua província, no entanto a utopia delas era de alcance universal: abrangia o mundo todo.

Um elemento novo que caracteriza a experiência inicial do grupo e também a história posterior do Movimento em todas as suas fases é o conceito de *Providência*²³, já mencionado. Acreditamos ser importante determo-nos um pouco mais nesse conceito

No âmbito do Movimento, *providência* indica intróitos inesperados, não previstos, em bens materiais ou financeiros, de circunstâncias que chegam inesperadamente, não calculadas e que se revelam como solução de situações intrincadas, e tudo como resultante de ações sociais orientadas pelos valores religiosos contidos nas frases do Evangelho, e atribuído – segundo a percepção do grupo - à intervenção de Deus na vida dos homens. Como por exemplo os episódios emblemáticos conhecidos como das *maçãs* e dos *sapatos n° 42*²⁴.

O caso das maçãs: ainda no primeiro focolare batem à porta. Era um pobre que pedia ajuda. Em casa tinham maçãs. À lembrança de que no pobre “estava presente” Jesus, prontamente lhe deram as maçãs. Na mesma tarde alguém vem visitá-las trazendo uma sacola de maçãs. Novamente dão as maçãs para alguém que pedia. À noite outra pessoa lhes leva uma sacola de maçãs.

²³ Cf. WEBER, 1964b, op. cit., p. 449: Segundo Weber enquanto outras religiões antigas a relação com o salvador é estabelecida sobretudo de maneira técnica, por exercícios de devoção, a crença cristã na providência, ao contrário, é um carisma a ser firmado mediante a *vontade*. [grifo do autor] [nossa tradução].

²⁴ Esses e outros episódios integram as várias versões da história dos primeiros tempos do Movimento. Cf. ZAMBONI, D. (org.) *I fioretti di Chiara e dei Focolari*, Milano: S. Paolo, 2002: trata-se de uma coletânea de episódios desse teor relatados por membros do Movimento de vários setores, idades e condições sociais, de vários países.

O caso dos sapatos nº 42: certa vez um pobre encontrando Chiara na cidade, comunica-lhe a necessidade pessoal de um par de sapatos nº 42. Elas eram todas moças e além do mais sapatos daquele tamanho! Onde poderiam encontrar!? Lembrando-se de que no Evangelho Jesus garantia: “Pedi e recebereis...” (Cf. Mt 7,7), Chiara vai até a igreja de Santa Clara, perto de onde se encontrava e profere uma oração nos seguintes termos: “Jesus, dá-me um par de sapatos nº 42 para você naquele pobre”. Saindo da igreja uma senhora vai ao seu encontro oferecendo um pacote. Havia recebido de um tio e, sabendo que ela e suas amigas estavam em contato com muitas pessoas necessitadas, pensou que pudesse ser útil: era um par de sapatos masculinos nº 42 .

A história de Ginetta está pontilhada desses episódios. Como aquela vez em que iniciava com outras o primeiro focolare em Milão. Num contexto de muitos afazeres para arrumarem a nova habitação, provida do mínimo indispensável pelas pessoas que haviam entrado em contato com elas, alguém toca a campainha. Era Guglielmo Boselli, um conde que também tinha conhecido o Movimento. Ginetta narra que estavam todas atarefadas em igualar as pernas das camas (pois eram uma diferente da outra), de modo a tornar o ambiente mais harmonioso. Ao vê-lo, mesmo notando-o um pouco tristonho, recebeu-o festosamente declarando a sua alegria por ele ter chegado bem na hora de poder ajudá-las no trabalho de serrar os pés das camas. Mas enquanto trabalhavam, ela, refletindo, entendeu que não estava sendo coerente pois percebeu que estava mais apegada a serrar os pés das camas do que em dar atenção a “Jesus que chegava na pessoa de Guglielmo”. Parou então o trabalho e convidou-o para conversarem. Ele lhe contou sobre o momento de dúvida pelo qual estava passando com relação a um “chamado de Deus” que ele sentia interiormente, a doar a sua vida a Ele e entrar a fazer parte da comunidade focolare masculina. Conversando com ela ele dizia ter entendido que era isso mesmo que queria fazer. Convidou-a então a ir até a casa dele para pegar os móveis que pudessem servir para a casa delas. Com o seu típico humor Ginetta conta que chegaram até poltronas para o focolare- ela nunca havia se sentado numa poltrona! O significado desse fato para Ginetta foi de uma intervenção de Deus mandando todo o necessário para a nova casa, a partir do momento em que ela se prontificou a procurar os “interesses de Deus” – identificados por ela no amor ao próximo - e não os seus próprios (continuar a serrar os pés das camas) (CALLIARI, 1997aV).

Falaremos mais detalhadamente da sua experiência nesse sentido, no III Capítulo, bem como de outros fatos da “providência” que lhe valeram já em vida a fama de possuir uma fé *carismática*. Obviamente o adjetivo *carismática* é empregado aqui,

conforme o senso comum e teológico, mas não deixa de ter relação com o conceito de Weber pelo teor de extraordinário, de fora do comum, de coisas fantásticas e que suscitam admiração, que os fatos encerram.

1.1. No contexto da modernidade

Como já acenamos no I Capítulo do presente trabalho, para Weber a modernidade situa-se no ponto de encontro de dois processos: o desencantamento do mundo e a racionalização das várias esferas de ação. A interação entre eles traz como consequência a previsão de que nenhum valor poderia mais erguer-se como o único aceito ou imposto a todos os indivíduos e que, portanto, visões do mundo totalizantes seriam mais improváveis do que no passado uma vez que a racionalidade científica estaria sempre “a postos” para explicar o real na sua totalidade.

Corolário do pensamento de Weber é o avanço da individualização com o consequente processo de subjetivização. Simmel (1981) ²⁵ se expressa em termos de *indivíduo quantitativo* que caracterizaria o primeiro momento do Iluminismo (= princípio da igualdade), enquanto que o *indivíduo qualitativo* caracterizaria o momento posterior, da crítica romântica, com a ênfase no direito da diferenciação pessoal por parte de cada um.

Por isso Abruzzese, aprofundando o pensamento de Weber, conceitua a modernidade como

um processo histórico, cultural e psicológico com o qual a sociedade, a partir do século XVI para alguns, ou XVIII para outros, destacou-se mais ou menos rapidamente das formas sociais que a antecederam. Esse processo coincide só em parte com o de racionalização descrito por Weber [...]. A ele deve ser acrescentado tanto o declínio do princípio de autoridade descrito por Troeltsch [...] quanto a recusa ou a colocação entre parênteses de qualquer referência ao passado como modelo de orientação e legitimação da ação (ABRUZZESE, 1993, p. 309-310, nota 2). [nossa tradução]

O Movimento dos Focolares já na sua gênese possui um perfil modernizante enquanto enfatiza a inserção dos membros nas estruturas sociais e não é excludente de nenhum segmento social, intelectual ou ideológico, além de sublinhar a liberdade

individual (não existe nenhum tipo de “carteirinha” para a participação, a adesão ao Movimento não exige uma pertença institucional ao mesmo, mas uma assunção dos seus valores num processo de internalização dos mesmos).

Ao acentuar o valor da unidade, a espiritualidade do Movimento não tem como projeto um *melting pot* de homogeneização em todos os níveis mas um multiculturalismo, no qual todas as diferentes expressões culturais conviveriam em harmonia tendo como elemento comum a convicção de que o amor “está também no DNA de toda pessoa humana” – como afirma Chiara (LUBICH, 2003e, p. 294)²⁶.

O projeto utópico do Movimento não prevê a negação da modernidade com uma espécie de volta ao passado, mas uma correção de alguns aspectos da mesma que poderia ser entendida no sentido de libertação dos indivíduos daquela *gaiola de ferro* da qual fala Weber, e que mantém aprisionados os indivíduos por um *paradoxo das consequências* do próprio processo da modernidade.

Segundo Weber, são três as categorias que norteiam as ações dos sujeitos: a *dignidade*, como possibilidade de escolha dos valores; a *integridade* como coerência em relação ao feixe de valores escolhidos e *autonomia*, como coerência em relação a si próprio além da liberdade de escolha. Ações assim configuradas conferem heroísmo ao sujeito. Esse é o homem de personalidade. Num relato de Ginetta, percebe-se que essa exigência moral e psicológica é preenchida, na percepção dela, através da orientação das próprias ações, pelos valores propugnados pelo Movimento dos Focolares. Referindo-se ao conjunto desses valores (= espiritualidade) ela afirma:

A espiritualidade forma homens com caráter, com personalidade, homens que não se deixam influenciar por ninguém, e que sabem ir além, superar a timidez, superar o respeito humano [...] Será que temos que ser vítimas do respeito humano e os outros não [...] e se sentem livres de fazer o mal e nós não podemos ser muito mais livres de pregar o bem através da [nossa] vida? Isso aconteceu, isso está se difundindo (CALLIARI, [s.d.2], Mimeo).

²⁵ O autor apresenta uma discussão sobre a emergência do individualismo na modernidade.

²⁶ Trata-se do Discurso de Chiara por ocasião do Congresso internacional de políticos, organizado pelo Movimento dos Focolares em Castelgandolfo aos 9 jun. 2000. Cf. também LUBICH, C. Discurso por ocasião do recebimento do título de cidadã honorária de Roma. Roma, 22 jan. 2000a. Mimeo, e LUBICH, C. Jesus o político. **Cidade Nova**, S. Paulo, ano 42, n. 8, p. 26, 2000b.

Ainda com relação a esse aspecto, o fato que nenhuma esfera de valor tenha mais a força de se impor, necessariamente, às consciências, é decisivo uma “prova”, ou seja, uma verificação empírica da sua validade para que seja assumida pelos sujeitos. Fica bastante evidente a posição hegemônica da ciência moderna nesse processo. Observamos que Ginetta sentiu-se impulsionada a seguir Chiara e o seu Ideal de vida, por ter constatado nela a coerência entre valores assumidos e a conduta pessoal: “a coisa que mais me tocou, em Chiara, foi justamente isso, Chiara é aquilo que ela diz. Eis porque toca os corações da gente” {CALLIARI, [s.d.2], Mimeo).

O Ideal de vida proposto pelo Movimento dos Focolares possui ainda uma conexão com a modernidade - na característica ênfase que essa coloca no indivíduo -, por apresentar uma experiência religiosa que marca as subjetividades positivamente, pois tem a ver com um Deus que, sendo Amor, deixa o sujeito no centro; este se sente alvo da atenção, dos cuidados e das preocupações de Deus e sua auto-estima cresce. Ele não se sente oprimido nem pressionado por preceitos morais que lhe caem por cima tolhendo-lhe a autonomia, mas tem a percepção de agir na liberdade. Chiara, referindo-se à espiritualidade do Movimento afirma: “nós não gostamos dos ‘não’ mas dos ‘sim’” (LUBICH, 2002a, Mimeo). Essa espiritualidade de fato, caracteriza-se por não sublinhar uma negatividade, ou seja, o aspecto de renúncia ao mal ético, mas por incentivar uma atitude afirmativa, de amor ao próximo. Em outra circunstância ela havia dito que o Ideal de vida proposto pelo Movimento não se caracteriza por recomendar às pessoas que evitem fazer isso ou aquilo mas simplesmente que amem o próximo. Consequentemente quem ama não rouba, não tem tempo a perder porque está continuamente com a atenção dirigida às necessidades dos outros, quem ama dá os bens que possui e de que os outros necessitam, dá um sorriso, dá atenção. Tudo isso coincide com as chamadas virtudes cristãs que estão no oposto dos vícios ou pecados.

Ainda sobre a percepção de agir na liberdade, Ginetta afirma que o estilo de vida que se procura viver tendo, como orientação para as ações, o modelo de vida da Trindade, ou seja, de amor recíproco - conforme a fé cristã -, confere um novo significado a essas ações e tem como efeito a percepção de que se age com liberdade e autonomia. Esse estilo de vida, justamente porque tende a gerar a comunhão como grau de sociabilidade, faz com que os participantes do grupo tenham a percepção de uma pressão social mínima, de uma “libertação” de qualquer peso social ou individual (GURVITCH, 1979, p. 193).

Ninguém gosta que os outros digam o que devemos fazer – diz ela. E continua: com o carisma [da unidade, o carisma atribuído a Chiara e que deu vida ao Movimento] temos o Espírito Santo dentro de nós. O mesmo Espírito Santo que age em cada um está presente na pessoa que tem a autoridade. Sempre coincide! Obedecer é sempre uma renúncia, mas quando existe o amor não pesa a renúncia (CALLIARI, 1992a, A).

Ao mesmo tempo em que existem esses elementos de conexão com a modernidade, coexiste também um perfil que privilegia as relações comunitárias, e deseja construí-las nos pequenos núcleos de convivência social formados no ambiente de trabalho, do bairro, da escola, além da família, dos contatos sociais, em oposição à indiferença e ao anonimato da sociedade moderna.

1.2 No contexto católico

Surgido no interior da Igreja Católica, o Movimento dos Focolares integra aquele fenômeno de Movimento de reavivamento religioso que vem ocorrendo há algumas décadas dentro do catolicismo.

Ele nasce em tempos de plena modernidade (com todas as contradições que essa encerra), num espaço social consagrado a baluarte do catolicismo²⁷, e por iniciativa de leigos ou, melhor ainda, de leigas entre as quais Chiara é reconhecida como fundadora, possuindo personalidade com traços de liderança muito fortes.

Na época em que surge o Movimento, a doutrina sobre a Igreja que prevalecia na teologia da Igreja católica, há séculos, era a belarminiana, que entendia a Igreja como uma estrutura piramidal: no vértice a hierarquia e na base os leigos. Em tal estrutura os leigos poderiam ser vistos, metaforicamente, como o “proletariado” da Igreja, ou no máximo como “clero de reserva” em épocas da emergência da modernidade em que a Igreja se viu constrangida a encontrar estratégias para continuar a ter em mãos as rédeas da situação diante de um processo de perda de massas de fiéis.

O Movimento surge naquela época a partir da ação de leigos e, como se isso não bastasse, da ação de mulheres. Não só, mas em pouquíssimo tempo, homens, religiosos e sacerdotes declaravam-se seguidores dos ideais daquelas jovens.

²⁷ Trento hospedou, no século XVI o Concílio que passou para a história com o mesmo nome daquela cidade, e que sancionou a separação entre católicos e luteranos.

Uma movimentação deste tipo dentro de uma estrutura milenar hierárquica e masculina, como é a Igreja católica, não podia não provocar resistências. De fato, as condições em que se encontravam Chiara e suas primeiras companheiras as tornavam – empregando metaforicamente a terminologia de Weber (1964a, p. 376ss)– três vezes negativamente privilegiadas²⁸: jovens, leigas e mulheres! Como aprovar um Movimento que, contrariamente à tradição em vigor desde sempre, pleiteava a autoridade espiritual de uma mulher sobre homens e ainda mais, membros da hierarquia eclesiástica!?

O Movimento se desenvolve como uma crítica indireta de uma organização que marginalizava os leigos: para Chiara, todos os membros da Igreja, e não só os sacerdotes, podem ser especialistas do sagrado. Chiara nunca reivindicou o sacerdócio feminino sendo do parecer que o papel da mulher na Igreja é outro -, mesmo se de igual valor e importância. O conteúdo inovador da sua mensagem reside mais no fato de sublinhar – em períodos pré Vaticano II - a idêntica condição de dignidade e responsabilidade de leigos e sacerdotes no tecido eclesial sendo que o diferencial entre eles é o tipo de tarefa, mas ambas devendo ser vivenciadas como serviço de amor à comunidade. Desde o início estava presente em Chiara e suas primeiras companheiras, a convicção de que a possibilidade do acesso à santidade (no sentido de virtuosidade religiosa) não devia ser monopólio dos clérigos e religiosos mas de todos. Somente mais tarde, com o Concílio Vaticano II a Igreja destacará oficialmente esta possibilidade de santidade para todos e, aliás, a colocará como uma vocação de todo o povo de Deus, e sublinhará o papel específico e imprescindível do leigo.

À diferença do tipo de engajamento leigo que prevalecia na Igreja católica antes do Concílio Vaticano II (ou mesmo depois, no caso de alguns Movimentos) em que as indicações de valores para a conduta deles era pensada e estruturada por membros da hierarquia (COMBLIN, 1983, p. 227-262), no caso dos Focolares, percebemos que o processo caminhou na direção contrária: uma ordem de idéias e de valores nascida de leigos e articulada por eles e que é acolhida, assumida - e não somente “aprovada” (= autorizada) - por religiosos, sacerdotes, Bispos, como orientação para a própria conduta pessoal.

De fato, ao longo do tempo a Igreja foi aprovando os vários setores que nasciam dentro do Movimento. O mais recente trata-se do setor dos Bispos. E isso é muito significativo se pensamos que eles representam o mais alto grau na linha sacerdotal, ou

²⁸ Weber usa a expressão referindo-se à situação econômica de certas camadas sociais.

dos especialistas do sagrado e, portanto, na hierarquia, que compõe, junto com o Papa, o Magistério da Igreja, e portanto, ainda, aqueles que em última instância detêm a autoridade e o “carisma” (em sentido teológico) de instrução e formação espiritual dos leigos e religiosos.

Pode-se dizer que até a aprovação dos estatutos por Paulo VI, em 1964, o Movimento viveu uma situação de expectativa dentro da Igreja. Era o período que antecedeu o Vaticano II e o seu perfil extrapolava os esquemas previstos até então pelo Direito Canônico preanunciando necessidades de mudanças e portanto diagnosticando uma fase de transição dentro da Igreja católica.

Instaurara-se uma situação de conflito, mas este estava imbuído no próprio conteúdo da mensagem religiosa de Chiara enquanto questionadora de uma práxis religiosa vigente contraditória com o ideal de vida evangélico em muitos pontos ao mesmo tempo que propunha uma retomada de consciência por parte da Igreja (clero e leigos) e um conseqüente “retorno às origens do cristianismo”.

Conforme os ideais propostos pelo Movimento dos Focolares, a vida cristã não deve se reduzir somente a formalidades rituais como ir à missa recitar o terço, observar os mandamentos, seguir as orientações da Igreja instituição – embora essas práticas não estejam ausentes. Chiara interpreta a sua pessoal experiência e a de todos os que seguem o seu Ideal, como sendo uma conversão ao radicalismo do amor evangélico, uma re-orientação da própria vida conforme os valores religiosos propostos por Jesus.

Nas suas palavras:

É um Evangelho que nós não conhecíamos antes. Onde está a beatice, a cantilena das orações vazias, a fé transformada em hábito, o Deus inacessível? Não, esta não é a religião de Jesus Cristo. Ele age como Deus. Por pouco que demos, Ele nos plenifica de dons. Estamos sozinhos e nos encontramos circundados por mil mães, mil pais, mil irmãos, irmãs, por mil coisas, que podemos distribuir a quem não tem (LUBICH, 1984, p. 16).

E essa foi a experiência pessoal de Ginetta conforme ela mesma narra:

A coisa que me tocou quando eu me encontrei com Chiara, é que ela me abriu um mundo que eu não conhecia, o mundo do sobrenatural, eu não sabia que Deus está entre nós, eu procurava talvez fora de nós, em contato com Chiara ela me fez entender que Ele está aqui entre nós. [...]. Eu sabia que existia o Evangelho, eu era cristã católica, eu ia todos os domingos à

Missa, sabia que tinha o evangelho, eu o conhecia de cor porque todos os domingos ouvia a pregação do sacerdote, mas não obstante tudo isto era um livrinho que as palavras entravam de um ouvido e saíam de outro, eu nem sabia que aquelas eram palavras de Deus, e não permanecia nada, e eu era uma cristã católica praticante, mas o dia em que eu descobri esse livrinho, ali nos refúgios aonde ela ia durante os bombardeios... (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

Neste sentido podemos também entrever na origem e na experiência do Movimento alguns elementos da categoria *seita* de Tröeltsch (1987, p. 134-144). Se tomarmos também esta como um *tipo ideal*, o Movimento ao seu nascer assumiu aquele caráter de contestação diante de uma prática religiosa institucional que se contentava em orientar os fiéis ao “mínimo necessário” da obediência aos mandamentos, ou em exigir uma *moralidade mediana*, na expressão de Weber, afastando-se daquele radicalismo típico das primitivas comunidades cristãs, em claro contraste com o mundo secular a-ético.

No caso do Movimento esses elementos se propõem a integrar-se à religiosidade institucional, no intuito de que esta readquiria traços constitutivos do cristianismo e perdidos ao longo da sua história, e não têm o objetivo de constituir um grupo desligado da Instituição católica. Portanto assumem um caráter de complementariedade e não de oposição, como é típico da seita na sua tipologia pura.

Que não houvesse, por parte do Movimento, intenção de ruptura com a Instituição, demonstra-o o fato que Chiara relata que antes de terem recebido a aprovação por parte da Igreja, ela tinha a desagradável sensação de caminhar no vazio (LUBICH, 2001cV).

Para ela, a relação com o sagrado. com Deus, passa através da relação social com a hierarquia da Igreja e, de certa forma, essas duas relações coincidem, como transparece da seguinte afirmação de Chiara (LUBICH, 2001, p. 65), referindo-se a esse período de expectativa; “Portanto, não nos sentindo perfeitamente unidos com ela [a Igreja], por causa dessa provação [= sofrimento no período de avaliação por parte da Igreja], parecia que não estivéssemos unidos a Deus”.

Além disso, ao perceberem que algo estava surgindo, no sentido de um Movimento que nascia a partir delas, decidem ir até o Bispo da cidade, na época, D. Carlo de Ferrari, para expor-lhe tudo, confiantes de que o parecer dele era o parecer de Deus conforme haviam lido no Evangelho, “Quem vos ouve a mim ouve” (Lc 10,16) –

frase relativa aos apóstolos e na interpretação da Igreja aos seus sucessores, os Bispos. D. Carlo reagiu positivamente exortando-as a irem para a frente porque “ali estava o dedo de Deus”, e aprovou o Movimento em 1947, em nível diocesano. Foi esse Bispo que recebeu o pacote de críticas e acusações ao grupo e, resolveu esclarecer a sua posição em relação ao mesmo publicando uma declaração em 1956 nesses termos:

A quem puder interessar.

O que eu penso dos Focolares é simples. Vi-os nascer na minha diocese e sempre os considerei um excepcional grupo de pessoas maravilhosas que, com sua vida – edificante sob todos os aspectos - , com seu genuíno espírito de caridade e com seu ardoroso apostolado, oferecem a “prova cabal” de que, neste pobre mundo “que caminha para a perdição”, ainda existem cristãos capazes de conquistar os cumes da virtude e as mais avançadas trincheiras do bem. Há doze anos que os acompanho, vigilante e atento, e não só jamais constatei motivo algum de censura, como sempre encontrei o mais amplo e pleno motivo de conforto e alegria, como raramente me aconteceu em mais de cinquenta anos de ministério pastoral. Já disse e escrevi outras vezes, e repito: oxalá os focolarinos fossem legiões! (FERRARI apud GALLAGHER, 1998, p. 131). [grifo do autor].

O gesto do Papa Paulo VI, ao aprovar o Movimento, definitivamente em 1964²⁹, pode ser entendido à luz de algumas mudanças que a modernidade obrigava a Igreja a levar em consideração - mesmo se ainda muito timidamente -, e entre essas a emergência da mulher em papéis de iniciativa. No caso do Movimento trata-se de uma iniciativa e liderança feminina, portanto moderna, substituindo a dupla conservadora da Igreja: homens e clero.

Na opinião do sociólogo Enzo Pace (1987, p. 118 e 121), o surgimento de Movimentos leigos na Igreja Católica, no período que segue imediatamente o Concílio Vaticano II, é um indicador sociológico de um processo de *feed-back* que se produziu no interior da Igreja Católica. Se o impulso originário do renascimento religioso provém de um gesto de Papa João XXIII e do Concílio Vaticano II, na verdade os efeitos extrapolaram as intenções e expectativas da hierarquia eclesiástica, constituindo-se como verdadeiro movimento de reforma no interior da Igreja Católica .

²⁹ No século XIII foi estabelecido em um Concílio da Igreja que não era suficiente a aprovação de uma ordem religiosa somente por parte dos Bispos, mas que era necessária a aprovação da Sé de Roma.

É neste sentido que podemos afirmar que o Movimento dos Focolares – que surge antes do Concílio Vaticano II -, embora não fosse revolucionário, trazia, implícito, um programa de reforma.

Paulo VI tinha ouvido falar do Movimento em 1955. Naquela época, ainda era Cardeal, e afirmou que “com um espírito deste tipo pode-se renovar a Igreja a partir dos seus fundamentos” (PAULO VI apud EDITORIAL, 1967, p. 1) [nossa tradução].

Paulo VI legitima sua decisão de aprovar o Movimento, naqueles moldes, apelando ao “carisma” (em sentido teológico) que reconhecia em Chiara. Mas, poder-se-ia ler, metaforicamente, nas entrelinhas do processo da sua aprovação, algo daquela descrição de Weber (1964b, 368)³⁰ sobre a situação de compromisso³¹ que segue a tentativa fracassada de o sacerdote (= alguns membros da cúria romana) eliminar o profeta (= Movimento dos Focolares)³². Essa situação de compromisso pode ser entendida como um ajustamento mútuo entre o Movimento e a Igreja instituição, ajustamento que resultou criativo. De fato, mesmo caracterizando-se por uma adequação às diretrizes hierárquicas da Igreja católica e juridicamente ligado à mesma, o Movimento nunca deixou de representar uma situação de conflito latente internamente à Igreja. Constitui-se num dos elementos que a incitam a dar novos passos na direção de uma maior internalização dos valores e abertura ao diálogo para fora de suas fronteiras; veja-se por exemplo a experiência de diálogo com outras denominações cristãs que acompanha a experiência do Movimento até mesmo antes do Concílio Vaticano II, com a atual participação de membros dessas Igrejas em graus de engajamento bastante elevados; idem para o diálogo com outras religiões; a participação de Bispos como um setor dentro do Movimento, e a presidência leiga e feminina, de um Movimento nestes moldes.

³⁰ O autor afirma a existência de uma contraposição geral entre *profetismo* e *sacerdócio*. Graças ao próprio sentido da profecia, esta desvaloriza os elementos mágicos do ofício sacerdotal. O caráter sagrado de uma nova revelação está contra o sagrado da tradição e, segundo o êxito das demagogias, a classe sacerdotal celebra o compromisso com a nova profecia, a adota ou a supera, a elimina ou é eliminada.

³¹ O termo *compromisso* em português pode ser alvo de mal-entendidos devido ao significado que assume no senso comum. O sentido dado por Weber prevê uma espécie de acordo entre as duas partes, onde nenhuma é sacrificada mas ambas sobrevivem adaptando-se mutuamente.

³² Já iniciado o processo de aprovação durante o pontificado de Pio XII que via o Movimento com estima, a conclusão do mesmo deu-se com João XXIII em 1952. Em 1964 Paulo VI aprovou uma versão dos estatutos do Movimento mais conforme às idéias da Lubich, e também a sua presidência leiga e feminina – contrariamente à vontade de uma parte da Cúria romana. Instituiu a figura de um sacerdote (eleito pelo Movimento entre os seus) com função de “assistente eclesiástico” que faria a ligação simbólica com a Igreja instituição. Cf. LUBICH, 1983c, op. cit., p. 96: A leitura que Chiara faz da aprovação do Movimento pela hierarquia católica é que se tratava do mesmo Espírito Santo - que age na Igreja - e que havia inspirado a ela (Chiara) no início; portanto ela tinha a certeza de que mais cedo ou mais tarde a hierarquia eclesiástica teria entendido o Movimento.

Se considerarmos as CEBs e a Renovação carismática como dois tipos ideais de tendência de religiosidade dentro da mesma Igreja católica³³, situados nos extremos opostos de um *continuum*, poderíamos afirmar que o Movimento dos Focolares situa-se numa posição intermediária. Mas se aprofundarmos um pouco mais a análise veremos que na verdade não se trata de uma média entre fatores presentes em um ou outro dos dois extremos mas simplesmente de uma perspectiva diferente. A proposta do Movimento, de fato, encara a pertença religiosa como algo mais do que uma identidade social, implicando uma internalização dos valores e, *em decorrência disso* um engajamento dos membros na sociedade (política, economia, saúde, educação etc.) com o objetivo de transformá-la em um espaço de relações sociais e de estruturas voltadas para o homem em todas as suas dimensões. O engajamento social, portanto, não é um *opcional*, nem assume o caráter de militância política como objetivo em si mesma, e nem por mandato da hierarquia, mas decorre da própria proposta espiritual do Movimento, é inerente a essa.

1.3. As primeiras companheiras e os primeiros companheiros de Chiara

A expressão “primeiras/os companheiras/os” de Chiara, indica uma categoria sociológica dentro do Movimento, mais ainda do que uma referência cronológica. De fato, muitas delas conheceram Chiara até mesmo depois de muitas outras pessoas que continuaram a seguir os ideais de Chiara também posteriormente. Mas essas pessoas não tiveram, como aquelas, uma posição de pioneirismo na difusão e organização do Movimento³⁴.

Entre essas primeiras companheiras (14 ao todo), algumas vivem ainda (Natália Dalla Piccola, Doriana Zamboni, Gisela Calliari, Graziella De Lucca, Bruna Tommasi, Silvana Veronesi, Lia Brunet, Aletta Salizzoni, Valéria Ronchetti, Palmira Frizzera e Eli Follonari) e outras já são falecidas (Ginetta Calliari, Giosi Guella, Marilen Holzhauser).

³³ Cf. PRANDI, R. **Um sopro do Espírito**. S. Paulo: Edusp, 1997, p. 14-15.: o autor afirma, com relação às CEBs, que se trata de uma militância dos católicos no mundo de modo a promover a transformação social e que por isso atribuem menos importância à esfera da vida íntima como espaço privilegiado da religião; e caracteriza o Movimento da Renovação carismática como centralizando a vida religiosa na esfera da intimidade acentuando o controle moral no âmbito da família, e desinteressando-se completamente dos problemas de caráter coletivo e, por conseguinte, da militância política.

³⁴ Os termos “companheira” ou “companheiro”, possuem no seu significado, mais do que amizade, a nuance de uma comunhão de intentos, de valores, de ideais, no interior de um grupo, que o projeto à frente na realização de uma utopia. O seu uso entre os militantes comunistas ilustra bem, a nosso ver esse significado. Tal uso podemos presumir que não era desconhecido para Chiara, uma vez que o seu irmão era um desses militantes; mas em nenhum momento Chiara justifica o uso dos termos no Movimento, dessa maneira.

Quanto aos homens, a primeira comunidade focolare iniciou-se alguns anos mais tarde, no período depois da guerra. Entre eles, os considerados por Chiara como “primeiros” são também aqueles que se tornaram pioneiros na organização e difusão do Movimento: Marco Tecilla, Aldo Fons, Pasquale Foresi, Vittorio Sabbioni. Oreste Basso (ainda vivos), Antonio Petrilli, Enzo Maria Fondi, Giulio Marquesi, Guglielmo Boselli, Piero Pasolini, Vitaliano Buseti e Lionello Bonfanti (já falecidos).

As jovens - entre elas Ginetta -, (e mais tarde os jovens) que iniciam o Movimento junto com Chiara, passaram a atribuir a ela já desde o início, uma autoridade moral típica de quem “possui” um carisma (no sentido teológico), pois interpretavam essa nova experiência de sentido que faziam, como um dom de Deus dado a Chiara, e a elas por seu intermédio (GALLAGHER, 1998, p. 75ss). Mas também no sentido sociológico do termo, já que em tudo e por tudo estavam prontas a seguir as orientações de conduta pautadas pelos valores que Chiara sublinhava a partir da sua releitura da mensagem evangélica, e que consideravam impregnados de novidade.

Lendo os depoimentos das componentes (e mais tarde dos componentes) do grupo inicial do Movimento, vêm em evidência as expressões que alegam ter encontrado na pessoa de Chiara uma “fonte” que não se encontra em nenhum outro lugar, de ter descoberto que o próprio caminho era “seguir Chiara sem reservas”, de nunca mais “tê-la deixado” desde o momento em que entenderam a sua mensagem, enfim, de terem encontrado nela alguém que vale a pena seguir (apud GALLAGHER, 1998, 47-55)³⁵. Ginetta fala de Chiara como alguém que a impressionou porque “era uma pessoa igual a todas as outras mas ao mesmo tempo era tão diferente [...] e tinha um fascínio irresistível, todos iam atrás dela, todos deixavam tudo, não se preocupavam com nada” CALLIARI, 1980a, Mimeo).

A situação social caracterizada pela atribuição de carisma instaura novos paradigmas, novos valores. Os indivíduos sentem-se transformados, envolvidos por uma nova consciência de si mesmos e do mundo. É uma experiência intensa, um ponto “zero” que marca uma releitura da própria biografia conferindo a essa um novo começo. No grupo dá-se uma diluição de todas as fronteiras e distinções sociais e biológicas: os indivíduos chamam-se pelo primeiro nome, ou adquirem um novo nome “de guerra”³⁶ os títulos honoríficos perdem importância.

³⁵ O autor traz depoimentos das primeiras companheiras de Chiara.

³⁶ Muitas e muitos entre as primeiras focolarinas e os primeiros focolarinos, pediam a Chiara um novo nome que marcasse a transformação ocorrida em suas histórias de vida a partir do momento em que conheceram o Ideal de Chiara e a ele aderiram. Chiara havia substituído seu antigo nome *Silvia* com o de para *Chiara*, ainda quando era

Uma canção dos primeiros anos do Movimento afirma que “engenheiros, estudantes, médicos, operários e deputados, chegando em Mariápolis estão já igualados. Não contam os cargos se aqui somos irmãos”. De fato entre os que passaram a integrar o grupo, logo em seguida, junto com aquelas primeiras jovens, havia um conde, um deputado, engenheiros, arquitetos, cientistas, operários, donas de casa, enfim, representantes de todas as categorias sociais.

A intensa experiência moral e psíquica que fazem de fraternidade, leva os membros do grupo a viverem quase em uma outra dimensão tornando imperceptíveis e insignificantes as distinções. O que vem em evidência é a união do grupo, a realidade forte de que todos se sentem membros uns dos outros, numa solidariedade total (ALBERONI, 1991, p. 122).

Chiara, suas primeiras companheiras e primeiros colaboradores queriam realizar uma unidade que, na sua percepção, não era simplesmente “humana” mas “divina”, ou seja naquele mesmo grau que pensavam ter entendido que existia no Deus-Trindade conforme o que Jesus diz no Evangelho segundo João: “Que sejam um, ó Pai, como eu e tu somos um”.

Citamos, a título de exemplo, depoimentos de alguns entre os primeiros seguidores de Chiara, que ilustram esses elementos carismáticos presentes no Movimento nascente, deixando a Ginetta um espaço maior em um item posterior.

Natália Dalla Piccola, a primeira a seguir Chiara conta:

Estávamos tão inflamadas por aquilo que descobrimos em Chiara que convidávamos outras pessoas próximas para encontrá-la. Estas, por sua vez convidavam suas amigas, e assim toda a rede de pessoas que seguiam o Ideal foi crescendo. Naturalmente, tendo acabado a guerra, nós nos sentíamos de alguma forma responsáveis por todas essas pessoas. Lemos nas Escrituras como Jesus amava seus amigos: ‘Ele os amou até o fim’. Então Chiara algumas vezes escrevia uma carta-circular ou uma meditação e nós íamos, como os apóstolos, levando-as a outros grupos de amigos, a outras cidades ou vilarejos (DALLA PICCOLA apud GALLAGHER, 1998, p. 76).

dirigente na Terceira Ordem Franciscana. Ela justifica a mudança com a admiração que nutria – e nutre ainda hoje – por Clara de Assis que, à pergunta de Francisco, “O que desejas?” - quando ela foi ter com ele - respondeu simplesmente “Deus”. Ainda hoje muitos dos membros do Movimento pedem a Chiara um nome novo em sinal do novo estilo de vida que empreendem aderindo aos ideais do Movimento.

E Marco Tecilla, o primeiro rapaz que quis seguir Chiara iniciando a primeira comunidade focolare masculina narra o seu primeiro contato com Chiara:

Um dia numa destas reuniões [da Ordem Terceira Franciscana], feitas somente para homens, vimos entrar quatro ou cinco moças. Ficamos admirados com o seu entusiasmo e principalmente ao ver que uma delas – Chiara – se dirigia para a mes. Em geral ali era o lugar do... orador (TECILLA apud CASTELLANI, 1973, P. 26).

As lembranças do conteúdo daquele discurso perderam-se no tempo mas – diz ele –:

Só sei que fiquei fascinado. Os meus preconceitos caíram por terra. Fiquei conquistado. Aquele falar de Deus-Amor, de Deus como única escolha de cada um, feita com simplicidade, mas com muita firmeza, foi uma grande descoberta. [...] Entendi que devia começar uma vida completamente nova (TECILLA apud CASTELLANI, 1973, p. 27-28).

Valeria Ronchetti:

Eu não via outra coisa senão aquela vida simples e evangélica que Chiara propunha. Eu simplesmente tinha entrado naquela harmonia. [...]. Nós éramos jovens – a maioria de nós tinha menos de 20 anos. Cheias de entusiasmo, íamos em frente vivendo todas as palavras do Evangelho. Eu não me perguntava se estava no caminho certo, me preocupava a penas em correr na vivência da Palavra. [...]. Era uma revolução completa de mentalidade. Antes nos baseávamos no bom senso, nas coisas boas aprendidas com os pais e parentes ou com o pároco. Vivendo a Palavra, entendemos que Jesus possuía a lei da vida para cada homem que vem a esse mundo e para toda a criação. [...] O que havia no início não era intuição, era contemplação. Na semente dos primeiros tempos já havia tudo. [...] Mas nós não percebíamos que estávamos trazendo uma novidade: nós queríamos apenas seguir Jesus (RONCHETTI apud FARO, 2000, p. 21 e 22).

Pasquale Foresi, filho de um deputado, tornou-se o primeiro focolarino sacerdote do Movimento. Conta que no dia 31 de dezembro de 1949 conheceu Chiara pessoalmente mesmo se já fazia parte de um grupo que seguia os seus ideais:

Chiara reuniu alguns de nós, que provínhamos de várias partes da Itália para construir a unidade. Era a primeira vez que eu me encontrava com Chiara e fiquei impressionado porque aquela realidade divina da qual falava, ela a vivia plenamente. Eu nunca tinha encontrado uma santidade tão evidente. Foi isso que mais me tocou: tive a impressão de encontrar-me diante de uma alma grande, com um grande carisma. Entre as pessoas [...] havia um sacerdote [...]. Chiara e o sacerdote falaram [...]. Agora não me lembro o que Chiara disse, lembro-me apenas que aderi plenamente [...]. Chiara falava de coisas que provinham da vida, enquanto que aquele sacerdote falava de assuntos aprendidos nos livros. [No mesmo dia em um outro encontro] lembro-me de que ela falou sobre a comunhão que deve existir na vida da Igreja, e isso também me tocou profundamente. Compreendi que toda a vida da Igreja seria reformada, por meio este espírito, na sua teologia, na sua filosofia e também na sua liturgia. E não apenas a vida da Igreja, mas também a vida civil (FORESI apud FRANCESCONI, 2002, p. 10 e 11).

Doriana Zamboni, que recebia aulas particulares de Chiara, no período do colegial:

Aos 17 anos, um dia recebi um cartão de uma pessoa que não conhecia. Era de Chiara, a quem haviam dado o meu nome [e endereço]. Escreveu-me convidando-me para ir à sua casa, pois tinha algo de belo para me dizer. [...]. Chiara me recebeu, me deixou à vontade, não sei repetir o que ela me disse e em quanto tempo fiquei com ela. Sei que saí daquela casa transformada e voltei para casa correndo. Tinha a impressão de que toda a criação estivesse a meu serviço. [...] Explodia de felicidade e tinha vontade de gritar: “Encontrei!”. Não sabia o quê, mas tinha encontrado a solução para a minha vida (ZAMBONI, 2002, p. 10).

Igino Giordani não é mencionado como um dos primeiros companheiros de Chiara, no sentido que normalmente é atribuído às pessoas que foram citadas. Ele é considerado, por Chiara, um co-fundador do Movimento. Era uma personalidade poliédrica, deputado italiano, escritor, ecumenista, foi o primeiro a integrar as fileiras do Movimento como focolarino casado³⁷. Profundo conhecedor da história da Igreja, amigo

³⁷ Igino Giordani nasceu em Tivoli, Itália, aos 24 set. 1894, ferido e condecorado na Primeira Guerra Mundial, casado, com 4 filhos, deputado, escritor e jornalista. Após o encontro com Chiara tornou-se seu colaborador, como primeiro focolarino casado e, na atividade ecumênica, como diretor do Centro Uno, secretaria do Movimento para as

pessoal do Papa Paulo VI, conheceu Chiara em 1948. Quando a apresentaram a ele a sua primeira reação foi pensar que se tratasse de uma “propagandista sentimental falando de alguma utopia assistencial”(GIORDANI, 1981, p. 149), e que o Movimento do qual ela falava “um dos tantos que surgiam naquela época de pós guerra” (GIORDANI, 1974V). No entanto, ele afirma que já nas primeiras palavras dela ele percebeu algo de novo. Em um tom irônico e humorístico simultaneamente, descrevendo os segmentos sociais dentro da Igreja Católica naquela época, ele afirma também:

No meu tempo, quando era jovem, entre as duas vidas, a dos religiosos que seguiam o ideal da perfeição e a dos leigos que seguiam o ideal da imperfeição, havia um abismo. [...] Havia os sacerdotes que falavam uma língua própria, o latim, que usavam uma veste especial, que tinham o próprio Direito Canônico, que levavam a própria vida. Nós percorríamos outro caminho. [...] Quando encontrei Chiara, encontrei uma criatura que realizava de certo modo a minha aspiração. Eu tinha estudado muito os Padres da Igreja e, principalmente nos primeiros grandes padres da Igreja existe a idéia de que, entre leigos e sacerdotes ou religiosos, não existe nenhuma distinção: todos devem almejar o ideal da perfeição, da santidade. [...] Venho a conhecer Chiara, essa alma simples que não fez estudos religiosos, filosóficos, etc. Ou melhor, ela conhecia a filosofia, mas não filósofos no campo religioso, e vejo que ela entende a religião do modo de Cristo, como diz o Evangelho, com toda simplicidade. Somos todos irmãos. E como viviam numa comunidade [...] eu disse: “Gosto de estilo de vida de vocês, pois vejo que vivem 24 horas em comunhão com Deus. Até quando bebem ou falam, quando se penteiam, vocês sabem que estão na presença de Deus e agem como se estivessem tratando com ele, de tal modo que nesta casa se respira um ar diferente, divino, aqui está Cristo”. Esta era a coisa que mais me impressionava e o faziam com toda simplicidade. Eram as criaturas mais simples deste mundo. Então eu pergunto: “Mas, eu também não posso viver esta mesma vida que vocês vivem?” E ela me responde: “E quem o proíbe? Vivemos o Evangelho, nada mais do que o Evangelho”. [...]. O segundo ponto que descobri no focolare de Chiara foi este: havia comunhão de vida, não existiam diferenças entre as criaturas. De fato chamavam-se pelo nome. E como eu tinha um nome meio difícil, meio aristocrático, *Igino*, não o pronunciavam. Por seis meses fiquei sem nome, até que inventaram o nome

relações com pessoas de outras Igrejas. Em 1974, com a morte de sua esposa, passou a viver em comunidade no focolare de Rocca di Papa (Roma), onde morreu em 18 de abril de 1980. Sua vida e sua atividade em vários âmbitos tem sido objeto de Congressos e estudos acadêmicos não só na Itália.

Foco. Mas cada uma delas era chamada pelo nome, uma vez que todas eram iguais. [...]. Pelo fato de não existirem barreiras, as virgens podiam estar com os casados; também os sacerdotes podiam conviver com os leigos; as religiosas podiam estar com as mães de família. Vivia-se verdadeiramente como numa família, todos eram iguais e havia a decisiva e determinante defesa (mais do que determinante, divina) para proteger a castidade, a retidão de vida, que nos ensinava a ver Jesus no irmão. Eu não posso formular um pensamento mau ou malicioso a respeito de uma mulher, por exemplo, ou de um homem, sabendo que aquele pensamento é dirigido a Cristo, é como se eu julgasse mal Cristo (GIORDANI, 1974V).

1.4. Ginetta-Chiara: dois pólos de uma relação social

O paradigma físico biológico típico dos sociólogos do início da Sociologia, como Comte e Spencer, por exemplo, foi-se demonstrando inadequado para investigar o modo de viver dos seres humanos. A necessidade de se conferir um estatuto de cientificidade à recém-nascida disciplina, foi interpretada, no início, como devendo essa necessariamente trabalhar com a metodologia das *hard sciences*. Hoje essa idéia encontra-se bastante superada. O objeto da Sociologia é muito específico e singular e resiste a se comportar exatamente como a matéria irracional.

Talvez, poderíamos tentar um paralelo – mesmo assim muito arriscado e portanto somente metafórico -, com a física quântica – desconhecida aos pioneiros das ciências sociais - em cujo universo os acontecimentos são submetidos não a leis férreas mas a leis probabilísticas, exatamente como no mundo humano a liberdade, associada com a escolha de valores, de interesses, sob a influência de costumes e paixões, imprime na realidade social o poder, seja para a manutenção de situações, seja para a transformação das mesmas em formas novas e inusitadas³⁸.

Desse modo, assim como na base da matéria que constitui os objetos com os quais nos deparamos na vida diária, o olhar científico do físico moderno descobre a morfologia descontínua e dinâmica das interações moleculares e atômicas, de modo

³⁸ Após termos tecido tais considerações, com base em estudos anteriores feitos por nós, no âmbito da Física, encontramos em GURVITCH, 1979, op. cit., p. 75-76 um respaldo às mesmas. Esse autor após apresentar panoramicamente a evolução do pensamento das ciências sociais no que concerne as leis sociológicas, formula a própria posição perante o problema afirmando que no ato de aproximar a Sociologia da Física, na hora presente, “deveríamos, sim, renunciar a estabelecer leis; pelo menos na medida em que sob este termo se compreendem quer ‘leis causais’, quer ‘relações funcionais constantes entre fenômenos que se repetem rigorosamente’”. Com efeito, a maior parte dos físicos de hoje não admite já senão leis de probabilidade fundadas sobre estatísticas e sobre o cálculo dos grandes números, elas não são, aliás, consideradas válidas senão no domínio da ‘macrofísica’. Na ‘microfísica’, pelo contrário, dada a equação de incerteza introduzida em seguida à experimentação com electrons e os quanta, renuncia-se cada vez mais à pesquisa das regularidades estritas e mesmo das leis causais”. [grifo do autor]

análogo o cientista social descobre, por trás das complexas estruturas sociais um emaranhado dinâmico de relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Sem querer simplificar demasiadamente, tudo se passa como se colocássemos um microscópio diante da realidade social: não veríamos macro entidades abstratas como Estado, Igreja, Movimentos, Capitalismo, Família, etc., mas uma rede formada pelas ações que cada indivíduo realiza, orientando-se pela ação de outro ou de outros indivíduos, e que Weber denomina ação social, bem como pelas interações significativas, entre dois ou mais indivíduos, mutuamente orientadas por um princípio comum a eles, e às quais Weber reserva o nome de relações sociais.

É deste modo, por meio dessas ações e relações, que o social se constrói, se organiza, se mantém ou se transforma.

Por isso, o nosso estudo sobre o peso causal de Ginetta no desenvolvimento de uma realidade social como é o Movimento dos Focolares, no Brasil, deve passar necessariamente pela análise das suas ações sociais bem como das relações que se estabeleceram entre ela, Chiara e tantos outros que ela encontrou na sua trajetória de vida e que de modo especial hoje contribuem para desenhar o perfil do Movimento.

O relacionamento que se estabelece entre Ginetta e Chiara, de reciprocidade e simetria quanto ao conteúdo, fornece as bases para o agir social de Ginetta, constituindo esse mesmo conteúdo num valor para ela, e que motivará as suas ações. Possuindo essa relação social entre elas, uma base com traços do tipo carismático, todas as ações de Ginetta serão motivadas e auto-avaliadas sempre através de uma verificação da fidelidade e adequação ou não das mesmas às palavras, orientações e condutas de Chiara – expressas ou presumidas.

1.4.1. Releitura de uma história

Para Halbwachs (1990, p. 71), a memória é uma operação do presente. Ao procurar narrar a sua infância Ginetta “lê” e analisa os vários episódios à luz da sua experiência posterior de encontro com Chiara e dos valores que, ao contato com ela, constituíram-se em sua visão de mundo norteando dali em diante suas ações e opções. Tudo se passa como alguém que olhando para trás vê a estrada percorrida com todos os detalhes que durante o seu percurso lhe haviam passado despercebidos ou que agora, inseridos num conjunto maior e mais completo adquirem explicações e significados antes desconhecidos. Dois aspectos marcantes parecem emergir do perfil que a própria

Ginetta descreve em uma espécie de “auto-retrato”: uma profunda religiosidade e uma personalidade empreendedora.

Depois da Primeira Guerra Mundial Trento viveu tempos difíceis. Fazendo parte anteriormente do império austro-húngaro, a população possui uma forte memória e consciência típica dos povos nórdicos com a sua característica intrepidez. Isso explica a rapidez com a qual se realizou o processo de reestruturação da região depois da Primeira e em seguida também da Segunda Guerra Mundial. Até hoje é perceptível naquela região do norte que, a partir de Trento se prolonga até a Áustria, uma clara separação cultural do restante da Itália, com a presença de grupos com tendências separatistas e episódios de xenofobia. O processo de unificação geográfica da Itália não foi suficiente para a unificação cultural e os habitantes daquela região continuam trazendo em sua bagagem histórica o sentimento de terem sido usurpados de sua verdadeira nacionalidade austríaca.

Ginetta, herdeira desse contexto, conta que em casa era apelidada de “filha do após guerra” (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo)³⁹, pela impulsividade de seu caráter. Desde criança sonhava em ter o seu quarto pessoal para salvar a sua independência, e para isso estava disposta até mesmo a vencer o medo que sentia pelos espíritos que – acreditava – povoavam a escuridão. A autoridade não a dobrava facilmente como demonstra o episódio em que o pai não conseguiu fazê-la entrar no barril destinado a amassar as uvas, para limpá-lo. Mesmo se sentiu arrependimento ao ver que sua irmã obedecia sem se queixar.

Em outra ocasião, convenceu uma de suas irmãs a saírem de casa sem dizer nada aos pais, atraídas pelas vitrinas – símbolo da sociedade moderna capitalista que se começava a se apresentar à cidade tradicional. Na volta, pedindo uma carona, trataram de se abaixar para não serem vistas, o que, aliás, não foi suficiente para evitar a punição com a qual a mãe pontualmente as esperava.

Ao narrar a sua história de vida Ginetta sempre sublinha o fato que em casa todos tinham que concordar com suas opiniões e que estava acostumava a que os outros sempre faziam o que ela queria (CALLIARI, 1996V).

O processo de socialização de Ginetta realizou-se em um ambiente familiar e social marcadamente cristão católico. Trento era – como já acenamos – o protótipo da cidade católica. De fato, um simples exemplo pode ilustrar essa afirmação. Na catedral

³⁹ Cf. essa mesma fonte para os relatos de história oral de Ginetta que seguem.

de Trento a arquitetura interior remete o visitante imediatamente, à lembrança da basílica de S. Pedro. Trata-se de uma referência proposital simbolizando a ligação com o Papa, o desejo daquela cidade alpina que havia abrigado o *Concílio de Trento*, de manter-se fiel às decisões do mesmo, entre as quais a mais famosa foi a de considerar erradas as idéias do reformador Martinho Lutero. Na abside central da catedral de Santa Maria, onde se realizaram algumas das sessões do mesmo Concílio, domina a representação pictórica da queima dos livros – por terem sido considerados heréticos - do reformador.

O turista encontra continuamente pelas ruas de Trento capitéis nas esquinas, e um grande número de igrejas. Essas, aliás caracterizam também a paisagem da região mais abrangente das cidadezinhas ou vilarejos que constituem a província de Trento espalhada pelos vales entre as magníficas e originalíssimas montanhas dolomíticas. A imagem de torres pontiagudas de pequenas igrejas acompanham o tempo todo os viajantes que trafegam pelas ferrovias ou pelas modernas auto-estradas, quase como a lembrar constantemente os fundamentos de uma história e cultura seculares.

Assim, eram preponderantemente religiosos os conteúdos que norteavam as ações e opções até mesmo das crianças, na época da infância de Ginetta. Ela conta (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo)⁴⁰ que, em casa, era habitual a recitação do terço todas as noites de joelhos, aos domingos a participação da Missa acontecia sob qualquer circunstância, sob a neve, ou chuva e a mãe cobrava a atenção das filhas na igreja. O critério de maturidade pessoal era o respeito pelos mais velhos e pela cruz. No quarto de Ginetta havia um quadro representando Jesus diante de Pilatos.

Era fascinada pelas biografias de santos, cobiçava possuir a imagem de um crucifixo, medalhas de Nossa Senhora.

Na escola esses mesmos valores religiosos eram sublinhados para as crianças, como ilustra o fato de que a Irmã professora prometia um quadro da Virgem Maria para quem recitasse melhor o terço.

Nesse processo de socialização as pessoas eram constantemente solicitadas e impulsionadas a manter fidelidade aos princípios religiosos, seja pela comunidade familiar seja pela comunidade paroquial. De fato Ginetta conta que sua mãe muitas vezes a colocava de castigo numa cantina escura por ter dito mentiras, por pequenos furtos ou desobediência. Às vezes ela mesma se sentia culpada por alguma infração

⁴⁰ Cf. essa mesma fonte para os relatos de história oral da infância de Ginetta que seguem.

desses valores então ia se confessar. Dos seus relatos percebe-se que as pregações ouvidas na igreja eram verdadeiros veículos de formação e estímulo para a religiosidade pessoal. Ela fala da grande emoção que experimentava ao participar no meio da multidão das festividades religiosas no mês de maio (tradicionalmente dedicado a Nossa Senhora). As festividades do Natal (25 de dezembro) e de Santa Luzia (13 de dezembro) eram ocasiões nas quais se premiava as crianças pelas boas ações realizadas.

Ginetta sentia grande medo da morte, do inferno e do Purgatório. Um antigo problema de sua infância era a idéia calvinista da predestinação, e ela diz que conseguiu resolvê-lo em nível pessoal através da oração.

Percebe-se, no entanto que se tratava de uma religiosidade mais exterior do que internalizada, ética: ela tinha a certeza, por exemplo, de que possuir a medalha de Nossa Senhora salvava da danação do inferno. No dia de sua primeira comunhão Ginetta conta que ficou com a consciência atribulada pois percebeu que havia comungado duas vezes. Teria cometido um pecado mortal!?

Nesse contexto religioso, Ginetta atribuía valor e sentia atração pela vida de total dedicação aos valores religiosos, que expressava em termos de uma “consagração a Deus”:

Era o dia de São Luís: 21 de junho. A Irmã que nos dava catequese, naquele dia falou de São Luís, da virgindade. Eu não me lembro bem do que ela disse, recordo apenas um detalhe: que, no Céu, os virgens cantarão um hino, definido como “o Cântico dos Cânticos”, um hino belíssimo. E seguirão o Cordeiro (Jesus), por onde quer que Ele vá no Paraíso, cantando esse hino. Passa o tempo, quando eu estava com 16-17 anos, lembro deste fato. Naquela idade nós nos questionamos, nos encontramos diante de uma escolha e me lembrei do que aquela irmã havia falado. Eu disse a Jesus: «Eu não vou me casar, quero permanecer virgem, porque quero cantar aquele hino que está reservado aos virgens, no Paraíso. E quero Lhe seguir» (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo).

No entanto, essa aspiração de Ginetta se debate com o contexto cultural construído pela modernidade. Esta, como Weber percebeu, assinala uma autonomia por parte das várias esferas de ação, de modo que a religião, para muitos indivíduos, não só perdeu a hegemonia na orientação das condutas mas passou a ser sinônimo de antigo. A tentativa de ajustamento do empenho religioso aos tempos modernos foi muitas vezes interpretado, por parte de comunidades e associações, como abandono de qualquer

signo que pudesse denotar publicamente esse empenho, já que agora a religião fora confinada para o universo privado dos indivíduos. Mas nem sempre esse ajustamento foi feito com sucesso, sublinhando ainda mais o descompasso entre religião e modernidade, como nos demonstra esse relato de Ginetta no qual ela se apresenta como uma herdeira da modernidade até mesmo em alguns particulares que revelam o seu gosto pela moda, pela boa aparência.

Eu conhecia uma senhora que não tinha se casado nem pensava em fazê-lo, tinha permanecido virgem, em meio ao mundo e morava em casa. Mas pelo modo como se vestia, me parecia algo anterior ao Antigo Testamento (de preto, cinza, azul-marinho), usava sapatos com cadarços, um penteado estranho... Então eu dizia comigo mesma: «Se para permanecer virgens é preciso se vestir assim, pentear-se assim, eu não consigo... prefiro me casar» (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo).

1.4.2 Um encontro que revolucionou a sua vida

“O homem vale por aquilo que conhece”.

Folheando as “páginas” da vida de Ginetta esta frase aparece constantemente pronunciada por ela todas as vezes que lhe pediam para contar a sua história⁴¹. Era, portanto, uma forte convicção em Ginetta o primeiro lugar que o saber ocupava na hierarquia axiológica dos homens no processo de construção de si mesmos.

Herança intelectual implantada pela modernidade, esta convicção denota a redescoberta do indivíduo com a conseqüente centralização do mesmo no novo paradigma cultural e ao mesmo tempo a irresistível atração pela pluralidade de conhecimento que o racionalismo sufragou com o desenvolvimento e autonomização de todos os campos do saber⁴².

Compreende-se assim, o elo significativo construído por Ginetta entre esta afirmação e a descrição que ouvira sobre a pessoa de Chiara. Ambas encontram-se sempre juntas nas várias versões da sua história denotando uma tal incisividade sobre Ginetta que as carregava consigo na memória transmitindo-as sempre com as mesmas palavras:

⁴¹ Cf. CALLIARI, 1996V, op. cit.; CALLIARI, G. **História de Ginetta**. Congresso Mariápolis. Campinas, 15 jul. 1993A. Cópia do arquivo Mariápolis Ginetta que nos foi cedida; CALLIARI, 1989A, op. cit.; TESTEMUNHA, 1997, op. cit., p. 17-21.

⁴² É possível identificar as suas anotações em margem, em vários livros dos mais variados assuntos.

No dia seguinte encontrei-me diante daquele sacerdote que dirigia espiritualmente Chiara e essas jovens. Ele me perguntou o que eu queria. Conteí-lhe, em poucas palavras, o que disse a vocês. Praticamente o que é que eu queria? Eu queria Deus. Ele me disse: ‘Vá à Praça dos Capuchinhos, nº 2, e peça para falar com Chiara Lubich. É uma jovem muito inteligente’. Não me disse: ‘É uma jovem santa’, mas disse: ‘É uma jovem muito inteligente CALLIARI, 1996V).

O encontro com Chiara foi para Ginetta algo que revolucionou a sua vida. Chiara “era uma pessoa como todas as outras” – ela conta -, no entanto, trazia uma mensagem de vida fascinante e arrebatadora que imediatamente conquistou o coração de uma Ginetta sensível aos valores religiosos e possuidora de “muitos ideais pois amava a vida, a beleza, a arte, a música, principalmente a filosofia...” (CALLIARI, 1996V)⁴³. À luz de quanto Chiara lhe propunha como ideal de vida - conta Ginetta:

não há nada de extraordinário, tudo é normal, mas é tão forte, tão verdadeiro, tão penetrante, fulgurante, fascinante, que eu entendo por que nós deixávamos tudo para seguir Chiara (CALLIARI, 1996V). [...] E se falava de Deus desde o amanhecer até a noite, a toda hora Chiara nos falava de Deus, do Evangelho, da Palavra de Deus, enfim eu encontrei pela primeira vez uma pessoa cheia de luz, que fala sabedoria com o coração, que ama, eis aqui a grande novidade. Uma pessoa que ama Deus, seriamente, e que O ama no irmão, uma pessoa igual a todos os outros, era uma jovem, mas tão diferente e tinha um fascínio irresistível, todos iam atrás dela, todos deixavam tudo, não se preocupavam com nada (CALLIARI, 1980a, Mimeo).

1.4.3. A metáfora da flor rara – uma linguagem diferente

Habituada à leitura, Ginetta capta na linguagem de Chiara uma novidade de conteúdo que a envolve e atrai⁴⁴, colocando-a diante de uma opção que ela interpretou como sendo o modo de empenhar o máximo de si mesma.

⁴³ Ginetta “desenha” esse seu auto-retrato em muitas versões da sua história de vida: Cf. também CALLIARI, 1993A, op. cit. e CALLIARI, 1989A, op. cit.; TESTEMUNHA, 1997, op. cit., p.17-21

⁴⁴ Os escritos de Chiara são, na verdade, sobretudo nas primeiras décadas do Movimento, meditações, discursos e respostas dadas oralmente em encontros com os membros do Movimento e só depois receberam uma veste tipográfica. Cf. Autor do ano. **Mariápolis**. Noticiário interno do Movimento dos Focolares, (XII), n. 1, p. 6, 1995: Em 9 mar. de 1995, ela recebeu o Prêmio *Autor do Ano* da União dos Editores e Livreiros Católicos italianos, e entre as motivações da outorga consta o reconhecimento pela sua “atividade editorial eficaz, convincente e persuasiva”. Cf. também: SILVA, A. L. O. **A interação Escritor-Leitor através de escolhas lingüísticas**: um estudo em textos de Espiritualidade, Auto-ajuda e em Chiara Lubich. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, S. Paulo: Nessa pesquisa a autora

Edmundo Burke (1993, p. 178) chama a atenção para o fato de que as palavras são um significativo veículo de emoções. Os indivíduos partilham das paixões dos seus semelhantes, e quaisquer indícios desses sentimentos facilmente os comovem e atraem sua simpatia. Ao falar sobre algum assunto pode-se não apenas comunicar um conteúdo cognitivo mas também a maneira como o falante se sente com relação a ele.

Referindo-se ao que poderíamos classificar como *noesis* e *poiesis*, ele afirma:

As palavras, e certas disposições suas que, pregadas por aqueles que estão sob a influência de uma paixão, sensibilizam e comovem-nos mais do que as que tratam do assunto com muito mais clareza e precisão. Nós cedemos à simpatia o que recusamos à descrição. A verdade é que toda descrição verbal puramente simples, ainda que extremamente exata, proporciona uma idéia tão pobre e insuficiente da coisa descrita que não teria sequer o mínimo efeito se o falante não recorresse ao auxílio daqueles modos de discurso que indicam estar ele próprio tomado de um sentimento forte e vivido (BURKE, 1993, p. 180).

A linguagem de Chiara apresenta-se como nova para Ginetta, assim como é nova a situação que se estabelece entre Chiara e o novo grupo constituído ao seu redor, e que se coaduna muito bem com o estado nascente dos Movimentos, assim como as reflexões de Alberoni (1991, p. 122-123) nos ajudam a perceber. Esse autor coloca em luz o fato – de interesse para a sociolinguística - de que as novas relações sociais no grupo nesta situação inicial engendra novas significações para as condutas, novas visões de mundo. Para expressá-las faz-se necessário cunhar um novo vocabulário, novas expressões que consigam dar conta desses novos significados. Eis o que nos conta Ginetta a respeito :

Toco a campainha na Praça dos Capuchinhos, uma porta se abre e aparece uma jovem com um sorriso... Dentro de mim [digo a mim mesma]: ‘Ah, é esta a sua família...’. Diz [a jovem]: ‘Chiara está lhe esperando’. Abro uma porta, entro, e Chiara estava me esperando. Ela me pergunta o que eu quero e eu repito o que disse a vocês. Chiara me diz: ‘Você sabe quem é que pode representar a liberdade?’ – eu não sabia... – ‘É o pássaro, porque ele tem asas, voa: não toca nem a terra e nem o Céu, nada o atinge: é um rei, domina o universo. Mas se por acaso alguém quer amarrá-lo ao tronco de uma árvore, ele deixa de ser livre, está amarrado. Sabe, você chegou aqui com seis asas» –

conclui que os escritos de Chiara Lubich possuem um grau maior de interação entre escritor e leitor envolvendo este

até esta sua linguagem me agradava, mas não entendia porque tinha chegado com seis asas. E Chiara me diz: ‘Você me disse que a um certo momento sentiu que o seu ideal não era a família, não era a arte, nem a música, nem a filosofia... era Deus. Portanto, você chegou com o coração desapegado de tudo, das criaturas... com um coração cheio de Deus. Estas são duas asas. Depois você me disse que tudo o que pensava possuir não é mais seu, portanto é o desapego das coisas, dos bens. Você não está apegada aos bens: outras duas asas. Depois me disse que aqui você encontrou a possibilidade de renunciar à sua vontade para fazer a vontade de Deus. Aqui estão outras duas asas: seis asas. Disse ainda: sabe quem é o virgem?’ – e me falou da virgindade. ‘O mundo é uma floresta – disse – cheia de plantas, uma diferente da outra. Lindas, mas também com espinhos, com perigos... Você caminha nessa floresta, em meio ao verde, caminha, olha, e descobre uma flor: bela, raríssima, única, que emana um perfume que se propaga... Deus passa ao lado dessa flor, a olha e gosta dela; a ama, a corta, a vira e a planta no Céu, para que frutifique para o Reino de Deus, para a Eternidade. Depois se caminha, caminha e aparece uma outra flor, raríssima, belíssima. Não é igual à primeira, é diferente, mas é maravilhosa porque é única, rara, perfumada. Deus se aproxima, a olha, gosta dessa flor, a ama, a corta, a vira e a planta no Céu, para que frutifique para a Eternidade. E depois, uma outra... mas é preciso caminhar. E são flores raríssimas. Este é o virgem’ (CALLIARI, 1996V).

1.4.4. Uma experiência sempre presente

O Ideal proposto por Chiara vivido pelo grupo, era um marco na vida de Ginetta para quem existia um *antes* e um *depois* dessa experiência⁴⁵. Esse Ideal conduzia a uma internalização dos valores religiosos em sua vida, na direção de uma religiosidade de cunho ético, na qual o amor a Deus coincide com o amor ao ser humano. Tais valores unificam as esferas de ação nas quais se move sua existência, além de projetá-la para fora de si adensando a rede de suas ações sociais:

Quando eu era criança, ganhei de uma senhora uma cruz de metal. Como nela havia Jesus crucificado, eu queria bem a Jesus e a levava sempre no bolso ou na bolsa, quando ia à escola. À noite, colocava embaixo do travesseiro. Conversava com esse Jesus... Mas, na minha vida concreta, fazia

último no papel de ‘falante’, pois dos textos se apreende um “nós” inclusivo do leitor com o escritor.

⁴⁵ Este fato é bastante comum na fala dos membros do Movimento que, nos relatos de história oral frequentemente se expressam com as frases “antes do *Ideal*”, “depois do *Ideal*”.

o que eu queria. [...]. Ao conhecer Chiara eu percebi que o meu amor por Deus era puro sentimentalismo, porque não fazia nada em casa, deixava que minhas irmãs fizessem tudo, não fazia nada, só o que eu queria. Eu ia à igreja porque eu gostava, conversava com Jesus porque eu gostava, porém não tinha um relacionamento com os outros. O meu relacionamento era entre mim e Jesus na cruz. Mas, em contato com Chiara, eu entendi que não se pode amar a Deus, que não se vê, se não se ama o próximo, que se vê. Então entendi que eu não amava: estava iludida, pensava que amava Deus. Mas, à luz do Ideal entendi que a medida do meu amor por ele era o amor que eu tinha pelo próximo. Como eu não amava o próximo, vi que não amava nem sequer a Deus (CALLIARI, 1996V).

A fé que Chiara e o primeiro grupo professavam na Trindade, baseava-se na tradição da Igreja, uma vez que elas eram católicas, mas a essas alturas tratava-se de uma fé já “reinterpretada”, a partir de uma experiência de relações sociais de alto grau de fusão, típica de um grupo implicitamente utópico. Os elementos de novidade que caracterizam a “releitura” do Evangelho realizada por elas, trazem novas significações sobre a vida de grupo, sobre a relação entre individual e coletivo, entre autoridade e liberdade e podem ser lidos como uma possível resposta à tarefa proposta à humanidade e formulada por Mannheim naquele mesmo período em que elas iniciavam o futuro Movimento do Focolares. Mannheim, tentando visualizar a solução de conflitos em ato e que depois, teriam levado à II Guerra, afirmara:

a nossa tarefa seguinte será a de experimentar novas formas de autoridade em nossas comunidades e grupos de experiência comum. Temos de encontrar novas formas de autoridade que não se baseiem inteiramente na obediência cega nem naquela experiência de grupo espontânea que emerge gradativamente e que é o ideal dos liberais radicais ou anarquistas. Deve haver formas intermediárias entre esses dois extremos que, de um lado, não matem a espontaneidade e o discernimento inteligente, mas que, de outro, sejam aplicáveis à Grande Sociedade em que nem sempre se pode soprar até que o consenso espontâneo conduza a uma decisão (MANNHEIM, 1967, p. 69).

Em uma conversa de Ginetta com um grupo masculino de adultos e jovens do Movimento, sobre o seu relacionamento com Chiara, vêm em luz aqueles vários

elementos que ilustram a novidade contida na proposta do Ideal de vida que o grupo delas havia abraçado:

a coisa que desde o começo mais impressionava qualquer pessoa que passava pelo focolare era esta unidade que existia entre nós e Chiara. Mas era tal, era tal que não tinha quem mandava e quem obedecia, era um governo de amor. [...] Mas na realidade existiam essas três coisas que eram: quem representava ao Pai, nós que fazíamos a vontade do Pai (em relação ao Pai, então, a posição de Filho) e esse relacionamento de amor entre o Pai e o Filho, entre nós e Chiara. E sempre este Terceiro, este Espírito que nos une que faz de todos uma coisa só. É uma coisa fortíssima. É uma coisa... é a atômica. Não há nada de mais lindo, de mais belo, luminoso, de mais forte, de mais fascinante (CALLIARI, 1984bA).

No verão de 1949 Chiara e suas primeiras companheiras viveram um momento especial durante um período de férias nas montanhas. Chiara se sentiu como estivesse mergulhada na realidade divina vivendo uma experiência cognitiva e emocional que, comunicando continuamente ao grupo (mesmo aos que não estavam ali presentes), o leva também a fazer a mesma experiência. Juntos interpretam como sendo um novo entendimento, efeito de um dom de Deus feito a eles, sobre a realidade material e espiritual, humana e divina. A percepção geral é a de sentirem-se todos imersos na esfera do sagrado e de terem se tornado “uma coisa só”, um grupo compacto no qual cada um se sentia identificado com o outro, como se possuíssem uma “alma” só, os mesmos sentimentos.

Essa experiência acompanhará Chiara e os outros constantemente, tornando-se um referencial comum que os impulsionará à fidelidade aos ideais do Movimento, em todos os momentos. Aquela experiência de 1949 será para cada um a “prova”, a confirmação empírica da plausibilidade material e histórica da própria utopia do Movimento.

Aquela experiência estará sempre presente à consciência de Ginetta, das primeiras companheiras de Chiara e dos seus primeiros colaboradores. Mais tarde, cada um deles partirá para uma região diferente do mundo com o objetivo de expandir o Movimento, de seguir e sustentar o seu desenvolvimento, mas a memória coletiva do grupo formará as tramas de uma rede mundial que os manterá sempre unidos e presentes

uns aos outros, em uma comunhão, em um *nós* que ultrapassa as dimensões do tempo e do espaço físico⁴⁶.

Ginetta (CALLIARI, 1999aA) expressava-se sempre em termos de possuir um “telefone sem fio” com o qual se comunicava com Chiara. Em cada decisão a ser tomada ou atividade a ser empreendida, aquela comunhão forte e intensa vivida no início do Movimento com Chiara e as primeiras e primeiros colaboradores, fornecia as coordenadas para o seu agir indicando como aplicar às novas situações os valores partilhados pelo grupo e que haviam marcado o surgimento do Movimento.

2. Um Pensamento. O que está na base da proposta cultural do Movimento do Focolares⁴⁷

Veja, eu sou uma alma que passa por este mundo. Vi tantas coisas belas e boas e sempre fui atraída somente por elas. Um dia (dia indefinido) vi uma luz. Pareceu-me mais bela do que as outras coisas belas e a segui. Percebi que era a *Verdade*.

Chiara (LUBICH, 2003a, p. 37)⁴⁸

A releitura da sua história pessoal à luz do desenvolvimento atual do Movimento, leva Chiara a confirmar a autoria divina do mesmo e da sua qualidade [de Chiara], de instrumento do qual Deus se serviu para a historicização do projeto.

É nesse sentido que ela interpreta o episódio, de sua juventude, em 1939, de não ter sido aprovada no exame de seleção de candidatos para a Universidade Católica de Milão – onde ela acreditava que poderia ter aprendido tudo sobre Deus (LUBICH, 1991a, p. 40; LUBICH apud GALLAGHER, 1998, p. 29). Desconsolada por esse fato ela lembra de ter tido a percepção de uma voz interior que lhe dissesse: “Eu serei o teu Mestre”, voz que ela sempre atribuiu a Deus (LUBICH, 1991a, p. 40; LUBICH apud GALLAGHER, p. 30) .

⁴⁶ Note-se que, para GURVITCH, 1979, op. cit., p. 19, o grau de fusão do *Nós* na forma de comunhão pode tornar-se efetivo seja que o *Nós* esteja reunido ou que os seus componentes se encontrem distantes uns dos outros.

⁴⁷ Cf. as obras de Chiara elencadas na Bibliografia e, mais especificamente, VANDELEENE, 2003, op. cit.

⁴⁸ Trecho de uma carta de 1940. [grifo do autor]

Chiara era amante da filosofia, queria buscar e conhecer a verdade. Dava aulas particulares para Doriana Zamboni sobre o pensamento de Kant, pelo qual nutria grande admiração.

Na época em que tem início a II Guerra, Chiara encontrava-se matriculada na Faculdade de Filosofia de Veneza mas o conflito abortou o seu projeto de vida. A experiência de sentido que faz com suas primeiras companheiras a partir do Evangelho, leva-a a colocar os seus amados livros no sótão, pois – diz ela – havia compreendido que se Jesus era a Verdade, não havia por que procurá-la nos livros (LUBICH, 2002b, p. 129).

Weber, no ensaio *Ciência como vocação* (1970, p. 50) acena ao fato de que o homem religioso mais cedo ou mais tarde encontra-se na situação de ter que cumprir o “sacrifício do intelecto”, já que a esfera da fé exige total obséquio da mente do sujeito a verdades não questionáveis.

Fazendo uma divagação: na verdade, a experiência religiosa, como a experiência estética, pertencem, não tanto ao domínio da racionalidade instrumental, mas da racionalidade substantiva, ou com relação aos valores, nos termos do próprio Weber. Sendo assim – perguntamo-nos - teria ainda sentido falar de sacrifício de intelecto quando o objeto em questão não contradiz o intelecto mas simplesmente extrapola o âmbito do mesmo?

Com a distinção feita por Weber (1987, p. 43-44) entre esses dois tipos de racionalidade, ele chamou também a atenção para o fato de que racional e irracional são conceitos relativos (WEBER, 1999b, p. 140)⁴⁹, dependendo dos valores que se ergueram como normas de orientação para a vida. Assim, por exemplo, para um empresário que visa somente os lucros de sua empresa, e portanto tem que empregar meios que garantam os gastos menores possíveis para um ganho maior possível, será irracional pensar em arcar com custos maiores somente para evitar a poluição ambiental, enquanto que para um ambientalista seria essa a atitude realmente racional.

No caso de Chiara, tendo identificado na fé em Deus e nas palavras do Evangelho o valor supremo, todo o resto torna-se “fátuo e vão” (LUBICH, 2003g, p.102) para ela, e não existe nenhum livro que proporcione tanta força e amor quanto *Jesus Crucificado e Abandonado* (LUBICH, 1985, p. 60).

⁴⁹ O texto de Weber é este: “Uma coisa nunca é irracional a priori, mas de um particular ponto de vista racional. Para o incrêdo, qualquer modo de vida religioso é irracional [...] Se esse ensaio chegar a representar alguma contribuição, esta será a de ressaltar a complexidade do conceito, apenas aparentemente simples, de racionalidade”.

Alberoni (1991, p. 38) observa que “no centro do estado nascente há uma experiência fundamental, em si mesma meta-histórica, e que o grupo, em sua ação teórico-prática, sintetiza com os dados históricos e culturais da época”.

Da experiência de orientação da conduta individual e de grupo, de Chiara e suas primeiras companheiras, com base nos valores expressos no Evangelho, aos poucos, vai se configurando um conjunto articulado de idéias que explicam de modo novo os dados tradicionais da fé cristã. A este conjunto de idéias dá-se o nome, no Movimento, de *espiritualidade da unidade*.

Essas idéias motivam, por sua vez, as ações dos indivíduos e pautam os seus julgamentos de valor, o que gera uma “pequena cultura”⁵⁰ típica dos Focolares, que podemos definir como decorrente daquela nova visão de mundo que foi sintetizada, desde o início do Movimento, por Chiara, - como já foi acenado -, com o termo *Ideal*.

2.1. A dimensão estética da *espiritualidade da unidade*

Ao ouvir a história do Movimento dos Focolares ou a história do Ideal, - expressão mais comum entre seus membros - e ao conhecer a espiritualidade da unidade que é a sua estrutura valorativa, é muito freqüente ouvir dos ouvintes exclamações que identificam sentimentos mais estéticos do que racionais. Observa Chiara:

Diante daquilo que comunicávamos, iluminados pelos primeiros fulgores do carisma, o qual já revelava um desígnio divino sobre a Igreja e a humanidade, a reação de quem ouvia não era: “É verdade!” “Que bom!” Não! Era: “Que belo” (LUBICH, 2003b, p. 377)⁵¹.

A leitura feita por Chiara desse fato relaciona unidade com beleza. *Unidade* era a única “palavra” que o carisma dela começava a dizer ao mundo, “e unidade quer dizer altíssima harmonia” (LUBICH, 2003b, p. 377).

Esse aspecto da espiritualidade de Chiara encontra uma ressonância teórica no trabalho de KANTER-MOSS (1972, p. 54) o qual constata como valores recorrentes no

⁵⁰ Por cultura entendemos o conjunto de idéias, dos sistemas de valores e das instituições que caracterizam um determinado segmento da sociedade.

⁵¹ Para o conceito de beleza Cf. BURKE, E. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo**. Campinas: Papirus, 1993, p. 99: “Por beleza entendo aquela qualidade, ou aquelas qualidades dos corpos em virtude das quais eles despertam amor ou alguma paixão semelhante. Distingo igualmente o amor – nome pelo qual denoto aquele contentamento que o espírito sente ao contemplar um objeto belo, seja qual for a sua natureza – do desejo ou da luxúria, que consiste em um ardor do espírito que nos impele à posse de certos objetos que nos impressionam, não por serem belos, mas por motivos completamente diversos”

âmbito das comunidades utópicas: a perfeição, a ordem, a fraternidade, a unidade de mente, coerência de grupo. E todos esses valores têm a harmonia como tema principal, conclui o nosso autor.

Para Kant (apud DUFRENNE, 1972, p. 36 e 41) existe uma afinidade entre a experiência estética e a experiência moral, visto que na linguagem comum designamos ‘belos’, objetos que parecem fundados numa apreciação moral (um ato de coragem, ou de generosidade, por exemplo). O belo é o símbolo do bem, ele não nos ensina o que é o bem mas insinua que somos capazes de realizá-lo. O sentimento estético anuncia e prepara o sentimento moral.

A espiritualidade da unidade, constituindo-se em um conjunto de valores interpela o sujeito que a assume, na totalidade de sua existência provocando uma *metanoia*, uma transformação de dentro para fora; proporciona uma experiência de sentido. Isso torna compreensível a relação com a experiência estética sugerida pela exclamação “Que belo!” constatada acima.

Ainda sobre a relação entre a experiência estética, a experiência moral e a experiência de sentido, que envolve o sujeito na totalidade de suas faculdades, citamos Duffrenne:

O que retemos de Kant é, em primeiro lugar, a idéia de uma harmonia espontânea e feliz das faculdades; a experiência estética reconcilia-nos conosco mesmo: ao abrir-nos à presença do objeto, não renegamos nosso poder de conhecer, deixamo-nos penetrar por um sentido, sem dúvida indeterminado, mas insistente, que pode ser o símbolo de um predicado moral, como os cumes o são da pureza ou as borrascas das paixões. Além disso, o belo não estimula como um estímulo qualquer, ele inspira, mobiliza a alma inteira e a torna disponível. É sobre esse fundo que se desenham as figuras da moralidade, na medida em que requerem simultaneamente um engajamento total da pessoa e o poder de superarem o real rumo a um irreal que pode ser um ideal (DUFRENNE, 1972, p. 26).

2.2. O conteúdo da *espiritualidade da unidade*

São dez os pontos que integram a *espiritualidade da unidade* e que se constituem em orientações valorativas das ações dos membros do Movimento dos Foculares:

1) A escolha de *Deus-Amor* como tudo da vida, para todos os membros do Movimento; significa acreditar que Deus é Amor na sua essência – em termos filosóficos – e como tal não pode senão amar; o amor faz parte do modo de ser de Deus. Fazer desse conceito uma espécie de opção fundamental que orienta valorativamente as próprias ações.

2) Se Deus é Amor, tudo o que Ele quer é amor, daí a importância que se realize a *vontade de Deus* na própria vida e na história da humanidade. Fatos e acontecimentos programados ou imprevistos, deveres sociais, atividades rotineiras da vida são interpretados como expressões da vontade de Deus sobre o indivíduo e sobre a sociedade. Portanto, cada atividade, relativa às diversas esferas de ação adquirem igual importância para o sujeito. O conceito de *vontade de Deus* constitui uma pequena teodicéia em síntese ajustando cada acontecimento – mesmo os sofrimentos –, dentro de um quadro mais amplo onde tudo pode ser entendido como expressão do amor de Deus em ato ou em potencial. O que se classificaria como *mal*, nos quadros da moralidade cristã, é interpretado como permissão de Deus, causado não pela sua vontade mas pelo mau uso do livre arbítrio humano. Neste caso, Deus, teria o poder de resignificar tal situação remodelando com essa, uma nova situação de *bem*.

3) O *amor a cada pessoa entendido como amor a Jesus*, o qual considera feito a si quanto se faz ao próximo. Trata-se de ações sociais orientadas pelo valor do amor entendido como fraternidade universal, e cujo conteúdo pode ser expresso pela chamada *regra de ouro*: “Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a você”.

4) O *amor recíproco*, isto é, relações simétricas, onde as partes manifestam o mesmo sentido subjetivo, orientadas pelo valor do amor evangélico, oblato.

5) A *vivência da Palavra de Deus*, expressa nas Escrituras Sagradas. A “Palavra de Deus” assume, no sistema conceitual do Movimento, o significado de conjunto das valorações contidas nas Sagradas Escrituras e que devem orientar as ações dos sujeitos.

6) *Jesus em meio* a duas ou mais pessoas unidas pelo amor recíproco conforme a promessa de Cristo em Mt 18,20 (“Onde dois mais estão unidos em meu nome aí estou eu no meio deles”). Trata-se do estabelecimento de relações sociais simétricas orientadas pelo amor, que realizam um perfeito consenso e acordo no grupo em questão. Tal acordo e concórdia, com os consequentes sentimentos de alegria, paz, fraternidade, harmonia compartilhados por todos, são interpretados como sinais externos de uma presença invisível mas real, de Jesus, no grupo.

7) O amor a *Jesus Abandonado* reconhecido e “abraçado” nos sofrimentos pessoais e da humanidade. O sofrimento de Jesus na cruz, cujo ápice é o sentimento manifestado por Ele de abandono do Pai é relacionado a todo tipo de sofrimento individual ou social, com toda situação que expresse uma negatividade. Isto confere motivação para vivenciar tais sofrimentos, ou enfrentá-los, com a convicção de que são situações que prevêm uma saída assim como, segundo a fé cristã Jesus morreu mas depois ressuscitou. Para os membros do Movimento são ocasiões nas quais se demonstra o amor e a fé em Jesus, não permanecendo passivos mas procurando soluções.

8) A vida de *Maria* (N. Senhora) como modelo valorativo na orientação da conduta individual e coletiva. Não se trata de devoção a Nossa Senhora no sentido tradicional de uso de imagens, procissões, mas de uma internalização da vida de Maria e do seu protagonismo, segundo a religião cristã. Neste sentido o Movimento interpreta Maria como sendo o “dever ser” moral de cada pessoa, de modo geral, e de modo específico, no ato metafórico de “gerar” Jesus através da vivência do *amor recíproco* que proporciona no interior do grupo a “presença” de Jesus.

9) O respeito e obediência à *hierarquia da Igreja*. As orientações de conduta propostas pela Igreja são legitimadas, na sua assunção, pela convicção de que a Igreja expressa uma interpretação verdadeira da Palavra de Deus, conforme escrito no Evangelho: “Quem vos ouve a mim ouve” (Lc 10,16). A frase, atribuída a Jesus se refere aos apóstolos e a tradição da Igreja a interpreta como dirigida a eles e a seus sucessores, o Papa e os Bispos.

10) A atenção à *voz do Espírito Santo*. Esta voz é identificada como a voz da consciência moral individual que escolhe e estabelece as orientações de conduta baseadas nos valores da Palavra de Deus. Mas tal voz deve sempre se confrontar com o pensamento coletivo, do grupo com o qual se compartilha os mesmos valores já que, para o grupo, a concórdia é sinal da presença de Cristo entre todos e o Espírito Santo é o Espírito de Cristo.

2.2.1. Chiara, profeta?

Na teoria de Weber o conceito de *profeta* constitui um tipo ideal e está inserido no universo mais amplo de relações sociais com referência a uma só religião, e não de

pluralismo religioso. Sendo assim, está subentendido à questão formulada acima, o contexto cristão católico no qual Chiara e o grupo inicial encontravam-se a agir.

No entanto, com o passar do tempo, a aproximação de pessoas de outras tradições cristãs e de outras religiões, com o Movimento, despertou o interesse delas pela espiritualidade da unidade, seguido de uma assunção da mesma por esses novos sujeitos que passaram então a se declarar simpatizantes do Movimento dos Focolares ou – em alguns casos – membros que têm um tipo de engajamento bastante estreito, como por exemplo, participando das comunidade focolares.

O carisma profético é definido por Weber como sendo acompanhado de um conteúdo inovador ou renovador das crenças, contendo, portanto, um elemento de singularidade.

Nas declarações daquelas pessoas (muçulmanos, judeus, hindus, budistas) percebe-se a atribuição de carisma da parte delas à pessoa de Chiara e até mesmo a classificação dela como líder inovador e reformador não só do cristianismo como também das outras religiões⁵².

O diretor da Faculdade de Psicologia de Malta, Dr. Mark G. Borg (apud UM DOUTORADO NA ILHA DE MALTA, 1999, p. 10 e 13), durante a cerimônia de outorga do doutorado *honoris causa* a Chiara, em Psicologia, em 26 de fevereiro de 1999, exprimiu-se em termos de mudança antropológica como raiz das conseqüências pessoais e sociais provocadas pelo estilo de vida proposto por Chiara e o grupo inicial na Trento afligida pela Guerra. Segundo ele “esse estilo de vida ressalta um tipo de ‘relação’ para o qual convergem as perspectivas contemporâneas de diversas disciplinas. Basta citar, por exemplo, a teoria do *Eu* na Psicologia”.

Com relação às Ciências sociais, Biela (1996, p. 702), diretor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica da Polônia, é do parecer que o fenômeno social criado por Chiara, indicando a possibilidade de aplicação do novo paradigma da unidade, pode ter um importante papel inspirador que pode ser o fundamento das ciências sociais, e representar aquilo que a revolução copernicana representou para as ciências naturais”. [nossa tradução]

⁵² Cf. também RIBEIRO, S. F. O papel da religião na construção da paz. In: ARAÚJO V. C. (Org.). **Tecendo diálogos, construindo pontes: A Educação como artífice de paz**. S. Paulo: Cidade Nova, 2001, p. 109-149: nesse estudo, de nossa autoria, descrevemos brevemente o histórico e a significação que a espiritualidade de Chiara adquire junto a pessoas de outras Igrejas e de outras religiões. Cf. também RIBEIRO, S. F. **Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?** S. Paulo: Cidade Nova, 2002, p. 63-68.

O Patriarca Atenágoras I, ortodoxo, do Patriarcado ecumênico de Constantinopla, com o qual Chiara encontrou-se por 8 vezes, entrevista em Chiara uma potencialidade transformadora: “Você representa o espírito da nova Igreja [...]. Sim, a você é, com os seus companheiros, enviada por Deus, por Nossa Senhora, pela Mãe” (ATENÁGORAS apud VIAGGIO, 1970, p. 2) [nossa tradução]⁵³. E gostava de definir-se um “focolarino”: “Você é a minha filha espiritual; você tem um grande pai em Roma: o Papa; eu sou o teu segundo pai, o avô. Pode me acolher como um dos teus? Volte outras vezes para me encontrar” (ATENÁGORAS apud RADICI, 1984, p. 3) [nossa tradução].

E Bernard Pawley, um dos primeiros anglicanos a conhecer o Movimento, afirmava em 1977 por ocasião da outorga do *Prêmio Templeton* a Chiara em Londres: “Chiara toca as cordas mais profundas da alma humana” PAWLEY apud PRÊMIO, 1977F).

O líder Wallace Deen Mohammed, fundador do Movimento afro-americano *American Muslim Mission*, define Chiara como “um dom de Deus para nós, para ajudar este mundo a curar-se” (WALLACE, apud INTERVISTA, 1998V), e declara ser ela sua líder (WALLACE apud H.-G., 2000, p. 23); descreve o seu relacionamento com ela como alguém que marcou a sua vida dando algo ao seu ser, algo que dali em diante não sairá mais dele (WALLACE, apud INTERVISTA, 1998V).

Durante o último congresso dos muçulmanos amigos do Movimento dos Focolares, no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, em novembro de 2002, as expressões deles após a palestra proferida por Chiara, parecem ilustrar esse caráter universalista da mensagem proposta pelo Movimento:

Foi um dos discursos mais fortes que eu já ouvi, deu-nos o ‘tom’. Essa é a minha 3ª visita a Roma e cada vez aprendo mais a tática de como mudar o meu mundo antes de começar a mudar o mundo fora de mim (apud O RESSUSCITADO, 2002V)⁵⁴.

Penso que Chiara é uma grande líder espiritual. Fala a partir do mais profundo, fala do coração dela ao seu coração. Você sente que a espiritualidade dela torna a vida feliz. E isso é o que todas as religiões ensinam: como alcançar a felicidade (apud O RESSUSCITADO, 2002V).

⁵³ Substituímos o termo “senhora”, correspondente ao original “lei”, por “você” conforme a tradução da citação que vem logo em seguida, para uniformizar as duas citações no nosso parágrafo.

⁵⁴ Optamos por deixar no anonimato os depoentes que seguem.

Para mim a senhora Chiara é uma mulher justa, e como disse o Profeta – sobre ele a saudação e a bênção de Deus – Deus manda a cada cem anos alguém que renova a religião do seu povo. Ela é uma daquelas pessoas que dão uma alma nova aos povos porque os faz passar das trevas à luz de Deus – seja louvado Ele, o Altíssimo – e essa é a coisa mais importante para nós, no Islã (apud O RESSUSCITADO, 2002V)

Eu vi que Chiara conhece bem o significado da religião, seja a cristã, seja a muçulmana. E não faz outra coisa senão despertar esse sentimento religioso, esta brasa acesa em cada pessoa. Ela tirou o pó da estrada justa, estrada para a qual chama todos (apud O RESSUSCITADO, 2002V).

Um Imã afro-americano em outra ocasião, evidencia em sua fala a percepção de Chiara como portadora de um pensamento com capacidade iluminadora para todas as categorias sociais:

W. D. já era para nós um guia inteligente, mas era necessário que a nossa alma fosse iluminada. Chiara nos iluminou e é uma nova líder, não somente para os Estados Unidos mas para muitos, no mundo inteiro (apud INDIA, 1998, p. 13).

Um mestre do budismo theravada, da Tailândia, Ajahn Thong, durante um encontro de Chiara com 100 monjas, 70 monges, e leigos e leigas budistas tailandeses, em Chiang Mai, em 1997, justificou ao público o fato inédito da presença de Chiara, uma cristã e uma mulher, a falar àquela assembléia, dizendo:

O sábio não é nem homem nem mulher, nem criança nem adulto. Quando alguém acende uma luz na escuridão, não se pergunta quem ele é. Chiara está aqui para doar-nos a sua luz (THONG apud DIÁRIO, 1997, p. 13-14).

E um discípulo de Ajhan Thong, Luce Ardente⁵⁵, o primeiro entre eles a ter contato com Chiara na Itália, respondeu a quem o interrogara sobre o motivo que o levou a convidar Chiara para falar aos monjes e fiéis budistas:

Porque Chiara é uma católica focolarina. É diferente de uma simples católica... Chiara é especial; ela é uma mãe altíssima (LUCE ARDENTE apud DIÁRIO, 1997, p. 8).

O Movimento hindu Savodaya e o Shanti Ashram quiseram outorgar a Chiara o Prêmio *Defensor da Paz*, em 5 jan. 2001. Naquela ocasião, o Dr. Shantilal Somaiya filho do fundador do centro cultural K. J. Somaiya, em Mumbai, fez alusão ao caráter carismático da personalidade de Chiara dizendo ter entendido através dos seus olhos que ela possui um grande ideal e que uma pessoa como ela pode mobilizar toda a sociedade (apud INDIA, 2001, p. 23-24).

E uma outra personalidade hindu, o Dr. Shri Krishnaraj Vanavarayar afirmou que é de uma mulher como Chiara e de um Movimento como o seu, o Movimento dos Focolares, que o mundo de hoje, dividido, e necessitado de unidade, precisa (apud. INDIA, 2001, p. 12-13).

Da parte de Chiara existe, desde o início, a convicção de que Deus lhe revelou algo de novo para o bem da Igreja e da humanidade. Com o passar do tempo o próprio desenrolar-se da história e o desenvolvimento e difusão do Movimento levam-na a convencer-se de que realmente ela é um instrumento de Deus (LUBICH, 1984, p. 11)⁵⁶ por ter sido depositária de um dom de Deus, de uma visão de mundo, formada por um sistema de idéias e valores que pode ser assumida por pessoas de qualquer credo religioso ou até mesmo sem nenhum referencial religioso e portanto contribuir à unidade e fraternidade universal.

No caso da Igreja Católica essa visão de mundo não vem usurpar a autoridade tradicional da Igreja, e portanto não se contrapõe ao carisma da instituição, mas insere-se ao lado deste para aprofundá-lo ou seja fazê-lo retornar à sua autenticidade e integridade originais.

Todos aqueles dez pontos da espiritualidade acima citados, fazem parte da tradição doutrinal cristã baseada no Evangelho, e que, aliás, Chiara e suas companheiras conheciam muito bem por serem pessoas engajadas na vida da Igreja. No entanto, elas dizem que tudo isso - nas condições de guerra, que faziam desmoronar todos os projetos

⁵⁵ Nome novo conferido-lhe por Chiara que significa Luz Ardente.

⁵⁶ Cf. LUBICH, C. **La fraternità in politica**. Discorso a un gruppo di parlamentari slovacchi. Bratislava, 10 mai. 2001aV; LUBICH, C. Chiara al College "Our Lady, seat wisdom". Viaggio di Chiara in África. Fontem (Camarões), 15 maio 2000V, n. SC 734. Arquivo Mariápolis Ginetta.

de vida que cada uma possuía -, foi apreendido sob uma nova luz, qualificando-se como uma real “novidade”.

No nosso caso obviamente está fora de discussão que não se trata de inovação total já que o Movimento se auto-afirma e é reconhecido pela Igreja instituição como católico, e portanto, não se ajusta, no caso de Chiara, a classificação de profecia ética, na sua tipologia pura.

Podemos notar, em vez, uma certa inovação no que concerne a prática da fé católica, e também num enfoque original de alguns pontos da doutrina católica tradicional.

Passamos agora a ressaltar alguns aspectos da espiritualidade da unidade que ilustram essa inovação.

2.2.2. *Unidade como visão de mundo*

Na visão de mundo que se expressa na *espiritualidade* típica do Movimento, um valor ocupa posição central: a *unidade*, e já no início o grupo se auto compreende com base a este conceito, ou seja, como sendo investido por Deus da missão de levar a unidade no mundo. E *Unidade* desde o início foi relacionada à já mencionada página do capítulo 17 do Evangelho de S. João, na qual, Jesus, orando, pede ao Pai “Que todos sejam um como nós somos um”, portanto, *unidade* não como sinônimo de *uniformidade* ou *homogeneização* mas - conforme a tradição cristã -, como “união sem confusão e distinção sem separação”⁵⁷.

Nas palavras de Chiara:

[...] alguns episódios conhecidos dos primeiríssimos anos. Estamos vivendo os dias de guerra. Encontramo-nos - algumas jovens e eu - num ambiente escuro, provavelmente no porão de uma casa. À luz de vela, lemos o Testamento de Jesus. Percorremo-lo por inteiro. Uma a uma aquelas palavras difíceis parecem iluminar-se e se tornam compreensíveis em toda a sua verdade. Temos a impressão de que as compreendemos. Mas sobretudo temos uma certeza: estas palavras constituem a “carta magna” da nossa vida e de tudo o que está por nascer em torno de nós (LUBICH, 1985, p. 28).

⁵⁷ Esta fórmula resumiu quanto o Concílio de Calcedônia em 451 afirmou sobre o modo segundo o qual os cristãos acreditam que em Jesus encontram-se as duas naturezas, divina e humana. Mas a fórmula presta-se também para exprimir a outra especificidade da fé cristã da unidade de natureza e trindade das Pessoas, no mesmo Deus.

Talvez seja essa acentuada insistência na *unidade* como o valor mais alto a ser perseguido que torne compreensível o seguimento de Chiara por parte de tantas pessoas antes, durante a guerra e no período do imediato pós-guerra. A experiência da I Guerra e da recém passada II Guerra, havia deixado em todos, sem dúvida, um sentimento de desilusão pelo fracasso de muitas promessas da modernidade – entre as quais a igualdade entre os seres humanos e a liberdade de imposição de ideologias – e, ao mesmo tempo, a esperança e o desejo de um novo começo. A ONU foi a veste que os estados vencedores procuraram dar à nova ordem mundial e revela que a unidade era uma demanda cultural da época, conforme encontramos expresso também por Mannheim (1967, p. 56), ainda em 1941, quando afirmara que “o mundo anela por um novo padrão de reconstrução social” e “que conserve o controle democrático e as esferas de liberdade e de livre iniciativa que são as defesas genuínas da cultura e da liberdade” (MANNHEIM, 1967, p. 55-56).

Para Weber

seja que a profecia tenha um caráter mais ético ou mais exemplar, a revelação profética sempre significa (é o que possuem em comum), em primeiro lugar para o profeta e, depois, para os seus seguidores: uma visão unitária da vida, tornada, através de uma atitude consciente, de um *sentido unitário pleno* frente a ela. A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e cósmicos têm, para o profeta, um determinado “sentido” sistemático unitário; e a conduta dos homens, para trazer-lhes a salvação, deve estar orientada por este sentido, impregnada por ele plenamente [...]. [A profecia] contém também a concepção religiosa do “mundo” como um “cosmo” caracteriza a profecia ética e exemplar (1964b, p. 363-364).

. Alguns desses elementos estão presentes no pensamento de Chiara⁵⁸. A unidade é entendida por ela, como sendo a finalidade do cosmos, estabelecida por Deus, aliás é a vida do próprio Deus que é ao mesmo tempo Uno e Trino - assim como o concebe a doutrina cristã, ou seja, uma vida onde o amor entre as Três Pessoas divinas é tal que as torna uma coisa só (um único Deus) mesmo permanecendo distintas uma da outra (o Pai não é o Filho nem o Espírito Santo e vice-versa). E essa vida, no âmbito do sagrado, deve ser transportada como modelo para o âmbito do profano.

Chiara entende, em contraposição a Kant - para quem o dogma da Trindade não significava nada na prática (CAMBÓN, 2000, p. 15) -, que é esse tipo de relação que os homens são chamados a realizar nos vários níveis de convivência social: família, comunidades, trabalho, grupo de amigos, etc. Em um escrito, em forma de oração, ela diz:

Unidade: palavra divina: [...] se os homens a pusessem em prática nas suas mais variadas aplicações, veríamos o mundo de repente parar na sua rotina, como um filme, e retomar a corrida da vida em direção oposta[...] Famílias desmembradas pelas discórdias, destruídas pelas incompreensões, pelo ódio, tornadas cadáveres pelo divórcio, recompor-se-iam. E as crianças nasceriam num clima de amor humano e divino e seriam forjados homens novos para um amanhã mais cristão. As fábricas, que muitas vezes são aglomerados de “escravos” do trabalho, com uma atmosfera de tédio, se não de blasfêmia, tornar-se iam lugares de paz, onde cada um faria a sua parte visando o bem de todos. E as escolas ultrapassariam a limitada ciência humana, colocando conhecimentos de toda espécie a serviço da contemplação eterna, que seria então aprendida nos bancos escolares como num cotidiano desvendar de mistérios intuídos a partir de pequenas fórmulas de simples leis, até mesmo dos números... E os parlamentos transformar-se-iam em lugares de encontro de homens mais empenhados no bem de todos do que na corrente que defendem, sem enganar os irmãos ou a pátria. Em suma veríamos o mundo tornar-se melhor e o Céu descer como por encanto sobre a terra e a harmonia da criação servir de moldura à concórdia dos corações. Veríamos...É um sonho! Parece um sonho! Contudo, Tu não pediste menos quando rezaste: “Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu” (LUBICH, 1983a, p. 240-241).

No seu *Mitos e mitologias políticas*, Girardet (1987, p.141-175) analisa várias expressões do imaginário político que giravam em torno da aspiração à unidade. Podemos identificar também em Chiara uma relação entre aspiração à unidade e convicção de que o mundo atual é algo que se encontra despojado do seu inicial estado de perfeição. A busca da unidade devolveria ao mesmo o seu verdadeiro ser. E essa busca tem os seus reveses políticos⁵⁹.

⁵⁸ Mesmo se Chiara sorve da doutrina cristã, o seu pensamento possui nuances de novidade na compreensão da mesma.

⁵⁹ Cf. a esse propósito o nosso III Capítulo sobre o surgimento do *Movimento Político pela Unidade* a partir do pensamento de Chiara

No entanto, asserimos que o seu pensamento se desassocia das mitologias analisadas por Girardet devido ao conteúdo que é conferido ao próprio conceito de unidade. Nas mitologias acima acenadas unidade é sinônimo de uniformidade enquanto que para Chiara a unidade comporta diversidades “fraternizadas” através do amor ao ser humano⁶⁰.

Na tentativa de explicar o que seja a unidade, nota-se que Chiara se comporta como diante de algo que se situa na órbita do sagrado, com o típico caráter *numinoso* - na expressão de Rudolf Otto (1992, p. 13ss.)⁶¹ -, que supera qualquer possibilidade de conceituação. Em uma carta de 1948, Chiara escreve em forma poética:

A unidade!

Mas, quem poderá arriscar-se a falar dela? Ela é inefável como Deus!

Pode-se sentir seus efeitos, vê-la, saboreá-la...mas é inefável!

Todos se regozijam com a sua presença, todos sofrem com a sua ausência!

É paz, é gáudio, amor, ardor, clima de heroísmo, de suma generosidade. É Jesus entre nós! (LUBICH, 1985, p. 35)⁶²

Com relação ao contexto religioso católico, a experiência vivida por esse primeiro grupo e Chiara vai mais além do que produzir uma mais profunda internalização dos valores religiosos veiculados pela doutrina cristã à qual todas elas tinham sido socializadas. Contém um elemento de novidade no próprio entendimento desta doutrina e na práxis que deriva como consequência, se considerarmos a história da teologia cristã até então.

EXCURSUS

Sabe-se que o centro da doutrina cristã, aliás, o que a distingue dos demais universos religiosos é a afirmação de que Deus é Uno na sua natureza divina (= um só Deus) e Trino nas Pessoas que possuem esta natureza (= Pai, Filho e Espírito Santo). Pode-se entender esta afirmação fazendo a analogia com o

⁶⁰ Cf. o item “2.2.5. O amor ao próximo e o amor recíproco do presente Capítulo.

⁶¹ Com o termo *numinoso*, o autor entende especificar um elemento constitutivo do sagrado que escapa a tudo o que chamamos racional, constituindo, enquanto tal, algo inefável.

⁶² Encontramos a tentativa de uma definição mais pragmática dela mesma citada em GALLAGHER J., *op. cit.*, p. 193-194: Unidade “é viver o que Jesus diz no seu Testamento. Assim como Jesus é um com o Pai, assim nós devemos ser um entre nós e também um com Jesus no Pai. E isto é possível. Porque o que liga Jesus ao Pai é o Espírito Santo. E o Espírito Santo foi trazido à terra por Jesus na sua Paixão. E foi derramado nos nossos corações. Isto é, o que ele derramou em nossos corações é a caridade [...] a mesma caridade que existe na Santíssima Trindade. Nós podemos ser, de algum modo unidos como as três Pessoas da Santíssima Trindade. Quando vivemos assim, no amor recíproco, completa e literalmente, como Jesus nos amou, criamos a unidade - que não é um esforço pessoal: é uma graça que cai sobre nós onde quer que vivamos perfeitamente o Mandamento Novo de Jesus.” Todas as vezes que a Lubich fala de caridade esta é sinônimo do amor ensinado por Cristo.

ser humano: uma mesma natureza humana em comum, mesmo se concretizada de modos distintos por duas pessoas: o homem e a mulher.

No pensamento de vários teólogos, essa tipicidade da doutrina cristã ainda não foi historicamente assumida pelos cristãos. De fato, afirmou Karl Rahner, teólogo alemão, se o dogma da Trindade, por hipótese, fosse tirado do Credo dos cristãos, poucos entre eles o perceberiam (RAHNER apud GONZALES, 1996, p. 101). Para o filósofo Giuseppe Zanghí (1988, Mimeo) este mesmo fato possui uma conexão de sentido com as características guerras em nome da religião empreendidas pelos cristãos ao longo dos séculos.

Quanto ao processo de individualização, não está ausente na sociologia (HERVIEU-LÉGER, 1999) uma corrente que o faz remontar à herança judaico-cristã sobre o tema da Aliança entre Deus e o homem, a qual apóia a salvação de cada um sobre a sua decisão pessoal de conversão.

Os teólogos do início do cristianismo definiram com maior precisão os contornos da individualização integrando o conceito de *indivíduo* àquele de *pessoa*. E aqui, os dois pilares da religião cristã - a idéia da Trindade e do Filho de Deus que morre na cruz para salvar os homens do pecado - são referenciais obrigatórios para o entendimento dessa questão. O homem, constituído *indivíduo* deve caminhar até a sua constituição plena de *pessoa*. O percurso prevê a intersubjetividade como dimensão constitutiva: na Trindade, Pai Filho e Espírito Santo embora sendo três Pessoas completamente distintas entre si (momento da individualização), constituem um só Deus (momento da integração) pelo fato que vivem o amor entre elas, num circuito contínuo: o Pai continuamente dando-se ao Filho e vice-versa. A transposição dessa circularidade para o plano humano, tem um preço, passa pela cruz, ou seja, pelo amor oblato, doação de si.

Ao longo da sua história, considerando a reflexão de teólogos atuais, essa especificidade trinitária do pensamento cristão, em cuja sombra, de certo modo foi moldada a cultura ocidental, perdeu a sua força, cedendo espaço ao puro individualismo que ia se afirmando até atingir o seu auge no período iluminista. Daí a crise: o *indivíduo* mascarou-se para apresentar-se como *pessoa*. Mas, enquanto *indivíduo* remete a particular, *pessoa* remete a universal, e na cultura moderna, o indivíduo identificou-se com a pessoa sem passar pela cruz, sem passar pelo amor, fechando-se em uma totalidade impossível (ZANGHI, 1998, p. 512). Os espíritos mais atentos procuraram - e procuram - desmascará-lo: Marx, Freud... O super-homem de Nietzsche é uma tentativa de conduzir o indivíduo para além de si mesmo. Mas atrás da máscara há somente o vazio. “A violência é a nevrose de um vazio existencial que se faz sentir sob as máscaras” (ZANGHI, 1998, p. 512).

Mais recentemente, o Concílio Vaticano II propôs, em nível de reflexão, a exemplaridade da vida da Trindade, assim como é professada pela fé cristã, para todos os âmbitos da vida social. Mas devemos notar que o Concílio se realizou nos anos de 1962 a 1965, vinte anos depois da experiência focolarina de Praça dos Capuchinhos em Trento. E o Concílio, segundo a interpretação de vários historiadores da Igreja, na verdade foi já uma síntese de aquisições teológicas pré conciliares bem como da vida de vários grupos, inclusive leigos, que vinham se adensando e constituindo novas formas de associação na Igreja.

Para Chiara, a *unidade* torna-se não só um aspecto central do seu *Ideal*, mas uma dimensão que percorre transversalmente todos os outros conferindo-lhes coerência e legitimação:

Deus, nós o encontramos na unidade. É aí que o encontra principalmente o focolarino e todo aquele que escolhe esta estrada. Somente se o encontrarmos nesta unidade é que temos a graça de encontrá-lo plenamente na Eucaristia, na Palavra, na Hierarquia...porque então Ele nos ilumina sobre todas estas realidades sobrenaturais (LUBICH, 1985, p. 39).

[...] antes de tudo (mesmo que neste “tudo” estejam incluídas as coisas mais belas, mais sagradas, como a oração, como a celebração da santa missa, etc) sejamos um! (LUBICH, 1985, p. 40).

[...] Portanto, a unidade é o nosso ideal, e não outro (LUBICH, 1985, p. 47).

Mas o que explica que mesmo passado o período crítico da guerra essa mesma mensagem continue atraindo pessoas não somente dentro do universo católico ou cristão mas também fora dele?

A dinâmica dos relacionamentos sociais está continuamente se defrontando com o perigo de precipitar no caos em todas as dimensões; a vida social não é estática, é em constante mudança porque o próprio homem é dinâmico. Além do mais a socialização nunca é total. Desse modo, a unidade – assim como é concebida pelo Movimento dos Focolares - representa e representará sempre uma meta a ser atingida ou na melhor das hipóteses, mantida, mas nunca algo de definitivamente conquistado pela humanidade, somente no “fim dos tempos”, expressão que para a doutrina cristã coincide com a futura instauração definitiva do Reino de Deus na terra.

2.2.3. A vontade de Deus como fator de unificação da vida

Como primeiro efeito, a redescoberta do Evangelho, à medida em que fazia emergir uma nova visão de mundo, para Chiara e suas primeiras companheiras, provocava uma *unificação de todas as esferas da vida*, e este é um aspecto que confere especificidade ao carisma profético, na concepção de Weber, como já mencionado anteriormente⁶³.

Chiara afirma que se antes a sua vida e de suas primeiras companheiras se estruturava em “compartimentos separados” (a hora do trabalho, da refeição, do apostolado, da oração, do estudo, do lazer, etc.) agora, com a “redescoberta” do Evangelho, tudo se unificava sob a orientação do amor a Deus: trabalhar por Ele, estudar, descansar, orar, toda a vida uma sucessão de atos de amor a Deus, reconhecendo em cada acontecimento da vida, uma *vontade de Deus* a ser realizada. Essa poderia ser *significada* (deveres “programados”, ações rotineiras da vida) ou de *beneplácito* (acontecimentos ou ações que não estavam agendadas ou programadas e portanto, não previstas, mas que todavia se apresentam ao sujeito como inadiáveis e inapeláveis).

E a *vontade de Deus* era agora entendida, sob o prisma da “descoberta de Deus-Amor”, como aquilo que de melhor uma pessoa poderia almejar ou realizar porque expressão do amor pessoal de Deus por ela.

Para Eliade (1992, p. 84) o homem religioso só se reconhece homem quando imita os deuses; ele não se concebe como algo “dado” mas “feito” pela história – a qual é concebida como história sagrada. Esse autor observa ainda que “ao imitar os deuses, o homem religioso passa a viver no tempo da origem, o Tempo mítico. Em outras palavras ‘sai’ da duração profana [do tempo] para reunir-se com um tempo ‘imóvel’, a ‘eternidade’” (ELIADE, 1992, p. 88).

Atuar na própria vida, a vontade de Deus, é sinônimo, para Chiara, de realizar um projeto que Deus tem sobre a pessoa desde a eternidade (em sentido filosófico de início do tempo) e que ao longo da vida nesta terra, a pessoa teria a possibilidade de cumprir para chegar ao Paraíso (= eternidade em sentido de fim do tempo) como personalidade perfeitamente realizada

Neste sentido podemos dizer que a *vontade de Deus* constitui uma *teodicéia* em síntese para os membros do Movimento, situando cada acontecimento dentro de um quadro mais amplo onde tudo pode ser entendido como sendo expressão do amor de Deus em ato ou em potencial.

Nesta ótica não existem ações mais, ou menos, importantes, mas ações que se qualificam como sendo ou não *vontade de Deus* naquele momento para o agente e é isso que legitima ou não o empreendimento da mesma.

Chiara compara essa unificação da vida com o arco-íris: a luz branca é o amor a Deus, expresso pela decisão de fazer em cada momento da vida a vontade dele. As sete cores do arco-íris são o produto da refração da cor branca. Na metáfora utilizada por Chiara, o arco-íris exprime os vários aspectos da vida – representados pelas sete cores – que, por sua vez, devem ser matizes, expressões do branco que simboliza o amor.

Nesta simbologia, cada cor encontra a própria expressão seja em nível individual que em nível coletivo. Assim, por exemplo, se o vermelho exprime, na dimensão individual, o aspecto da “escolha de Deus como ideal da vida” e portanto um desprendimento dos bens materiais no sentido de uso e administração dos mesmos tendo em vista não somente as próprias necessidades mas também as necessidades dos outros, na dimensão social implica na concepção e gestão da economia tendo o homem não só

⁶³ Cf. ítem anterior, 2.2.2.

como início mas também como fim do processo laborativo, o que implicaria ações racionais não só com relação a fins mas também com relação a valores.

Quanto aos níveis individual e coletivo, as demais cores corresponderiam respectivamente:

laranja: ao aspecto das relações interpessoais e intergrupais;

amarelo: ao relacionamento com o sagrado e, em nível da sociedade, abrangendo a área do Direito;

verde: aos aspectos da vida física e ambiental;

azul: aos aspectos estéticos do vestuário, da decoração da casa e urbanismo;

anil: ao aspecto do conhecimento e da cultura em geral;

violeta: aos aspectos da comunicação interpessoal e mídia.

Chiara fala em termos de “revolução arco-íris” para indicar a realização da utopia trazida pelo Movimento, nos vários âmbitos da vida individual e social. As cores, com aqueles seus respectivos significados, constituem um princípio orientador na organização de tudo o que acontece no Movimento ou que é realizado por ele, seja em nível individual na vida quotidiana nas comunidades, seja nas atividades e iniciativas empreendidas no âmbito social.

O próprio *mapa mundi* é “colorido”, no imaginário de Chiara e dos membros do Movimento, com as sete cores (LUBICH, 1969A). O branco, resultado final, expressaria a fraternidade universal resultante da partilha recíproca entre os continentes ou parte de continentes, de suas características culturais, ou seja de suas conquistas no campo espiritual e material. Esse modo de interpretar a interdependência dos povos tem origem, no pensamento de Chiara, a partir da experiência realizada pelos membros do Movimento nas várias regiões. A interação dos valores com as várias instâncias culturais, sociais e históricas nas diversas regiões do mundo levaram à intuição das potencialidades reais típicas de cada uma delas. Tais potencialidades são vistas não somente como algo existente de fato, mas também como uma “vocação” a ser realizada no “concerto das nações”.

Assim, a América do Norte e a Austrália, símbolo do capitalismo representariam o **vermelho**, seja pela situação de posse efetiva de bens – identificados na concentração de capital financeiro e no *know how* científico e técnico – seja pela “vocação” que

decorreria disso – em uma perspectiva de fraternidade universal - a partilhar essa sua riqueza com os outros povos num possível “concerto” das nações.

A África, é relacionada com a cor **laranja**. De fato, os membros do Movimento estão presentes naquele continente desde 1969, quando o Bispo da região de Fontem (Camarões) solicitou uma ajuda a Chiara na luta contra a mortalidade infantil que ameaçava extinguir um inteiro povo indígena, os Bangwa. Depois de décadas vividas na solidariedade ao povo, por pessoal técnico especializado em vários campos, o resultado foi que muitos nativos da região aderiram aos ideais do cristianismo e do Movimento. A transformação ocorrida na tribo dos Bangwa foi interpretado por Chiara como um fato emblemático que aponta para a “vocação” da África a testemunhar e irradiar o cristianismo. Mais recentemente, o rei atual dos Bangwa, filho do anterior, com o qual foram estabelecidos os primeiros contatos do Movimento, durante o período de permanência de Chiara em Fontem, decidiu adotar os valores contidos nos ideais do Movimento, como orientações para o seu governo. Diante dos efeitos civis e sociais dessa decisão (NICOSIA, 2000, p. 32)⁶⁴, o rei de uma tribo vizinha interessou-se em conhecer mais o Movimento e em incorporar na sua administração os mesmos valores NICOSIA, 2000, p. 30 e 33).

A Ásia, berço de grandes religiões mundiais, representaria a cor **amarela** pela característica espiritualidade que nutre a cultura daquele continente, e que seria a sua específica contribuição na partilha planetária. O Movimento dos Focolares fez surgir ali, com sede em Tagaitai (Filipinas) uma Escola com o objetivo de conferir aos seus membros um maior conhecimento dessas religiões, em vista de uma preparação para um diálogo inter-religioso.

O Oriente Médio, caracterizado por uma situação de guerra quase crônica, sugere a cor **verde**. Na perspectiva dos ideais evangélicos propostos pelo Movimento, a guerra é uma patologia social, portanto, justamente aquela região deve tomar para si – tendo sempre presente a perspectiva da fraternidade universal – a tarefa de se prodigar em favor da recomposição da paz, – independentemente de que lado estejam as

⁶⁴ O rei de Fontem, Lucas Njifua, narra: “[O Movimento está fazendo um trabalho] maravilhoso. Penso até que todas as pessoas daqui deveriam ser membros do Movimento dos Focolares. A doutrina que o Movimento espalha em todo o mundo diminui o número dos problemas que chegam ao meu palácio. Quem frequenta a Mariápolis procura colocar em prática tudo o que aprende, e assim encontra menos dificuldades. Já os que não frequentam, sempre vêm aqui e têm problemas de casamento, de terras, de feitiçaria [...]. [O aspecto do Movimento que mais atrai o povo Bangwa] é o aspecto religioso, que nos ensina a viver de acordo com a vontade de Deus. As outras atividades, como o hospital, são coisas secundárias. O Focolare transformou as pessoas, sobretudo ao comunicar esta presença de Deus; e o programa “Que todos sejam um” é importantíssimo. Eu vi que, se numa família existe unidade entre o marido e a mulher, então eles também são capazes de se suportarem, de se amarem, de viver em paz. O aspecto religioso nos ajudou a não fazermos guerras e também a termos uma formação moral [...]”.

responsabilidades pela guerra. E isso porque a paz é considerada como sendo a “saúde” do corpo social.

A América Latina, traria para a pauta mundial a urgência dos problemas sociais. Por isso é o continente **azul**. É daqui, segundo Chiara, que deve nascer a solução para os problemas da exclusão social e do desequilíbrio na distribuição de renda. Desde 1982 existe a Escola Social *Igino Giordani*, fundada pelo Movimento na América do Sul, com o objetivo de tornar conhecidos aos seus membros, o conteúdo da doutrina social da Igreja. E o fato de ter surgido no Brasil o projeto *EdC* – objeto do IV Capítulo do presente trabalho – é interpretado por Chiara como fazendo parte da “vocação azul” da parte sul americana do continente.

A Europa, vista como **anil**, partilharia o seu característico patrim  nio milenar de cultura intelectual. Surgiu e está se desenvolvendo na Itália, a Escola *Abbé*, composta de cerca de 30 especialistas nas várias disciplinas, de vários países, que juntamente com Chiara, estão procurando traduzir nos diversos campos do saber, o Ideal da unidade⁶⁵. Esse trabalho, porém, é destinado a se ampliar seja no sentido de sua divulga  o seja no sentido dos especialistas nele envolvidos. Além desse grupo restrito diretamente ligado a Chiara na elabora  o de reflexões, há já um outro círculo de cerca de trezentas pessoas de vários países que participam, ensaiando já a produ  o de textos e que se encontram anualmente juntamente com o grupo restrito para aprofundamentos nas várias disciplinas e planejamento de futuras iniciativas.

A região da antiga URSS    vista com a cor **violeta**. Em alguns daqueles países, os membros do Movimento encontram-se presentes desde 1958⁶⁶. Ali puderam constatar a força de coesão do comunismo que conseguiu reunir aqueles países num único bloco. Tal situa  o levava a reforçar as convic  es do grupo e o empenho em difundir os ideais do Movimento naquelas regiões, pois está implícito nesses mesmos ideais a fé de que os valores evangélicos têm a força de fazer da sociedade humana uma família.

⁶⁵ No Brasil    editada a Revista *Abbé*, como Suplemento da Revista *Cidade Nova*, que publica o resultado desses estudos.

⁶⁶ Cf. GALLAGHER, op. cit., p. 164-176: dados históricos sobre a atividade do Movimento em países do antigo Leste europeu.

2.2.4. As fontes de Deus ou manifestações do sagrado

No *Ideal* de Chiara, a vida individual e social se qualifica como espaço onde se deveria re-apresentar a vida da Trindade cristã e portanto, em certo sentido, todo o cosmos se torna sagrado, mesmo se essa sacralidade não deve ser entendida no sentido panteísta, das religiões mágicas, mas no sentido teleológico, ou seja como sendo algo que possui, nos planos de Deus, um desígnio: ser um reflexo ou sinal espiritual, ético da presença dele, assim como um quadro de certa forma revela o seu autor.

De fato, Mircea Eliade (1992) observa que para os que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de se revelar como sacralidade cósmica, de ser uma *hierofania*, ou seja manifestação do sagrado. Mas existem, para Chiara, alguns elementos que se encontram carregados de sacralidade de modo muito especial. Mesmo se a idéia em si constitui patrimônio da doutrina católica, nem sempre foi evidenciada em todos os seus elementos, com a mesma força, pela Igreja, na sua doutrina. Chiara o leva em consideração até as máximas conseqüências e os apreende e explica como “presenças” de Jesus (=Deus) ou “fontes” que colocam o sujeito em contato e em comunhão com Ele: a *Eucaristia* (“este é o meu corpo, este é o meu sangue” diz Jesus no Evangelho), a *Sagrada Escritura* - Antigo e Novo Testamento- (Palavra de Deus), a *Igreja Instituição* (“Quem vos ouve a mim ouve” , diz Jesus no Evangelho), a *voz da consciência* que é interpretada como voz do Espírito Santo), o “irmão” (ou seja o ser humano: “Tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que fizestes” diz Jesus no Evangelho) e *Jesus em nosso meio* (“Onde dois ou mais estão unidos no meu nome eu estou no meio deles”, também afirma o Evangelho).

O sentimento de incerteza, de medo, que acompanha sempre a irrupção de algo novo, faz parte da condição humana e os que trazem essa novidade devem sempre se armar de coragem para enfrentar o processo de ajustamento emocional e social que isto requer pois significa substituir situações solidificadas pelo tempo, por outras, novas, nunca vistas antes. Weber diz que a fé no carisma é forte o bastante para impulsionar os sujeitos em direção a esse “salto no escuro”. Também isso faz parte da condição humana. E isso requer coragem para enfrentar os riscos. Em um relato de Chiara, aludindo ao ponto da espiritualidade que diz respeito à “voz do Espírito Santo” que

“fala” à consciência moral do sujeito, ela narra o estado emocional que provocava nelas a consciência de estarem vivendo uma experiência nova na Igreja:

Possuíamos uma espécie de bússola para encontrar com segurança a vontade de Deus: Era uma voz sutil dentro de nós, a voz do Espírito. ‘Ouça aquela voz’, reciprocamente nos advertíamos. E naquele tempo, falar de “voz interior” era significava arriscar-se a passar por heréticos, da mesma forma como não era comum aos leigos falar do Evangelho ou falar de amor (LUBICH, 1983c, p. 223-224)).

Hoje, encontrando-se em uma situação de aprovação e estímulo do Movimento por parte da hierarquia da Igreja, Chiara afirma que possui o carisma por autoridade eclesial e divina (LUBICH, 1976A), ou seja, recebido diretamente de Deus e confirmado e legitimado pela Igreja instituição.

2.2.5. O amor ao próximo e o amor recíproco

A frase de Jesus “Tudo o que fizeres ao menor dos meus irmãos é a mim que o fizeste” é interpretada pelo grupo no sentido de que em cada ser humano se encontra, de certa forma, uma presença espiritual, ética de Jesus e portanto toda ação dirigida a cada pessoa é recebida por Jesus.

Nos escritos de Chiara vem em evidência que – como já foi acenado -, falando de *amor* ou *caridade*, ela relaciona esses termos não tanto ou não primariamente com a esfera das ações afetivas mas com a esfera racional com relação a valores.

Este modo de ver dá origem a um tipo de comportamento que Chiara sintetiza em 4 pontos que ela denomina *arte de amar*: amar a todos (sem fazer discriminação de nenhum tipo), amar por primeiro (agir tomando a iniciativa), ver Jesus em cada pessoa, e fazer-se um (agir procurando “colocar-se na pele do outro”, para dizê-lo em termos mais comuns).

Esse comportamento pauta-se por ações sociais que vão mais além do conceito de amor ao próximo presente em Kant. Para esse pensador “amar o próximo quer dizer: cumprir de bom grado cada dever para com ele” (KANT apud MUHS, 1998, p. 55). Percebe-se na definição de Kant o mesmo teor prático e racional com relação a valor, que encontramos em Chiara, mas parece-nos que ela prevê na sua definição de amor não

só os valores relativos à esfera da justiça distributiva (= dar a cada um o que lhe é devido) mas também o que a extrapola.

A *arte de amar*, que confere sentido às ações dos agentes, torna-se também uma estratégia que Chiara chama *técnica da unidade*, e que tem por objetivo a edificação da fraternidade universal. A ação conduzida segundo a arte de amar tende a suscitar no sujeito que é o objeto da ação, uma ação de mesmo sentido e então se torna recíproca; verifica-se, então, o amor recíproco que é o característico ensinado e recomendado por Jesus aos seus discípulos: “Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13,34), e que tem como efeito a presença de *Jesus em meio* e, portanto, a *unidade*. No caso, a sociabilidade no âmbito do profano, é interpretada como sendo potencializada pelo elemento sagrado.

Este mandamento torna-se central na vida dos membros do Movimento em qualquer nível de engajamento eles se encontrem, como meta a ser continuamente perseguida e mantida.

Para os membros cristãos do Movimento isso se justifica porque para eles Jesus - e tudo o que está relacionado com a fé nele - é um valor. No caso dos membros do Movimento ou simpatizantes do mesmo que seguem outros credos religiosos, o ajustamento valorativo para obter a mesma qualidade de relações sociais, é feito substituindo a expressão *amar Jesus no outro* pela sua equivalente - nos efeitos -, *amar o outro como a si mesmo*.

Chiara fala que no início [época em que o Movimento estava nascendo] não existia, entre os católicos o hábito de ler o Evangelho⁶⁷ e nem o uso da palavra *unidade*; só os comunistas a usavam (LUBICH, 1982A). Por isso – ela diz – “alguns pensavam que fôssemos comunistas. Para outros, passávamos por protestantes, pois líamos o Evangelho com muita assiduidade” (LUBICH, 1991a, p. 70). E isso levantava suspeitas e críticas dentro da Igreja, confirmando a previsão de Weber de que o carisma sempre provoca atrito com a instituição. Nessa situação de conflito latente, a percepção delas era a de se encontrarem psicologicamente e metaforicamente, rodeadas por um deserto, mesmo se Trento era uma cidade cristã. E mesmo assim ficavam impressionadas ao ver como –paradoxalmente - o Evangelho mudava o mundo, como os jovens respondiam com entusiasmo à mensagem delas (LUBICH, 1976A).

⁶⁷ Essa afirmação encontra respaldo em AMORIM, H. O protagonismo dos leigos. **Vida Pastoral**. Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral, ano 39, n. 203, nov.-dez., 1998, p.25: “[antes do Concílio Vaticano II] a própria leitura da Bíblia não era recomendada aos leigos”. O Concílio Vaticano II, com a Constituição *Dei Verbum* incentivou a leitura e o estudo da Bíblia também para os leigos.

Na *Ética Protestante* Weber acena ao fato que a Reforma quis reimplantar o radicalismo da fé na vida cotidiana. A experiência religiosa que o grupo inicial do Movimento dos Focolares fazia, lendo a “Palavra de Deus” (=Evangelho) e procurando agir sob a orientação valorativa dela, levantava suspeita porque era interpretada como prescindindo da mediação da comunidade eclesial, ou seja da Igreja institucional e portanto próxima do protestantismo.

No entanto não existia em Chiara e no seu grupo a intenção de ruptura com a instituição e de usurpação do poder eclesiástico; estavam sempre prontas a obedecer à hierarquia no que essa decidisse. Tal atitude não derivava de uma obediência “cega” exigida por uma relação de poder dentro da Igreja, dos clérigos sobre os leigos, mas nascia da convicção de que o Ideal de vida que estava se propagando por meio delas era fruto do Espírito Santo tanto quanto o era também a própria Igreja (LUBICH, 1983c, p. 96). Hoje, relendo os seus próprios escritos datados de 1951, Chiara afirma que, na verdade o que queriam era trazer de novo o amor para dentro da Igreja (LUBICH, 2002b, p. 51). E neste sentido Chiara pode ser aproximada ao tipo ideal do reformador para Weber, ou seja aquele que traz de volta a integridade da mensagem religiosa inicial. De um modo geral, ao longo da história da Igreja, o processo de institucionalização do cristianismo pode comportar uma perda de ênfase no Ideal religioso e uma maior acentuação dos cargos e dos títulos dentro de uma organização social. E Chiara quer advertir que:

O mais importante é o amor. [...] Não se vai ao Céu por ser padre ou bispo. Entra-se no Paraíso porque se ama. Enquanto padres e bispos, eles são pilares sobre os quais Cristo alicerçou sua Igreja, mas podem muito bem chegar a ir para o inferno [no sentido de não se salvarem]. Lá não se encontram nem homens nem mulheres que amaram (LUBICH, apud GALLAGHER, 1998, p. 288).

2.2.6. *Jesus no nosso meio*

Quando o amor recíproco é vivido realiza-se a *unidade*. Esta é sinal de que se verificou a promessa de Jesus: “Onde dois ou três estão unidos no meu nome eu estou no meio deles” (Mt 18,20).

A essa forte coesão do grupo, que se manifesta como *unidade*, e que é sinal e efeito, segundo o *Ideal* de Chiara, da “presença” de Jesus, ela atribui o mais alto grau na escala axiológica. *Jesus em nosso meio*, a causa ou a *unidade* efeito, muitas vezes são tomados como sinônimos e devem anteceder, segundo Chiara, qualquer atividade, qualquer prática ou ritual, qualquer valor individual. Como introdução aos Estatutos do Movimento encontramos a seguinte observação de Chiara:

A mútua e contínua caridade, que torna possível a unidade e traz a presença de Jesus na coletividade é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria a base de suas vidas em todos os seus aspectos: é a norma das normas, a premissa de qualquer outra regra.

A expressão “em nosso meio” claramente não significa um centro geométrico mas um centro ético ao redor do qual, e em base ao qual gravitam e se orientam as ações sociais dos membros do grupo. Desse modo, a espiritualidade da unidade, no que tange o ponto *Jesus em nosso meio*, valoriza a própria interação social como potencial epifania de Deus na terra. Por trás existe uma concepção antropológica muito precisa do ser humano como ser relacional – coerente com a teologia cristã segundo a qual o homem é imagem e semelhança de Deus que, por sua vez é relação entre Pai, Filho e Espírito Santo. Sendo assim, o conteúdo da interação não tem importância (dois ou mais reunidos num ambiente de trabalho, de diversão, encontros informais e outros) e sim a sua forma, ou seja a intenção de viver aquela interação nos moldes da Trindade cristã. Chamando em pauta o conceito de Simmel das formas sociais como o conteúdo epistemológico das Ciências sociais, poderíamos dizer que o significado de *Jesus em nosso meio* é o de uma forma que se repete em todos os âmbitos: não importa *quem* nem *porque* os sujeitos estão reunidos mas o *como* o fazem, ou seja, o sentido que atribuem a essa interação.

Nesse sentido parece que os ideais do Movimento se aproximam da tipologia de experiência religiosa descrita por Mannheim, ainda que, para Chiara, *Jesus em nosso meio* seja só um dos aspectos dessa experiência. Mannheim (1967, p. 156) identifica grupos religiosos que julgam “que a verdadeira experiência religiosa só se acha presente nas relações pessoais, de que quando duas ou três pessoas estão reunidas no nome de Deus, Este se acha presente”.

A expressão *Jesus em nosso meio*, em si mesma, e o significado atribuído pelo grupo, não tinham mais sido alvo de estudo teológico por parte de teólogos católicos

depois do segundo século, com Tertuliano (POVILUS, 1981; ROSSÉ, 1972). A partir dali a frase do Evangelho relativa, de Mateus 18,20, foi sempre interpretada como referindo-se à “presença” de Jesus Ressuscitado nas celebrações litúrgicas da Igreja.

Foi Calvino, entre os Reformadores do século XVI, e a tradição reformada depois dele⁶⁸, quem mais privilegiaram esse aspecto evidenciado por Chiara, colocando em evidência a importância da comunidade pequena, local, para dar visibilidade à Igreja. Compreende-se que deste fato, também podia decorrer a suspeita de protestantismo, com relação a Chiara e suas companheiras.

Chiara vai mais além do que Calvino, e amplia o círculo de possibilidade dessa presença de Cristo não só à comunidade pequena reunida mas até mesmo a duas pessoas quaisquer, independentemente do contexto ritual, até mesmo, de certa forma, se não são cristãs, desde que entre elas exista a disposição de um relacionamento de estima e valorização do outro como ser humano até o ponto de estarem prontos a darem a vida um pelo outro.

Com relação a esse aspecto, há um episódio dos primeiros tempos do Movimento, que ilustra a tensão latente entre profecia e instituição e, ao mesmo tempo, um tipo de ajustamento mútuo que contém elementos do que Weber denomina situação de *compromisso*⁶⁹ e introduz outros elementos que fogem do tipo ideal de Weber. O episódio ilustra a atitude de fidelidade de Chiara à Igreja Instituição e ao mesmo tempo o reconhecimento por parte desta de que o Ideal daquelas jovens continha elementos de novidade doutrinal.

Chiara narra que uma autoridade eclesiástica, em Trento, lhes havia proibido de usar a expressão *Jesus em nosso meio* porque era algo que extrapolava a tradição católica. Chiara transmitiu às suas companheiras o pensamento dessa pessoa e, mesmo tendo certeza de que o seu entendimento sobre *Jesus em nosso meio* era uma “inspiração de Deus” decidiram nunca mais falar sobre isso, pois para elas era igualmente importante reconhecer e obedecer à “voz de Deus” que “falava dentro” delas (através dos ditames da consciência moral e com a revelação do carisma) como também através da autoridade hierárquica da Igreja. Poucos dias depois aquela pessoa disse a uma delas

⁶⁸ Para Calvino a comunidade local é, de fato, a mãe que nutre o cristão na sua vida de fé e de caridade. Por isso ele dá muita importância à frase de Jesus “Onde dois ou três estão unidos no meu nome eu estou no meio deles” (Mt 18,20). Frases como “é preciso dar o primeiro lugar a Cristo”, “é preciso colocar Cristo em meio” são típicas dele e de um dos maiores teólogos da Igreja Reformada, Karl Barth. Cf. também LEONARD, E.G. **Storia del Protestantismo**, vol. 1. La Riforma dalle origini al 1564, Milano: 1971, p. 401.

⁶⁹ Cf. item 1.2. do presente Capítulo.

que a havia acompanhado à estação do trem: “Vocês sigam o que Chiara disser mesmo se eu falar o contrário” (apud Robertson, 1979, p. 110-111)⁷⁰.

A atitude inicial da autoridade eclesiástica expressa a sua consciência de zelador da tradição doutrinal da Igreja, e a sua decisão posterior revela abertura, coragem de enfrentar o risco e de aceitar a novidade que provinha não das fileiras da categoria dos especialistas do sagrado (sacerdotes) mas dos leigos.

Na tradição da Igreja católica acentuou-se muito o ascetismo individual, como busca da salvação, ou seja, as penitências e mortificações, como um caminho em vista de se chegar à união com Deus, isto é, à santidade. E neste caminho, muitas correntes de pensamento viram a solidão como a melhor forma de evitar distrações e obstáculos que provêm do contato com os outros.

Para Chiara e suas primeiras companheiras, a santidade, a união com Deus aconteceria não evitando o contato com as pessoas mas justamente indo até elas e estabelecendo juntos uma relação social baseada no amor evangélico. Chiara narra que desde o início elas fizeram o pacto de não quererem se tornar santas no sentido individualista sublinhado até então, que para elas parecia um debruçar-se egoisticamente sobre si mesmas. Elas queriam uma santidade – por assim dizer - “coletiva”(LUBICH, 2002b, p. 19). Mencionando o provérbio popular “Diga-me com quem andas e te direi quem és”, Chiara faz a analogia com Jesus em meio: se se vive de modo a merecer a presença dele no grupo, então será Ele, o Santo por antonomásia, que santificará cada membro do grupo.

Na percepção de Chiara *Jesus em nosso meio* não é uma idéia ou um conceito, mas uma pessoa real, que se introduz invisivelmente no grupo:

Tornava-se cada vez mais evidente que Deus nos impelia a procurar o seu reino, não só em nós, mas também entre nós. [...] Tratava-se, portanto, de irmos a Deus não sozinhas, mas juntas, de querer nos tornar santas não individualmente, mas com os outros, com muitos. [...] Hoje diríamos que este caminho indicado pelo Senhor é um caminho coletivo. Assim como os dois pólos da corrente elétrica embora contenham eletricidade, só produzem luz se forem postos em contato... do mesmo modo a caridade recíproca, unindo as nossas almas, trouxe uma nova experiência. [...] Jesus, o irmão por excelência, estava espiritualmente presente em nosso meio (LUBICH, 1984, p. 60-61)

⁷⁰ Cf. também LUBICH, 1984, op. cit., p.143-144: onde encontramos um aceno a esse fato.

Jesus em nosso meio é entendido por Chiara como a *hierofania* por excelência, ou seja, como – po assim dizer - o Deus para a época moderna (LUBICH, 2002b, p. 48). É o modo mais eficaz, portanto, segundo ela, para se falar ainda de Deus na modernidade, e fazê-lo voltar a estar “de moda”.

Pode-se observar que os valores veiculados pelo *Ideal* de Chiara e partilhado pelos seus primeiros colaboradores de modo paradigmático, e por quantos os assumirão com o passar do tempo integrando as fileiras dos membros do Movimento, opera uma integração do grupo muito forte e uma identificação das personalidades dentro do mesmo, mas conserva ao mesmo tempo um espaço de expressão individual, em uma contínua osmose entre indivíduo e comunidade.

Isso leva a pensar que o seu universo simbólico orienta as ações dos membros de maneira inovadora. De fato, dentro da sociedade cristã católica, adquire significado o fato de que Bispos teólogos, representantes oficiais da intelectualidade porque especialistas do sagrado, dêem seu depoimento favorável a esse respeito⁷¹.

2.2.7. *Jesus Abandonado*

Aspecto central, ao lado da *unidade*, e que constitui o “segredo” para realizá-la efetivamente, segundo Chiara, é quanto, usualmente, é chamado, no Movimento, de *Jesus Abandonado*.

Com esta expressão Chiara entende Jesus no momento em que na cruz grita “Deus, meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27,46), e portanto num momento em que se encontra “suspenso entre a terra e céu, abandonado pelo Pai e renegado pelos homens”.

Jesus Abandonado, na concepção de Chiara, é a síntese de todos os sofrimentos individuais e coletivos, de toda situação de negatividade porque, conforme a teologia cristã, Ele carregou sobre si o pecado de toda a humanidade - o qual está na origem de

⁷¹ HEMMERLE K., *Prefácio* a LUBICH C. **Cristo entre nós**. S. Paulo: Cidade Nova, [s.d], p. 10: “O pensamento de Chiara Lubich a respeito da presença de *Jesus em meio* sustenta-se e justifica-se por si mesmo. Mas ao mesmo tempo assinala, eu diria, um momento histórico. É que aflora na Igreja um carisma que ilumina de maneira diferente sua origem e sua essência, tomando nova forma e oferecendo novas possibilidades de vivência. Este carisma se ilumina e se fortalece no contexto teológico”. CASTELLANO, J. C. Introdução. In: LUBICH, 1985, op. cit. p 12: “Não há dúvida de que uma sabedoria sobrenatural, um carisma do Espírito Santo esteve à base dessa descoberta tão nova e tão profunda, até mesmo – eu diria – praticamente inédita na Igreja até este momento, embora intuída e anunciada na espiritualidade cristã [...]”. CASTELLANO, J. C. apud LUBICH, C. **Una via nuova: la spiritualità dell’unità**. Roma: Città Nuova, 2002b, p. 15: “Mas aquele ‘algo mais’ que o Movimento nos oferece com a espiritualidade coletiva é a visão e a praxis de uma comunhão [...] na qual existe a reciprocidade do dom, pessoal e a dimensão do se tornar ‘um’”.

toda ruptura de relacionamento com Deus, dos homens entre si e dos homens com a natureza - com todas as suas conseqüências caóticas⁷². Mas ao mesmo tempo, a morte de Cristo constitui também – na doutrina cristã - a *conditio sine qua non* para a possibilidade de reatar todos esses laços rompidos pelo pecado. Deste modo, *Jesus Abandonado*, ao mesmo tempo em que é a própria *anomi*⁷³ hipostasiada, é também o *fator nomizador*.

Um texto de Chiara, de 1949, que fornece uma síntese do seu pensamento sobre o que seja *Jesus Abandonado*, coloca em evidência este aspecto e ilustra que, para ela, *Jesus Abandonado* – como *Jesus em nosso meio* – não é uma idéia mas uma pessoa viva, real com a qual se fala, se confia, em quem se pode confiar totalmente, um companheiro sempre presente:

Tenho um só esposo sobre a terra: Jesus Crucificado e abandonado. Não tenho outro Deus senão Ele. N'Ele está todo o paraíso com a Trindade e toda a terra com a humanidade. Por isso, o que é seu é meu, e nada mais. Sua é a dor universal, portanto minha. Saí pelo mundo buscando-O em cada instante da minha vida. O que me faz mal é meu. Minha é a dor que me perpassa no presente. Minha, a dor das almas ao meu lado. Meu, tudo aquilo que não é paz, gáudio, belo, amável, sereno... Assim pelos anos que me restam: sedenta de dores, de angústias, de desesperos, de separações, de exílios, de abandonos, de dilacerações... de tudo aquilo que é Ele, e Ele é a dor. Assim, enxugarei a lágrima da tribulação em muitos corações vizinhos e, ela comunhão com meu Esposo onipotente, nos corações distantes. Passarei como fogo que consome o que deve cair e deixa em pé somente a verdade (LUBICH, 1983a, p. 29-30).

No entanto, para Chiara, “amar Jesus Abandonado” não é uma atitude com fim em si mesma mas é somente uma etapa que é preciso atravessar para se chegar à unidade que o manifesta ressuscitado, da mesma forma que a “sexta feira santa” tem o seu sentido, para os cristãos, enquanto caminho para a Páscoa.

Em muitos escritos ela enfatiza esse caráter de “passagem”, de situação provisória, embutido no amor a *Jesus Abandonado*: apreende-se que não estamos diante de um espírito masoquista que se conforma ao *status quo* mas que visa conferir sentido,

⁷² BERGER, P. **O Dossel sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. 2 ed. S. Paulo: Paulus, 1985, p. 36 passim: o autor usa a categoria de *caos* para se referir ao mundo como isento de sentido, ou seja, de uma ordem significativa.

⁷³ BERGHER, 1985, op. cit.: com o termo *anomia*, antônimo de *caos*, o autor entende o mundo dotado de significado, possuindo uma ordem.

superar o caos, a anomia, através da possibilidade de controlar os fenômenos de *regressão*, no sentido conferido por Freud.

Viver [o amor], com a medida requerida por Jesus [...], não era fácil. Em certos momentos podia ser até mesmo desencorajador... se não nos tivesse sido revelado o segredo [...] para entrar nesse estilo de vida. [...] Foi e é no amor a Ele [Jesus Abandonado] que encontramos sempre o modo e a força para manter viva a união com Deus e a comunhão entre nós, para recompô-las e aprofundá-las (LUBICH, 1991a, p. 52).

Jesus Abandonado é [...] caminho para a unidade com os irmãos porque ajuda a recompor a unidade toda vez que ela for rompida. Com efeito, pode acontecer que já se tenha experimentado aquela alegria plena, aquela paz, aquela luz, aquele ardor [...]. Mas eis que, de repente um ato de soberba, de orgulho, um impulso de egoísmo oriundo de uma ou de outra parte, faz nossa vida recair numa vida semelhante àquela que se levava antes de conhecer mais plenamente a Jesus [...] tudo perde sentido; não se compreende a razão do caminho empreendido. Falta “algo mais”: falta ele [Jesus] que tinha plenificado a nossa vida e completado a nossa alegria. É como se um sol sobrenatural desaparecesse. Que fazemos então? Naquele momento, só a lembrança do mais negro abandono – em que mergulhou a sua alma divina – pode servir de luz. [...]. Nós, agora, perturbados na alma pela pequena ou grande desunidade, conscientes de participar um pouco daquela sua agonia, vamos ao fundo do coração e abraçamos a nossa dor e depois – quer tenhamos sido nós ou outros os responsáveis [...] vamos imediatamente à procura do irmão para refazer a plena harmonia. E Jesus volta para o nosso meio, e com ele volta a força e a felicidade. Jesus Abandonado é sempre a chave de toda unidade recomposta (LUBICH, 1985, p. 117-119).

O Movimento Humanidade Nova, surgido como expressão da ação do Movimento dos Focolares nos vários âmbitos da sociedade, organiza-se segundo o conteúdo valorativo das cores e tem como objetivo transformar a sociedade no sentido de humanizá-la, fazer com que as relações sociais sejam pautadas pelos valores evangélicos do amor.

Mas Chiara, nos seus escritos, quer fazer notar que o objetivo do Movimento é de caráter antes de tudo, religioso, e que é da perseguição deste objetivo que, depois, surge a renovação da sociedade:

O Movimento dos Focolares, no entanto, - e é preciso frisá-lo bem - não tem, diretamente, como objetivo, a renovação da família, da juventude ou dos vários setores da sociedade. Tampouco tem como finalidade direta, resolver os problemas das famílias religiosas, dos sacerdotes, dos seminários, das paróquias... mesmo se na prática, depois, ajude a resolver e a renovar tudo isso. O Movimento dos Focolares tem, como objetivo, contribuir para a realização do testamento de Jesus no mundo. E é por isso que seus Movimentos de amplo alcance, se dedicam à juventude, às famílias, às paróquias, à sociedade em geral, aos sacerdotes, aos religiosos; procuram criar, formar um único tecido [...] (LUBICH, 1985, p. 124) .

E as dificuldades encontradas neste empreendimento, são enfrentadas e superadas tendo em vista *Jesus Abandonado*. Para os membros do Movimento acontece como que uma substituição: no lugar da dificuldade se “vê” a presença de Cristo neste momento particular na cruz, e isso confere um significado diferente às situações de negatividade. Como acontece para a “presença” de Jesus no ser humano, que passa a ser interpretado como um “irmão”, também esta “presença” dolorosa é, para a espiritualidade de Chiara, um conceito valorativo que se torna motivação de agir histórico no tecido social e político. Afirma ela:

Perceber nas dificuldades, desvios e sofrimentos do mundo [...] o vulto de Jesus Abandonado [...]. É Ele a mola que faz desprender as melhores energias do nosso ser – especialmente de nós cristãos – em favor do homem (LUBICH, 1988A).

Também para este aspecto do Ideal de Chiara – Jesus Abandonado - vemos que existem elementos de novidade no contexto católico e de atualidade para o mundo laico.

Chiara relata que é de janeiro de 1944 a “nova” compreensão que teve de *Jesus Abandonado*. E hoje ela afirma com muita segurança: “Jesus Abandonado é o Deus do nosso tempo” (LUBICH, 2003d, p. 261).

Essa afirmação de Chiara, de fato, encontra eco na reflexão feita por pensadores como Gustav Jung (apud LUBICH, 2003c, p. 284)⁷⁴, Chesterton (1980, p. 119)⁷⁵, Camus (1972, p. 444)⁷⁶ que se interessaram pelo assunto direta ou indiretamente. Das

⁷⁴ “Aquele que exprimiu o mais alto grau de personalização a que o homem pode chegar foi justamente Jesus, quando na cruz gritou: ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’”.

⁷⁵ Jesus, naquele momento “era um Deus que pareceu, por um momento, ateu”. [nossa tradução]

⁷⁶ “A noite do Gólgota não teria uma tal importância na história dos homens se não fosse porque naquelas trevas a divindade, abandonando ostensivamente os seus privilégios tradicionais, viveu até o fim, inclusive até ao desespero, a

perspectivas deles se compreendem também as numerosas reflexões sobre o “silêncio de Deus”, sobre a relação entre Deus Amor e Auschwitz, etc.

No âmbito da teologia se refletiu sobre aquele “grito” de Cristo na cruz, mas sem que assumisse um papel teológico central, a não ser nas primeiras comunidades cristãs, devida à proximidade com o evento da morte de Cristo.

Entre os exegetas mais recentes, Schürmann afirma:

Não parece muito distante a hora em que a humanidade não suportará mais a ‘falta de orientação metafísica’ e o vazio relativo à questão do sentido, a “treva de Deus” (M. Buber), a “perda de Deus” (B. Pascal), a “morte de Deus” (de Lutero através de Hegel, até Nietzsche e até o slogan de hoje), a “falta de Deus” (Heidegger), a sua “ausência” (SCHURMANN, 1983, p. 165).

Esse exegeta vê o abandono de Jesus como revelação máxima da pró-existência de Deus pela humanidade, mas quando escreve, ele já havia tido um encontro com Chiara em 1960.

Enfim, o húmus cultural não é indiferente ao tema, mas a intuição de Chiara, já em 1944, parece, portanto, inédita para aqueles tempos. Ancorado no referencial cristão sobre a morte do Filho de Deus na cruz por amor dos homens, o pensamento de Chiara o aprofunda e tira as conseqüências: Jesus, no momento em que grita na cruz “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste” – momento auge da dor e portanto auge do seu amor -, encontra-se reduzido a *um simples homem*, à *individualidade*, não é mais *o Homem*” (LUBICH apud ZANGHI, 1998, p. 513). Desse modo, segundo Chiara, *Jesus Abandonado* torna divino o particular e demonstra como em um homem particular possa estar contido o universal.

No pensamento de Chiara, portanto, a sublimação da negatividade (sofrimentos, regressões e dificuldades de qualquer tipo) através de uma atitude positiva de amor oblato a Jesus Abandonado representado por essa negatividade, traz consigo uma proposta cultural no sentido de constituir-se em uma alternativa de chave de integração entre o particular e o universal (ou, nas palavras dela, chave da unidade), seja nas interações entre indivíduos, seja entre grupos.

angústia da morte[...] A agonia seria leve se fosse sustentada pela esperança eterna. Para que o deus seja um homem é preciso que se desespere”. [nossa tradução]

Em todos os pontos da *espiritualidade da unidade*, do Movimento dos Focolares, percebe-se aquele paradoxo entre o elemento *fascinans* e o elemento *tremendum* que, no pensamento de Rudolf Otto (1992) caracteriza o sagrado. Mas em *Jesus Abandonado*, essa característica emerge com muita ênfase.

Otto (1992, p. 211-214), discutindo sobre o valor do cristianismo e sua atualidade, ressalta o momento do Gólgota (crucificação de Jesus) como o ápice da manifestação do sagrado porque ali encontram-se radicalmente o racional com o irracional. É, segundo ele, a intuição religiosa maior que a religião pôde produzir.

Na espiritualidade da unidade em seu conjunto, podemos identificar elementos que influenciam positivamente os sujeitos por apresentarem uma certa dimensão estética – como já foi acenado –, e por calçarem bem com o imaginário popular. Desse modo, palavras como *amor*, *liberdade*, *fraternidade*, *sim*, *irmão*, bastante freqüentes no Pensamento do Movimento dispõem positivamente as subjetividades.

Nesse contexto, o conceito de *Jesus Abandonado*, presumivelmente, deveria surtir um efeito de sinal contrário. Tentando imaginar a cena da crucificação: um homem todo deformado pelos sofrimentos e torturas físicas, sangue escorrendo, choro e gritos na multidão de espectadores. Na leitura cristã do acontecimento, a cena está relacionada com valores como *perdão*, *bondade*, *amor*. E Chiara, em um escrito, em forma de oração assim exclama: “Quanto és belo, naquele infinito sofrimento, Jesus Abandonado!” (LUBICH, 1983a, p. 43). Nesse caso, não é, então, o *fascinans* que exerce a atração sobre a mente do homem religioso, mas a *fealdade*. Como explicar? São ainda as reflexões de Otto que parecem oferecer uma pista quando ele afirma que:

a fealdade, não obstante seja o contrário da beleza, não o é da proporção e da adequação. Pois uma coisa pode ser muito feia quanto às suas proporções e, contudo, perfeitamente adequada às suas finalidades. Ademais, creio que a fealdade seja bastante compatível com a idéia do sublime (OTTO, 1992, p. 125).

Ginetta (CALLIARI, 1992aA) conta que Chiara as ensinava a “conviver” com *Jesus Abandonado* no dia-a-dia. No primeiro focolare não tinham armários: *Jesus Abandonado* era “identificado” por elas na desordem que isso trazia como consequência, e “amado” através da atitude de paciência que requeria o fato de, não obstante tudo, manter a casa arrumada. Chiara varria até debaixo das latinhas que

substituíam os pés das camas – explicando para suas companheiras: “Deus me vê”, e indicando com essa frase a importância de cumprir as ações orientando-se por valores e não por interesse pessoal de popularidade ou lucratividade. O que está em jogo é uma questão de sentido: os cantos sujos representavam de certa forma uma visibilidade de Jesus Abandonado portanto não deveriam ser descurados na limpeza, pois descurá-los significaria descurar-se dele. Não se tratava de fanatismo mas de um significado novo para a vida em todos os seus aspectos e em todas as suas dimensões.

2.3. Síntese entre *misticismo* e *ascetismo intra-mundano*

Nos escritos de Chiara, emerge, com evidência, a idéia de necessidade de se estar ao passo com os tempos modernos e portanto, mergulhados nas alegrias e conquistas da humanidade, mas também nas mazelas e contradições da vida de todos, para ser instrumentos de Deus na tentativa de solução das mesmas, e ao mesmo tempo, manter um constante relacionamento com Deus, a ponto de ser “outros Jesus (= Deus)” sobre a terra, através não tanto ou não só de momentos dedicados à oração mas sobretudo de um comportamento pautado pelo amor ao próximo.

Eis a grande atração dos tempos modernos: atingir a mais alta contemplação e permanecer unido a todos, homem ao lado do homem. Mais ainda: perder-se no meio da multidão, para impregná-la de divino, como se embebe um pedaço de pão no vinho. [...] traçar sobre a multidão recamos de luz e, ao mesmo tempo, dividir com o próximo a injúria, a fome, os ultrajes e as alegrias fugazes. Porque a atração do nosso tempo, como de todos os tempos, é o que de mais humano e mais divino se possa pensar: Jesus e Maria – o Verbo de Deus, filho de um carpinteiro; a Sede da Sabedoria, mãe de família (LUBICH, 1983a, p. 11).

Neste sentido, o Ideal de Chiara pode ser analisado na sua vertente característica de espiritualidade mística e ascética ao mesmo tempo.

Para ela, quem segue o seu ***Ideal*** deve mirar a ser um receptáculo da divindade – não só pelo fato que, segundo a doutrina cristã, o homem traz em si a imagem e semelhança de Deus e, pelo Batismo torna-se “morada” da Trindade, mas também pelo contínuo exercício do amor. Isto possui elementos da tipologia do *misticismo* segundo Weber (1980, p. 241), para quem o misticismo é entendido como uma “*possessão*

contemplativa do sagrado[...], que visa a um estado de possessão, não ação, no qual o indivíduo não é um instrumento mas um ‘recipiente’ do divino”. Afirma Chiara:

Deus, que deve transparecer na nossa alma, no nosso coração, no nosso rosto, nas nossas palavras, nos nossos atos, no nosso silêncio, no nosso viver, no nosso morrer [...] podemos e devemos deixar somente um rastro luminoso da sua presença, d’Ele presente em nós, entre a matéria e as ruínas de um mundo que vive ou se desfaz [...] (LUBICH apud CERINI, 1992, p. 46-47).

Mas evidenciamos que se trata só de alguns elementos do misticismo weberiano pois, para Chiara, é igualmente importante para o sujeito, ser *instrumento* da divindade através de um empenho social que Weber (1980, p. 241) caracteriza com a tipologia *ascetismo intramundano*, ou seja, daquela ação interpretada como um desejo de Deus, pelo devoto, o qual se autocompreende, por sua vez, como um *instrumento* de Deus. Esse conceito é expresso por Chiara no seu modo característico de entender a vida do cristão como sendo uma ocasião de “emprestar” a Deus a sua humanidade para que nela Ele possa “viver” e “agir” nesta terra (LUBICH, 2002b, p. 65)⁷⁷.

No pensamento de Chiara, a transformação da sociedade não significa uma intervenção “mágica” de Deus na história, mas um processo cultural de transformação dos sujeitos em “homens novos”, ou seja, fautores de uma cultura nova, pautada pelo amor, o qual engendra um novo modo de pensar e de agir. Em um texto de 1949 ela afirma:

Às vezes, pensamos que o Evangelho não resolve todos os problemas humanos e traz somente o Reino de Deus entendido num sentido unicamente religioso. Não é bem assim. Certamente não é o Jesus histórico [...] que resolve todos os problemas. Quem resolve é Jesus-nós, Jesus-eu, Jesus-tu... É Jesus no homem, naquele determinado homem [...] que constrói um ponte, abre uma estrada. Jesus é a personalidade verdadeira, mais profunda de cada um. [...] É como outro Cristo [...] que cada homem traz uma contribuição própria a todos os campos: ciência, arte, política, etc. (LUBICH, 2001, p. 120).

⁷⁷ O texto de referência é datado de 1946.

E as dificuldades encontradas neste empreendimento, são enfrentadas e superadas tendo em vista *Jesus Abandonado*, o qual se torna, assim, motor de um agir histórico no tecido social e político, como já foi mencionado anteriormente.

Nesse processo de transformação social - objetivo e utopia do Movimento dos Focolares – vem em evidência a autointerpretação do grupo como um conjunto orgânico, onde cada membro possui uma tarefa intransferível e imprescindível na constituição do todo. Aludindo às palavras do teólogo belga Jacques Leclercq⁷⁸ Chiara (2001, p. 128) afirma que a missão dela é levar o mundo nos braços para apresentá-lo a Deus. Mas isso acontecerá não no momento da sua morte mas no final dos tempos pois o seu Ideal é “Que todos sejam um”, ou seja, uma realização que compreende as ações dela e de todas as pessoas que abraçaram e abraçarão o seu Ideal de vida.

3. Uma Estratégia. O Movimento dos Focolares inspirando a Obra de Maria

Lembro-me das palavras que li com as minhas companheiras, talvez ainda em 1944, na festa de Cristo Rei: “Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da Terra como propriedade” (Sl 2,8). Pedimos com fé, daquela vez. O Movimento chegou realmente aos últimos confins da Terra. E nesse povo novo estão representados os povos da Terra inteira.

Chiara (LUBICH, 2001, p. 127)

Depois de alguns meses que Chiara e suas primeiras companheiras haviam empreendido o novo estilo de vida baseado nos valores evangélicos, eram cerca de 500, as pessoas de todas as idades, homens e mulheres, de todas as vocações e todos os segmentos sociais que seguiam o *Ideal* delas (LUBICH, 1984, p. 15).

O grupo masculino surgiu em 1945 (GALLAGHER, 1998, p. 95-108; CASTELLANI, 1973, p. 26-29) quando Marco Tecilla, irmão de uma das jovens que passaram a seguir o ideal de Chiara foi convidado a participar de uma reunião de jovens da *Ação Católica* na qual Chiara tinha sido convidada a falar. Ficou impressionado ao ouvir Chiara⁷⁹, por isso aceitou imediatamente o convite do padre que o havia

⁷⁸ “No teu dia, meu Deus, caminharei em tua direção... Caminharei em tua direção, meu Deus [...] e com o meu sonho mais desvairado: levar para ti o mundo em meus braços”

⁷⁹ Cf. o seu relato sobre esse primeiro encontro no ítem 1.3. do presente Capítulo.

informado sobre o encontro, para ir até à casa daquelas jovens prestar seus serviços de eletricista e consertar um fogareiro. As horas de trabalho voluntário ali se delongavam sempre mais do que o necessário porque seguia com prazer as conversas das jovens e observava com curiosidade a vida diferente que levavam.

Num desses dias de trabalho no focolare de Praça dos Capuchinhos, Chiara o convidou para se sentar à mesa onde ela estava trabalhando e entre outras coisas lhe fez observar como os cristãos se comportavam como se representassem uma peça teatral “vestindo-se de cristãos” quando se vai à missa e retirando essa veste ao voltar para casa, esquecendo-se de que ser cristão significava seguir Cristo vinte e quatro horas por dia. E Marco ficou entusiasmado pensando consigo mesmo:

“Você já pensou se Jesus voltasse a viver no século XX, também ele seria um operário...” E tinha a impressão de vê-lo vestido como eu, com o meu macacão, ao lado de meus colegas. Foi isso, fiquei fascinado pela idéia de ser o Jesus do século XX (TECILLA apud CASTELLANI, 1973, p. 29).

Decidindo empreender o mesmo estilo de vida de Chiara e suas primeiras companheiras, um dia Chiara o convidou para irem visitar uma senhora. Chegando ali, já de acordo com a dona da casa, a qual colocava a disposição um pequeno cômodo, Chiara anunciou a Marco que ali poderia iniciar o primeiro focolare masculino. Até então eram Marco e Lívio.

Sob a recomendação de Chiara, foram comunicar ao Arcebispo de Trento o desejo deles de iniciarem a comunidade masculina. O Bispo levou-os ao conhecimento de que na Igreja havia uma lei eclesiástica que exigia pelo menos quatro pessoas para dar início a uma comunidade ou excepcionalmente, três. Mas eles eram dois! O que fazer? O diálogo com o Bispo se prolonga e entre vários assuntos falaram inclusive da possibilidade de cada um voltar para suas casas. Mas na hora da despedida o Bispo inesperadamente decide: “Muito bem, continuem assim. Por enquanto o terceiro serei eu” (apud CASTELLANI, 1973, p. 29. Era fins de 1948.

Depois de pouquíssimo tempo, junho de 1949, Marco teve de deixar o lugar porque a dona da casa necessitava do cômodo e além do mais Chiara havia solicitado a transferência de Lívio para Roma. Teve que se transferir para o “Galinheiro”, uma pequena casa feita de cimento sem piso e onde durante o inverno a umidade formava poças de água. No mesmo período dois outros jovens de Rovereto, uma cidade a meia

hora de Trento, haviam conhecido algumas das primeiras companheiras de Chiara e decidiram seguir o ideal dessas jovens passando a viver também eles no focolare. Eram Aldo Stedile e Carlo Cimadona.

Apesar das péssimas condições da construção em que moravam, afirma Marco: “tínhamos a impressão de viver num paraíso”, ilustrando com essas palavras a inserção deles na mesma experiência de sentido novo para a vida que Chiara e suas primeiras companheiras estavam vivendo no estado ainda nascente do Movimento.

3.1. O desempenho de Ginetta⁸⁰

Depois do encontro com Chiara, amadureceu em Ginetta o desejo de seguir o seu Ideal de vida e de passar a viver em comunidade com ela e aquelas jovens suas companheiras. Mas a mãe a havia proibido, já que isso representava a sua frustração de mãe diante da impossibilidade de um futuro casamento da filha. Ainda dessa vez, a cultura católica trentina interveio. A palavra de um sacerdote teve força suficiente para convencer a mãe tornando possível a transferência de Ginetta bem como de sua irmã Gis (Gisela) para ao focolare de Praça dos Capuchinhos, nº 2.

Antes disso, ela e sua irmã frequentavam a casa de Chiara e o mesmo abrigo público anti bombas no qual ela se refugiava com suas companheiras quando tocava o alarme, participando, assim, o mais possível, da vida daquele primeiro grupo de moças.

No escritório em que trabalhava, ela começou a falar do ideal de vida de Chiara e dela a muitos colegas os quais também passaram a se refugiar no mesmo abrigo anti bomba que elas frequentavam e no qual à luz de vela elas liam o Evangelho.

Ainda nesse período, a primeira responsabilidade que Chiara lhe confiara foi a de cuidar dos pobres, ou seja, administrar todos os víveres que chegavam, doados por quem as conhecia, para serem distribuídos àquelas pessoas economicamente desfavorecidas e com as quais elas mantinham contato.

Com seu típico humorismo Ginetta narra as peripécias para levar até o focolare de Chiara tudo o que ela pessoalmente conseguia.

O amor a Jesus Abandonado – diz ela – a impulsionava bem como à sua irmã, a levar ajuda também aos soldados alemães que, ao aproximar-se do fim da Guerra, deviam deixar a Itália. Vencidos e fisicamente prostrados deixavam-se encontrar nos

⁸⁰ Cf. CALLIARI, 1993A, op. cit. e CALLIARI G., *Autobiografia*, [s.d.1]. Mimeo.

bancos nas praças públicas, terminando frequentemente nos sanatórios tomados pela tuberculose. Com farinha açúcar e aguardente que conseguiam mesmo em época de racionamento, faziam biscoitos para levar para eles.

Ginetta constatava com quanta alegria Chiara e suas companheiras recebiam a “providência” em bens materiais quando ela lhe levava. Mas a uma certa altura Chiara lhe faz notar algo que a faz quase desfalecer, como ela mesma conta:

[Chiara me diz:] “Ginetta, eu gosto quando você vem com a providência mas eu ficaria mais contente se você viesse com as almas!”. Bom, a este ponto aqui eu tive como a impressão que Chiara naquele momento me tivesse pedido uma coisa que ia além das minhas possibilidades, que eu nunca teria podido dar uma resposta concreta a este pedido. E se eu não caí no chão naquele momento foi mesmo a graça de Deus porque eu tomei um golpe como se Chiara me dissesse: “Vamos ver se você é feita para nós ou se você não tem... não é feita...” (CALLIARI, 1993A).

Ginetta, de fato, achava-se incapaz de uma tal tarefa, ou seja, de comunicar o Ideal de vida de Chiara e dela, a outras pessoas, pois via-se a si mesma como uma típica trentina, gente da qual se dizia igual aos cumes rochosos de suas montanhas, solitários e impermeáveis (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo).

Mas a capacidade de operar uma ressocialização, por parte do Ideal delas, manifestava-se também nessa circunstância, impulsionando Ginetta a ir “além de si mesma” para atender ao pedido de Chiara. Articula para si uma estratégia:

Eu fui para casa e eu disse a minha mãe: ‘Mãe, eu não volto mais a comer o almoço, eu fico no escritório porque tenho que fazer horas extraordinárias - eu tinha três horas de liberdade entre o primeiro expediente e o segundo das doze às três. Eu organizei estas três horas: a primeira para escrever a pessoas que eu tinha conhecido na minha vida, para ver se no futuro teria sido possível de transmitir esta minha escolha, esta experiência. A segunda hora para ler a vida dos santos - porque eu dizia: ‘Não há um santo que não conseguiu criar no seu redor uma família espiritual, uma comunidade e se tornaram meus mestres’. A terceira hora eu a passava em uma igreja de Maria *bambina* [=menina] - era sempre vazia. Agora, há um particular que se lê na vida do santo Cura d’Ars: ele se tornou pároco em uma aldeia de... pecadores, ele aceitou de se tornar pároco ali, mesmo sabendo que era muito difícil mas, cômico da sua responsabilidade de levar aquelas pessoas que Deus lhe confiava, a acompanhá-las até o fim da vida, até no céu, ele se

levantava de noite bem cedo, muito cedo, entrava na sua igreja, se colocava de joelho diante do tabernáculo e fazia este pedido, pronunciava esta oração: ‘Senhor, eu te amo mas não te amo a suficiência, converte as almas da minha paróquia!’. Todo tempo sempre esta única oração. A oração dos santos é onipotente, porque começaram as pessoas aos poucos a entrar na igreja e se confessar e se tornou um grande centro esta pequena igreja, de pessoas que se convertiam e vinham de todas as partes do mundo. Eu não queria fazer uma comparação com a paróquia - a responsabilidade do santo Cura d’Ars -, eu estava nesta situação: Chiara está me pedindo uma coisa impossível! É impossível! Das duas às três horas eu estava de joelho diante deste tabernáculo de Nossa Senhora Menina, a igreja, eu dizia a mesma oração do santo Cura D’Ars - levemente diferente -: ‘Senhor, eu te amo, mas não te amo a suficiência, manda-me almas! Mas era uma súplica, era como um gemido!. Eu continuei eu não sei por quanto tempo - muito tempo quanto não sei - a dirigir a Deus este pedido. E aos poucos eu vi que ou uma jovem ou uma pessoa adulta, ou... vinha me procurar para conhecer algo da minha vida porque viram que eu era tão diferente de como era antes! E assim se formou um grupinho no meu redor. E um dia Chiara me disse: ‘Ginetta, quero conhecer aquele grupo de pessoas às quais você transmitiu a espiritualidade - o ideal’. Fomos todas em praça Capuchinhos. Chiara falou com cada uma, depois foram e Chiara me chamou e me disse: ‘Ginetta, olha que eu gostei de ter falado com aquelas pessoas, fiquei contente porque ouvindo-as eu percebi que você deu a elas o evangelho puro - não um evangelho diluído – [mas] o evangelho puro! Se você me tivesse apresentado um grupinho de jovens, de adolescentes, eu teria dito que você não deu o evangelho na sua pureza; se você me tivesse apresentado um grupo de velhinhas eu teria dito a você mesma coisa, se você me tivesse apresentado um grupinho de jovens, de estudantes somente, ou funcionárias, ou professoras, eu teria dito que você talvez não deu o ideal, o evangelho na sua integridade (CALLIARI, 1993A).

Ginetta observa (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo) que o fato que as pessoas que formavam esse grupo ao qual ela havia transmitido os ideais do Movimento nascente, representarem várias categorias sociais significava, para Chiara, a confirmação de que o Evangelho era adequado para todos os tipos de pessoas, que todos o podiam colocar em prática.

Mais tarde Chiara confia a Ginetta a continuação dos contatos com Elena Molignoni, uma jovem de Castello, um vilarejo de montanha. Será essa circunstância que a levará a transmitir o “Ideal da unidade” a muitas pessoas naquele lugar. Depois de uma primeira viagem ela se comprometeu em levar 60 evangelhos a pedido dos

habitantes que tinham ouvido a sua narração sobre a vida de Chiara e de suas primeiras companheiras, que estavam colocando em prática, em Trento, as palavras daquele livro.

Não obstante o peso representado pelos 60 volumes, Ginetta conta que havia refletido e concluído que deveria fazer como Jesus havia feito durante a sua vida, ou seja primeiro agir, depois ensinar. Desse modo carregou-se ainda de outros pacotes contendo víveres para levar aos pobres de Castello e um maço de flores para o sacristão que, segundo o que ela havia entendido, não a via com bons olhos, mas depois desse gesto aproximou-se do seu Ideal de vida.

Obtida a permissão da mãe e transferindo-se para a casa onde moravam Chiara e suas companheiras, foi-lhe confiada a responsabilidade de um segundo focolare, na Rua Gocciadoro, o qual tinha início com ela e logo em seguida com Natália e Graziella, que já estavam morando com Chiara.

Mais tarde transferiu-se novamente para a Praça dos Capuchinhos passando a morar no mesmo focolare com Chiara, e esse período ela define como o mais lindo da sua vida (CALLIARI, [s.d.1], Mimeo).

A primeira vez em que Chiara esteve em Roma para falar a um grupo, Ginetta teve, inesperadamente, que falar em seu lugar, pois Chiara fora convidada a encontrar-se com o deputado Igino Giordani.

Em, fins de 1948 Chiara se transfere para Roma para seguir o Movimento que estava se difundindo ali e caberá a Ginetta ocupar o seu lugar na responsabilidade da comunidade de Trento⁸¹.

Mas antes de partir, Chiara lhe confia as cidades do norte da Itália entregando-lhe os endereços de duas jovens de Milão. Quando ela chegou ali, essas jovens haviam organizado um encontro de alguns seus amigos com Ginetta. Esse encontro desencadeará uma série de outros, que colocarão Ginetta em contato com muitos dos futuros primeiros líderes e colaboradores de Chiara no Movimento, da seção masculina, como ela mesma conta:

Eu vou visitar estas duas moças, elas me apresentam um jovem. No fim, este jovem me convidou na sua casa para transmitir aquela experiência que tinha ouvido, aos seus amigos. Entre estes amigos havia um jovem engenheiro – da Siemens – que, quando eu terminei de falar se aproximou de mim e disse: ‘Eu gostaria que a senhorita viesse falar aos meus quatrocentos e cinquenta operários’. Depois: ‘eu conheço um ambiente moralmente sadio

no qual a senhorita pode passar a noite. É a pensão da Cardeal Ferrari, é dirigida – esta pensão – pelas paulinas, e pode dormir das paulinas e a refeição fazer conosco no pensionato’. Eu fui. Era a primeira vez que eu entrava em um pensionato. Havia seis lugares por cada mesa. Eu vejo que havia um lugar para mim e depois para este jovem engenheiro (Cari), e depois quatro companheiros vieram. E me convidou a contar a minha experiência. Eu tinha medo - digo a verdade - de falar, um medo horrível, porque eu não queria que julgassem o ideal. Mas como era aquela que transmitia este ideal, para não julgar o ideal eu teria tido que ser o ideal que viver o ideal para evitar um julgamento. Mas quem é que vive, quem é o ideal? É Cristo, é Ele! E me lembrei de Jesus que diz: ‘Fogo trouxe sobre a terra, o que é que eu quero senão que se acenda?’ ‘Mas o fogo é você, [Jesus]! Você pode transformar esta pensão em um focolare. Mas como? O que é que me garante que é você em mim? E me lembrei das palavras ‘Onde dois ou mais estiverem unidos em meu nome eu estarei no meio deles’. Então eu disse: ‘Bom, eu acredito! Jesus está em mim e Jesus está neles’. E, no fim, me convidaram em um salão em cima, onde havia muitas pessoas me esperando. Olha, eram pessoas de um nível intelectual muito alto; ali o medo aumentou, mas confiei na misericórdia de Deus. [...]. Quando eu terminei, vieram um depois do outro a me dizer: ‘Eu gostaria que a senhorita viesse na minha cidade’, ‘eu gostaria que a senhorita viesse na minha cidade’, ‘eu gostaria que a senhorita viesse na minha cidade’... Entre estas pessoas havia o famoso Danilo Zanzucchi [atual responsável, com a esposa, Ana Maria, pelo setor das Famílias]. E eu fui na sua cidade (Parma). Ele quis que eu falasse com muitas pessoas das quais ele era responsável e, entre estas, havia Lionello, que se tornou um focolarino e que ajudou Chiara na redação das constituições, das nossas regras - estatutos -e que foi para o paraíso [faleceu]. Entre... um outro ainda que é Dom Gino Rocca que se encontra em Loppiano. Na pensão havia Oreste que é o responsável da parte masculina na Itália - toda a parte masculina -, havia Guglielmo Boselli que é o responsável de Cidade Nova do mundo inteiro - Città Nuova -, depois havia Piero Pasolini chamado ‘o científico’ (era um cientista), que foi para o paraíso, depois havia Maras que agora está escrevendo livros para Cidade Nova (na redação de Cidade Nova). Estes jovens cheios de entusiasmo, de vida, escreveram a Chiara pedindo a abertura de um focolare (CALLIARI, 1993A).

Muitos desses rapazes aos quais Ginetta havia transmitido o Ideal da unidade, quiseram ir a Trento para conhecerem mais de perto o focolare. Antes de retornar para

⁸¹ As condições em que se deu esse fato já foram descritas no item 1 do presente Capítulo.

suas cidades foram até o Arcebispo de Trento para lhe pedirem a bênção, pois queriam difundir em Milão, aquela mesma vida que haviam encontrado em Trento junto àqueles jovens seguidores de Chiara.

Desse modo, o Arcebispo chamou Ginetta e explicou-lhe que deveria ir a Milão e apresentar-se ao Arcebispo daquela cidade. E deu-lhe uma carta de acompanhamento.

A viagem de 7 horas, de pé, num vagão de trem reservado para carga – ela conta – foi mais um martírio do que uma viagem. Não só pelas condições físicas da viagem mas, sobretudo pelo seu significado: apresentar-se ao Arcebispo de Milão! Ela tinha consciência da posição de prestígio que a sede de Milão representava no meio católico, e além disso, ela sabia que, mesmo se a “providência de Deus” as havia acompanhado até então através da compreensão e admiração do Bispo de Trento, em geral, os membros da hierarquia eclesiástica católica olhavam com desconfiança e muita cautela, os movimentos que surgiam em todos os lugares, depois da guerra. Dois motivos, esses, suficientes para que Ginetta experimentasse um certo temor e tremor.

Chegando à destinação, soube que o Arcebispo se encontrava ausente e quem o representava era um monsenhor cuja ocupação na cúria era de juiz eclesiástico. Essa circunstância não fez senão aumentar a apreensão de Ginetta, liberando a sua fantasia e levando-a a imaginar até mesmo a possibilidade de ter que se apresentar em um tribunal.

Lembrou-se então de quanto Chiara lhes havia sempre ensinado: “ver” Jesus em todos e tratá-los de consequência. E pensou: “por que estou com medo? Porque estou vendo o monsenhor e não Jesus nele. Além do mais, se eu procurar ‘ser Jesus’ para ele, comportando-me, tratando-o como Jesus o trataria, ele, por sua vez não verá Ginetta mas sim Jesus e a Jesus só poderá tratar bem”. Mas como fazer para ‘ser Jesus’?

Novamente vêm à lembrança o ensinamento de Chiara: atuando as palavras do Evangelho. E Ginetta lembrou-se que a frase escolhida por Chiara para orientar as ações de todos do Movimento naquele mês – como era habitual desde o início – era: “Ninguém vai ao Pai senão por mim” (cf. Jo 14,6). Fez mentalmente a transposição da mesma para aquela situação, o que lhe pacificou o ânimo. Fez o seguinte raciocínio: o Pai, nesse caso seria o Arcebispo ausente; Jesus, o Filho, seria o monsenhor substituto. E convenceu-se a si mesma que Deus mesmo teria conduzido os fatos.

Ao chegar a sua vez de ser atendida expôs ao monsenhor o motivo da sua ida a Milão e lhe contou sobre o Movimento, como tudo começou em Trento. Pediu a sua bênção mas ele respondeu-lhe que essa ela já havia recebido do Arcebispo de Trento. O

que deveria fazer agora era ir até a basílica de S. Carlos Borromeu e, ali, junto à sua tumba, pedir a ele a bênção para si, para o Arcebispo de Trento e para o Movimento que iniciaria em Milão. Ginetta interpretou esse resultado como efeito dela ter agido orientando suas ações pelo Evangelho, o que deu modo para que Deus interviesse “providencialmente” naquela situação.

Da cidade de Turim, Ginetta possuía o endereço de um religioso, que havia conhecido o Movimento:

[...] aquele religioso me fez conhecer um jovem advogado - Vittorio Sabioni -, que [atualmente] é Capozona [=responsável pela região] da Argentina, na Argentina. Eu fui, contei a história do Ideal a ele e a vários seus amigos. Passamos uma parte da noite porque as perguntas eram várias. No fim, Vittorio me ofereceu hospedagem na sua casa - passar a noite -. Eu tinha observado que havia a fotografia de uma jovem, muito jovem, em todas as paredes da sua casa - era uma casa extraordinária, rica, belíssima! E me disseram que aquela jovem era a sua esposa, mas que tinha morrido depois de seis meses de casamento. Eu entrei no quarto [que tinha sido] de Vittorio e antes de ir para a cama, me ajoelhei para rezar as orações da noite; como eu levanto os olhos, eu vejo diante de mim a fotografia de Vittorio e a esposa no momento das núpcias, na igreja. E ela está com as mãos assim [Ginetta faz o gesto de juntar as mãos e abaixar a cabeça]... e Vittorio com a cabeça muito alta e um olhar no infinito. Ali eu tenho como a impressão de intuir o futuro dele; eu pensei: ‘este jovem se tornará um grande santo, tem um grande destino’. E procurei me unir [mentalmente] à esposa no nome de Jesus para pedir ao Eterno Pai⁸² que se servisse de Vittorio para dar início à realização do testamento de Jesus⁸³ na cidade de Turim. O dia seguinte, ele bateu à minha porta, estava pronto para viajar, eu para Trento, ele uma direção oposta (era Asti). A gente desce a escada - estava tudo coberto de neve - e, de longe, na escuridão da noite se vê uma pessoa que vem na nossa direção, e vimos que era um sacerdote e disse, -tinha uma chave grande assim, disse: ‘eu vim aqui para abrir a porta de uma igreja e dar a Eucaristia a vocês’. Eu entrei na igreja - entramos -, eu me ajoelhei ao lado esquerdo do tabernáculo e o outro ao lado direito, e ali eu fiz outra vez aquela oração que eu tinha dirigido ao Pai, à noite, em unidade com a esposa, que se servisse de Vittorio para dar início à realização do testamento de Jesus que todos sejam um na cidade de Turim. E depois acrescentei: ‘e se você acha que é oportuno - a você nada é

⁸² Ginetta aqui faz alusão à frase de Jesus, no Evangelho, que diz: “Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vó-lo concederá” (Jo 15,16).

⁸³ O Testamento de Jesus corresponderia à frase “Pai, que todos sejam um” (Jo, 17,21).

impossível -, transformar aquela casa em um focolare. Eu queria dizer que tudo se realizou! (CALLIARI, 1993A).

Carla Marchesoni (Entrevista), que morou com Ginetta no mesmo focolare, em Trento, ainda no início do Movimento, conta que naquele período, no qual esse estava sendo estudado pelas autoridades da Igreja, a tendência das comunidades focolares era viver mais recolhidas em si mesmas. Quando chega Ginetta, na qualidade de responsável, pela segunda vez, acontece uma “saída” em direção ao externo, uma expansão do Movimento, uma intensificação dos contatos com a comunidade. Carla interpreta esse fato com o “zelo” que Ginetta possuía em levar o Ideal da unidade a todos. Ela envolvia todo mundo nessa “paixão”, “cultivando” o terreno das subjetividades através de uma estratégia que Carla - e o Movimento em geral - denomina de “cachos”, ou seja articulando a comunidade em grupos de lideranças e através dessas, todos os demais membros. Ela fazia de modo que as pessoas se tornassem responsáveis. Carla sublinha ainda a fé “carismática” de Ginetta e os muitos episódios nos quais ela e as demais ficavam ajoelhadas rezando – não dando importância, por exemplo, ao jantar a ser preparado – enquanto Ginetta em uma outra sala, conversava com alguém que precisava de conselhos.

É ainda Carla que lembra a radicalidade e prontidão com a qual Ginetta aderiu às idéias e iniciativas de Chiara, como por exemplo a vez em que Chiara convidou as e os focolarinos para que escrevessem propostas de artigos para a Revista *Città Nuova* que deveria nascer, como instrumento de difusão dos ideais do Movimento.

Nos Encontros com a comunidade – diz Carla – Ginetta procurava manter sempre viva em todos a experiência de comunhão colocando-os a par das notícias sobre Chiara e sobre o Movimento, detendo-se muitas vezes em uma única “palavra” de Chiara que se traduzia em um lema para orientar as ações de todos, e discorrendo sobre o significado do mesmo e sobre as possibilidades de aplicação na vida cotidiana.

3.2. Expansão e Intensidade

No início, a idéia de “fundar” alguma coisa estava ausente em Chiara e nessas primeiras suas discípulas: tudo o que queriam era viver o Evangelho mas, aos poucos, o círculo foi aumentando e foram se diferenciando também os vários níveis de

engajamento dentro do Movimento, e isso foi introduzindo uma certa complexificação na organização do mesmo.

Mesmo se nas palavras de Chiara os dois nomes, *Movimento dos Focolares* e *Obra de Maria*, apresentam-se como sinônimos⁸⁴, percebe-se que é clara para ela a distinção entre duas etapas no desenvolvimento histórico do Movimento, quando ela distingue na semântica do termo *Movimento* duas acepções: uma de timbre mais institucional e outra de timbre mais dinâmico, de fomento de idéias novas.

Falando aos jovens, durante um Congresso em 2001, ela observa que “no início, em 1943, quando o Movimento começou [Movimento = instituição], ainda não existia a Obra [= o Movimento instituição visto na perspectiva de uma organização bem articulada], mas um movimento espiritual [Movimento na acepção de fomento de idéias], que depois de dois meses reunia 500 pessoas” (LUBICH, 2001bV).

O *Grito* inicial do Movimento conservará sempre a posição de situação paradigmática à qual a Obra de Maria, com um pensamento e uma estratégia já bem delineados, desejará sempre se remeter⁸⁵ através do apelo constante de Chiara (e de suas primeiras e primeiros companheiros), da necessidade de serem sempre “radicais” como nos “primeiros tempos”, ou seja, de não “diluir” o carisma inicial diminuindo o teor de integridade da sua influência na orientação das próprias ações (CALLIARI, 1997aV).

Alguns episódios da história mais recente do Movimento, nas várias regiões indicam essa tensão em manter acesa a “chama” que ardia no estado nascente do mesmo. A pedido das edições San Paulo, na Itália, foram coligidos e publicados num volume intitulado *I fioretti di Chiara e dos Focolares*⁸⁶, fatos vividos por membros do Movimento em vários países e que, envolvendo ações sociais orientadas pelos valores evangélicos contêm elementos com um timbre de extraordinário, de extracotidiano. O mesmo diga-se para os recentíssimos acontecimentos durante a guerra civil em Man (Costa do Marfim) e no Iraque, onde os membros do Movimento, referindo-se aos

⁸⁴ Cf. por exemplo LUBICH, 2002b, op. cit. p. 65: “O Senhor, através do carisma da unidade, não teve a intenção de suscitar somente uma espiritualidade na Igreja, mas também uma Obra à qual foi dado o nome de Movimento dos Focolares ou Obra de Maria”. [nossa tradução].

⁸⁵ Isso nos leva a considerar, além das reflexões tecidas sobre o conceito de *Movimento* - ao longo do I Capítulo no, item 7. Atualidade e justificativa do tema -, a dicotomia suplementar de movimento/sistema que Jean Séguéy acrescenta à dicotomia de Weber carisma/instituição e que segundo aquele autor é mais fiel à contínua imbricação que de fato acontece entre os dois momentos. Cf. SÉGUÉY, J. Lettre a Jacqueline, nº 3. E. P.H. E. VI section *Séminaire de Jean Séguéy, 1973-74. “Protestation socio-religieuse et contre-culture”*, Mimeo, p. 26: “no nosso modo de pensar, o movimento contesta o sistema em um primeiro momento, mas em uma etapa posterior o sistema se nutre do movimento assimilando-o. Se o movimento, de fato não se nega sistematizando-se, ele espera, no entanto – supõe-se – subsistir dentro do processo” [nossa tradução].

⁸⁶ “As ‘florzinhas’ de Chiara e do Focolare. O título guarda uma clara relação com a obra relativa à vida de S. Francisco, pontilhada de fatos pitorescos, “milagrosos”, alguns até lendários, relatados pelos frades seus companheiros ou transmitidos pelo povo, e que ilustram S. Francisco como um personagem carismático.

primórdios do Movimento, em meio à II Guerra, procuraram agir coerentemente com os ideais do mesmo.

A inspiração de Chiara, portanto, produz rapidamente um novo tipo de sociabilidade, e o nascimento de uma comunidade cristã muito atípica, conferindo, assim, uma plausibilidade social (no sentido conferido por Berger (1985)) àquelas que antes poderiam permanecer no nível de devoção ou de idéias religiosas.

Começarão a definir-se sempre mais precisamente os contornos das tipologias de engajamento institucional no Movimento: internos, aderentes e simpatizantes. Veremos delinear-se também os níveis de influência das idéias do Movimento, indicados pelas modalidades de diálogo empreendidas pelo mesmo, em círculos de alcance crescente – tendo como referencial a Igreja católica - na seguinte ordem: Diálogo com as outras instâncias no interior da Igreja Católica, com membros de outras Igrejas cristãs, de outras religiões e com pessoas que não possuem nenhum referencial religioso.

Mas o “Que todos sejam um” inicial, permanecerá sempre no horizonte da utopia do Movimento.

Atualmente o Movimento está presente em 182 países. Conta com 133.500 membros internos, sendo 92 os membros de outras Igrejas, não católicos, que vivem nas comunidades focolares (entre masculinas e femininas, 2.200.000 entre aderentes e simpatizantes dos quais 45.000 representantes de 350 Igrejas cristãs, mais de 30.000 de várias religiões (judeus, muçulmanos, budistas, hindus, taoistas) e mais de 100.000 sem nenhum referencial religioso. Calcula-se uma irradiação do espírito do Movimento a mais de 5 milhões de pessoas através dos meios de comunicação de que o Movimento dispõe, e da sua presença ainda não possível de ser quantificada, em países de regime políticos não democráticos.

Como aponta Weber (1974a, p. 331), para que o carisma atinja um maior número de pessoas, num processo de expansão em direção às massas, o grau de virtuosidade presente na religiosidade no *estado nascente* tenderá a perder em intensidade. E, por “massa”, Weber entende os que são, do ponto de vista religioso, “anti-musicais” – referindo-se à autodefinição – já acenada - que ele faz da sua pessoa, como alguém que não possui “ouvido musical” para a religião.

E nesse processo de expansão das fronteiras das relações sociais, do Movimento, à medida em que deve se adaptar a círculos sempre mais externos, a própria espiritualidade deve perder em complexificação e ganhar em síntese, concentrando-se – no que tange por exemplo ao círculo mais amplo das pessoas sem nenhum referencial

religioso – naquela que Chiara denomina a *arte de amar*. Mas para Chiara, isso não significa um empobrecimento da espiritualidade através de um nivelamento por baixo, como se o que estivesse sendo procurado fosse um mínimo denominador comum, pois segundo ela, de fato, a espiritualidade do Movimento resume-se toda no amor e portanto todos a podem assumir assumindo o amor como estilo de vida - já que, como ela afirma, o amor está contido no DNA de cada pessoa humana. É desse modo que o ideal do estado nascente pode – hipoteticamente - continuar vivo e não perder a força inicial como normalmente é fadado a acontecer, na medida em que o carisma se institucionaliza e se rotiniza, como é previsto na teoria de Weber. Os contatos com pessoas de outras religiões, que iniciaram num tempo distante do início do Movimento, parecem apontar para essa hipótese, se considerarmos os efeitos das idéias do Movimento em grupos representantes dessas religiões, como foi acenado anteriormente⁸⁷.

E mais, sendo o amor, o “a” e o “z” – por assim dizer - da espiritualidade de Chiara, é o elemento que caracteriza qualquer pessoa que a ela adere, em todos os níveis de engajamento, desde os focolarinos que vivem nas comunidades e que representam a estratificação dos “virtuosos” no sentido Weberiano até o círculo mais externo, de massa, representado pelos “simpatizantes”. Mesmo valendo a ressalva de que a estratificação social dentro do Movimento (grupos diferenciados segundo o nível de engajamento) indica somente do ponto de vista teórico a assunção mais ou menos radical dos valores expressos na espiritualidade, resta verdadeiro o fato de que no interior de cada setor ou grupo, do Movimento, podemos encontrar um *continuum* de virtuosidade medida, no final das contas, pela assunção do amor como norma orientadora das ações sociais. Mas isso já não seria mensurável pela sociologia, sendo de nosso interesse somente os efeitos concretos dessas ações.

A expansão geográfica do Movimento leva também à formação de centros de difusão regionais, todos autônomos nas suas atividades de divulgação dos ideais do Movimento mas ligados ao centro internacional no que diz respeito à socialização contínua com o pensamento espiritual de Chiara e suas orientações gerais para linhas de ação, bem como do Conselho geral do Movimento, à comunicação sobre o andamento das atividades em todas as regiões e à execução de planos de solidariedade entre as

⁸⁷ Cf. item 2.2.1. para os depoimentos de pessoas de outras religiões

mesmas e, todos juntos, para com a sociedade global. Tudo com o intuito de alimentar o espírito de comunhão no Movimento como um todo.

Essa interligação dos centros entre si e de cada um com Chiara e o centro internacional, com vistas na comunhão, é realizada através de algumas estratégias como Congressos internacionais, visitas de Chiara às comunidades presentes nos vários países, periódicos preparados pelos vários setores, material audiovisual de palestras de Chiara e das atividades realizadas no centro do Movimento ou em outras regiões, uma coligação telefônica mensal que reúne simultaneamente membros dos 182 países em que o Movimento está presente, em 317 pontos de escuta. Através dessa última estratégia Chiara mantém um relacionamento com os membros convidando-os a praticarem um pensamento espiritual comunicado naquela ocasião juntamente com notícias dos últimos acontecimentos envolvendo o Movimento. É uma preocupação constante de Chiara promover em todos os setores o sentimento de formarem todos uma única família, a família da Obra de Maria: a identidade definida pela pertença à Obra de Maria, tem prioridade sobre a identidade definida pelo setor no qual um membro está inserido dentro da Obra.

3.3. Organização

O termo *focolares*, propriamente dito, passou a designar as pequenas comunidades masculinas ou femininas de membros (chamados focolarinos) que se consagram a Deus com os votos de pobreza, castidade e obediência e se dedicam a tempo integral para a difusão e organização do Movimento; praticam a comunhão de bens total e trabalham, para se manterem, nos mais variados campos da sociedade. Membros do focolare são também pessoas casadas que, mesmo não habitando com os demais, e sim com a própria família, querem estar ligados de modo estreito a Deus, como os focolarinos celibatários, e também participam da comunhão de bens - respeitando os limites da vida familiar - e da admoestação recíproca.

Essas comunidades seriam uma espécie de laboratório onde os membros procuram assumir o desafio de praticar o ideal religioso do Movimento 24 horas por dia. Neste sentido têm a função de um espaço social que garante a visibilidade da utopia do ideal de fraternidade universal e de relações sociais baseadas no amor recíproco, propostos pelo Movimento e no qual mais intensamente se realiza a socialização aos

valores propostos pelo mesmo. Justamente por isso os focolarinos são os primeiros responsáveis pelo processo de organização e difusão do Movimento, e formam a base social que procura manter acesa “a chama” da utopia também nos demais setores de pertença ao Movimento.

Os focolares situam-se numa posição intermediária entre a tipologia da comunidade religiosa e da família. Seus componentes, de fato, não são religiosos no sentido jurídico estrito, vigente na Igreja católica, porque vivem e trabalham normalmente no meio social, e também são vinculados à instituição católica na categoria de leigos; ao mesmo tempo, porém, vivem comunitariamente e professam os votos religiosos, mas de forma privada, e não pública como acontece com os religiosos. O focolare persegue a forte utopia de construir, entre seus membros, relações sociais do tipo comunitárias, como numa família, - mesmo se em sentido simplesmente ético-espiritual porque não conservam laços de parentesco sanguíneo -, que cheguem a constituir um grau de fusão identificado com a *comunhão* (na terminologia de Gurvitch).

O focolare surge depois de uma experiência espiritual de Chiara durante uma viagem na cidade de Loreto, quando entendeu a própria vocação como uma quarta alternativa às três possíveis na Igreja na época (o matrimônio, o convento e a consagração privada a Deus permanecendo em família). Em Loreto, encontra-se um santuário que abarca uma construção de pedras que, segundo uma tradição popular, seria a casa onde viveram Jesus, Maria e José em Nazaré e que foi trazida para aquele lugar pelos anjos⁸⁸. Visitando o santuário, e imaginado a cena familiar da convivência desses três personagens, Chiara afirma ter entendido – independentemente da historicidade ou não da tradição - que a sua vocação teria sido, em analogia com a “casinha de Nazaré”, uma convivência de pessoas celibatárias e casadas, leigas, todas doadas a Deus, mesmo se de modos diferentes, mas todos consagrados a Deus (LUBICH, 1991a, p. 44). Mais tarde a essa convivência seria dado o nome de *focolare*.

Atualmente são 900 os focolares (masculinos ou femininos), constituídos por 6289 pessoas, presentes nos cinco continentes, sendo que cada focolare, na medida do possível, é internacional na sua composição.

⁸⁸ Resultados de pesquisas históricas e arqueológicas apontam para a possibilidade de que na Idade Média, uma família de sobrenome “Angeli” (= *anjos* em italiano), depois de uma peregrinação na Palestina teriam trazido pedras do lugar indicado como sendo a casa da Sagrada Família.

Os *voluntários* são leigos que mesmo não fazendo os votos sentem-se comprometidos com a vivência radical do Evangelho conforme o Ideal de Chiara, vivem a comunhão de bens no sentido de darem livremente quanto podem para as necessidades apostólicas do Movimento, e se reúnem semanalmente em grupos chamados *núcleos* os quais são definidos, pela utopia que perseguem, como “focolares temporários”. Os voluntários realizam a *comunhão de bens espiritual* e, periodicamente, a admoestação recíproca. São, tipicamente, mesmo se não somente eles, a ponta avançada do Movimento no que tange os projetos sociais, mas não.

As novas gerações que foram surgindo dentro do Movimento recebem o nome de Gen, sigla que abrevia a expressão *Geração Nova*. Também nesse caso, o adjetivo *nova* quer indicar a novidade do estilo de vida que querem implantar a partir dos valores extraídos do Evangelho. Os Gen 2 são os jovens, os Gen 3, os adolescentes, os Gen 4, crianças dos 4 aos 8 anos, e os Gen 5 são crianças de 0 a 4 anos. Todos esses, exceção feita para os Gen 5, estão estruturados em *unidades gen* que também se reúnem semanalmente com os mesmos objetivos dos voluntários nos núcleos.

Com o passar do tempo, religiosos, religiosas, sacerdotes e, mais recentemente, Bispos, foram se constituindo em setores.

Em 1977 o Bispo D. Klaus Hemmerle, de Aachen, que havia conhecido o Movimento quando ainda era sacerdote, propôs uma reunião, em Rocca di Papa (Itália) com alguns Bispos que conheciam o Movimento dos Focolares. Esse primeiro encontro contou com a presença de 12 Bispos provenientes de países europeus, da Tailândia, de Hong Kong, do Chile, da Colômbia e também do Brasil. Nos anos sucessivos os encontros continuaram sempre mais numerosos e o grupo foi “batizado por João Paulo II com o nome de “Bispos Amigos do Movimento dos Focolares”.

Atualmente o Movimento está estruturado em 22 setores e 9 Movimentos de massa, ou seja iniciativas animadas por setores particulares do Movimento e dirigidas a amplas faixas da sociedade. O nome que esses Movimentos recebem deixa entrever a intenção utópica de cada um e construção de relações sociais inovadoras quanto à sua base valorativa sintetizada no amor: assim o *Movimento Famílias Novas*, animado pelos focolarinos casados, o *Movimento Humanidade Nova*, animado pelos voluntários, o *Movimento Jovens por um mundo unido*, animado pelos gen 2, o *Movimento juvenil pela unidade*, animado pelos gen 3, o *Movimento Paróquias Novas*, animado por sacerdotes que participam do Movimento, ou por membros engajados mais estreitamente na paróquia, o *Movimento diocesano*, animado por Bispos, sacerdotes e

leigos, o *Movimento dos e das religiosas*, animados por religiosos e religiosas respectivamente, que participam do Movimento, o *Movimento sacerdotal* animado por sacerdotes engajados no Movimento, o *Movimento gen's* (= geração nova sacerdotal) animado por seminaristas.

O Movimento é presidido por Chiara juntamente com um co-presidente um Conselho Geral formado por 60 pessoas representando os vários setores, Movimentos de Massa e Diálogos.

3.3.1. Mariápolis Permanentes

O Movimento deu vida a comunidades de convivência chamadas *Mariápolis permanentes*⁸⁹ que se estruturam como pequenas cidades e cujo objetivo é dar visibilidade à utopia do Movimento na prática da comunhão de bens materiais e espirituais, da superação de conflitos entre gerações, raças e religiões, da liberdade e solidariedade, de modo que pudessem ser um esboço de sociedade renovada pelos valores do Evangelho. Atualmente existem 33 *Mariápolis* nos cinco continentes, em vários estágios de desenvolvimento, e quatro em fase de projeto⁹⁰.

Damos aqui uma rápida pincelada sobre a história do surgimento dessas Mariápolis.

Em 1961, Chiara e alguns dos seus primeiros companheiros, encontravam-se na Suíça. Do alto de uma colina admiravam a abadia beneditina de Einsiedeln. Chiara conta:

Víamos realizado naquele lugar o ideal de São Bento, do “reza e trabalha”. [...] diante de nós, uma outra visão tomou forma em nossos corações. Era o sonho de uma “pequena cidade” moderna, com casas, oficinas, centros de artesanatos e indústrias, onde pudéssemos dar testemunho de nosso ideal de

⁸⁹ A palavra *Mariápolis* significa *Cidade de Maria*. O adjetivo *permanentes* se justifica porque o mesmo nome de Mariápolis é dado também a Congressos temporários organizados pelo Movimento.

⁹⁰ Já existentes: Mariápolis: *Renata* (Loppiano – Itália), *Foco* (Suíça), *Arco-íris* (Portugal), *Loreto* (Barcelona – Espanha), *Vida* (Bélgica), *Giulio* (França), *Rastro Luminoso* (Holanda), *Nova Lei* (Ottmaring – Alemanha), *Klaus Hemmerle* (Solingen–Alemanha), *Pedra angular* (Suíça), *Radiosa* (Irlanda), *Bernard Pawley* (Inglaterra), *Giosi* (Áustria), *Farol* (Croácia), *Flor* (Polônia), *O Pacto* (República Tcheca), *Nascente* (Libano), *Paz* (Filipinas), *Dalwal* (Paquistão), *Piero* (Quênia), *Maria Mai* (Fontem – República dos Camarões), *Victoria* (Man – Costa do Marfim), *Luminosa* (Nova York), *O Diamante* (México), *A Nuvenzinha* (Venezuela), *Céu* (Cunaco – Chile), *Andrea* (O'Higgins – Argentina), *Alta Gracia* (Córdoba – Argentina), *Água Viva* (Bahía Blanca – Argentina), *Ginetta* (São Paulo – Brasil), *Santa Maria* (Recife – Brasil), *Glória* (Belém – Brasil), *Marilen* (Austrália). Em fase de projeto: Mariápolis: *Trento Ardente* (Itália), *Enzo* (Leipzig – Alemanha), *Guglia* (Nouméa – Nova Caledônia) e *Regra de ouro* (Tailândia).

unidade. Foi uma forte intuição (LUBICH apud GALLAGHER, 1998, p. 213-214).

Em 1964 o sonho pode tornar-se realidade através da reforma de uma casa e barracões existentes em uma fazenda chamada Loppiano, herdada por Vincenzo Follonari, um rapaz que entrou a fazer parte dos Focolares em 1953. Teve início assim a primeira Mariápolis hoje denominada Mariápolis Renata, nas proximidades de Florença (LUBICH apud GALLAGHER, 1998, p. 214).

Três dessas 33 Mariápolis encontram-se no Brasil: *Mariápolis Ginetta* (em Vargem Grande Paulista); *Mariápolis Santa Maria* (em Igarapu, PE) e *Mariápolis Glória* (em Benevides, PA).

Na análise do sociólogo Pace:

a utopia evangélica do Movimento é, de fato [...] forte, capaz de incidir nas coisas desse mundo, de construir sinais visíveis (como as Mariápolis, cidadezinhas evangélicas espalhadas pelo mundo, pontos de referência concretos de como re-fundar a convivência entre os homens valorizando o trabalho, construindo uma nova ordem econômica, a família, a caridade, redefinindo sobre novas bases as hierarquias sociais e a função da autoridade (PACE, 1987, p. 125) [nossa tradução].

3.3.2. Projetos Sociais

Em seguida da experiência paradigmática de Trento, a preocupação constante com a comunhão dos bens – praticada em diversos e diferentes modos dependendo do tipo de engajamento no Movimento – continuou a caracterizar as relações entre os membros do Movimento e suas comunidades no mundo todo. E foi essa mesma preocupação que inspirou particulares iniciativas sociais. No surgimento dessas, porém, não há a intenção de que se constituam em atividades meramente assistenciais, nem finalizadas em si mesmas, mas são levadas a cabo com a intencionalidade marcante de contribuir para a renovação do mundo, devido à convicção de que o Evangelho “é também a mais potente revolução social” (LUBICH, 1986, p. 19), e portanto favorecer o surgimento de “homens novos” e de estruturas para uma humanidade nova, caminho rumo à fraternidade entre os povos.

Existem várias realizações no mundo inteiro com as quais os membros do Movimento querem difundir uma cultura da solidariedade. Entre elas citamos: *New Humanity*, reconhecida pela ONU como ONG junto ao Conselho Econômico e Social; o *Fundo Mundo Unido*, constituído pelo setor *Jovens por um Mundo Unido*, que financia 30 microprojetos de autodesenvolvimento; *Ação por um Mundo Unido* (AMU), ONG que, desde 1986, fomenta a cooperação internacional em favor do desenvolvimento; *Adoções à distância* (65 projetos em 38 países, promovidos pelo setor *Famílias Novas* com mais de 9 mil crianças adotadas à distância, mantidas no próprio lar).

3.3.3. “Células” de ambiente

É com a “arte de amar” – que, aliás é proposta indistintamente a cristãos, pessoas de outras religiões e também sem referencial religioso – que Chiara apresenta a sua forte utopia de construção de uma *humanidade nova*; nova, porque renovada pelo amor.

Chiara vê na possibilidade da “presença” de Jesus entre duas ou mais pessoas unidas por relações sociais baseadas no valor do amor recíproco evangélico, um grande potencial para essa renovação da sociedade. Em qualquer ambiente profissional, onde atuam, pelo menos duas pessoas, imbuídas pelo seu *Ideal*, pode-se estabelecer a presença de *Jesus em nosso meio* e então será Ele que aos poucos irradiará uma onda de renovação nos relacionamentos interpessoais, depois intergrupais, em círculos cada vez mais amplos, até envolver toda aquela determinada categoria profissional em uma mentalidade pautada pelo amor. Deste modo é como se a sociedade fosse “minada” por essas “células” constituídas de duas ou mais pessoas.

Deus quer de nós, antes de qualquer coisa, como Movimento dos Focolares [...] que façamos surgir, por toda parte, células vivas, com Cristo em nosso meio, células cada vez mais ardentes, inflamadas; sempre mais numerosas; que possamos acender focos cada vez mais amplos, de um grande incêndio de unidade nas famílias, nos escritórios, nas fábricas, nas escolas, nas paróquias, nos conventos, para alimentar um incêndio de amor de Deus no seio da Igreja e na sociedade (LUBICH, 1985, p. 49).

No Movimento essas “células” estão estruturadas por categoria profissional, encontrando-se periodicamente seja para se socializarem sempre mais profundamente

aos valores do *Ideal*, seja para programarem ações sociais estabelecendo metas concretas.

3.4. Um passado continuamente reconstruído no presente

Para um observador externo, um complexo de relações sociais baseadas na atribuição de carisma, é um entre tantos outros, possuindo traços em comum com uma variedade de fenômenos sociais relacionados com uma tipologia ideal. Mas para os sujeitos envolvidos nessas relações, a experiência de sentido que vivem é totalizante, e foge à contingência do tempo e do espaço, sendo percebida como adequada para todos e para sempre.

Daí decorre o fato de que o processo de institucionalização do carisma representa um desafio perene no sentido de que a efervescência e a energia inicial do estado nascente devem permanecer para sempre e não decair porque na percepção de quem o vive é uma resposta à exigência de sentido para todos os tempos.

A expansão do Movimento no tempo, representará um desafio contínuo para a transmissão dos ideais do mesmo, na sua integridade, às novas gerações, e para a manutenção do mesmo grau de intensidade de adesão a esses ideais, por parte delas.

Em 1969 a Europa vivia a revolução estudantil, e o “clima” cultural era marcado pela contestação dos padrões tradicionais de pensamento e de conduta, preparando um solo favorável para a gênese ou consolidação de movimentos de tipo utópico e carismático. Chiara impulsiona os jovens a procurarem um sentido para a vida, transmite a eles o ardor da sua utopia e se delineia assim, a segunda geração do Movimento, ou seja, os Gen 2. Agora a situação era invertida; no início do Movimento Chiara e suas primeiras companheiras representavam a juventude que buscava sentido no interior de uma sociedade global que ruía em suas estruturas. Agora ela e a primeira geração do Movimento integravam as fileiras dos adultos, portanto ela vê a importância de fecundar as subjetividades dos jovens de agora com o mesmo “espírito” que as animou no início, porque está convencida da reserva transformadora do social representada pela juventude.

Algumas palavras de Chiara, a título de exemplo, extraídas de um discurso feito aos jovens que haviam conhecido o Movimento nesse período, são úteis para captar o teor revolucionário próprio de um Movimento utópico, cujo estado nascente ela quer

manter aceso, de modo que seja de fato uma segunda geração do Movimento dos Focolares, ou seja, o Movimento vivendo um “novo começo”:

Nós, seus soldados [isto é, de Jesus], somos chamados por Ele, sob o seu comando, a mudar a face da terra, a produzir uma profunda renovação na sociedade, a ressuscitar a fé nos corações onde ela se encontra apagada, ou a reavivá-la naqueles que, por serem mornos, apresentam uma religião emburguesada que repugna aos homens e muito mais ainda a Deus, a acender nos corações – começando pelo nosso – no maior número possível de corações, a chama do amor e fazê-la circular entre todos os homens: “Fogo – disse Jesus – vim trazer sobre a terra e não desejo outra coisa senão que se acenda”. Mas uma transformação de situações, uma revolução de qualquer gênero deve ser conduzida com estratégia, ordem, e possui sempre uma tática, um método, meios que permitam não comprometer o sucesso, mas que conduzam à vitória segura. [...] Fazer-se um com os outros, eis a ‘tática gen’ (LUBICH, 1976, p. 21)

No Movimento o ato de contar a história dos seus primeiros tempos é fundamental. A experiência vivida no início marca a identidade do grupo e deve ser transmitida a todos os membros que queiram se inserir nele. Na verdade, para os membros do Movimento dos Focolares, estamos sempre em “tempos de guerra”, já que o desmoronar de ideais, a morte, fazem parte da condição humana de existência. Sendo assim, zelar pela memória dos primeiros tempos é zelar pela manutenção do grupo ao longo do tempo.

De fato, a identidade de um grupo, como observa Halbwachs (1990, p. 121), não é determinada somente ou principalmente por um conjunto de indivíduos definidos “e sua realidade não se esgota em algumas imagens que podemos numerar”. Pelo contrário, é uma trama de interesses, idéias, preocupações e projetos compartilhados, que identificam um determinado grupo. Essa trama de relações, obviamente se reflete na particularidade subjetiva de cada componente em vários ‘tons’, tantos quantos são esses componentes, mas não coincide com os mesmos. E é essa trama “que representa o elemento estável e permanente do grupo” (HALBWACHS, 1990, p. 122). Afirma Chiara:

Quando nos perguntam quem somos, não é por acaso, que muitas vezes, não encontramos melhor resposta do que contar a nossa pequena

história do início do Movimento: o desmoronar de todas as coisas nos tempos da guerra, a escolha de Deus e, para corresponder a esta escolha, a prática do Novo Mandamento. Sempre nos reportamos a tal imperativo de Jesus como sendo a inspiração primeira e fundamental, pois ele nos fascina, nos atrai; descobrimo-lo de novo, toda vez que o estudamos mais em profundidade; vivendo-o, sentimo-nos no nosso próprio ambiente (LUBICH, 1985, p. 111-112).

Percebe-se ainda que o interesse em transmitir intacta a experiência vivida pelo primeiro grupo no início, às novas gerações, tem uma função coletiva ainda no sentido de justificar e legitimar o presente enquanto período pleno de vitórias e conquistas, impulsionando assim essas novas gerações à fidelidade aos ideais propostos pelo grupo.

Halbwachs nos lembra, de fato que:

na atividade mesma daqueles que executam uma construção, há sempre mais inquietude do que alegria. Um trabalho de demolição evoca sempre um pouco da natureza, e os operários que escavam as fundações se assemelham a pioneiros. Como o período onde estabelecemos as bases de um novo grupo não seria repleto de pensamentos intensos destinados a perdurar? Em mais de uma sociedade sobrevive assim o espírito dos fundadores, por mais curto que tenha sido o tempo consagrado à fundação (HALBWACHS, 1990, p. 125).

Na percepção de Chiara o passado condicionou o presente (LUBICH, 2002b, p. 153). De certa forma, acontece, porém, como observa ainda Halbwachs (1990, p. 71), que o passado é reconstruído a partir do presente, no sentido de que o presente se torna a lente que permite ler e interpretar o passado e legitimá-lo como um tempo sagrado, confirmando assim – na percepção de Chiara -, que o autor de tudo, desde o início, foi realmente Deus, o qual comunicou a ela e ao grupo uma “palavra” e uma missão. Está presente também esse outro lado da moeda nos escritos de Chiara, quando afirma, por exemplo, que “não podemos entender o período doloroso da nossa história, se não levarmos em conta os períodos sucessivos e principalmente o presente” (LUBICH, 2001, p. 63).

Alguns trechos de Chiara em várias ocasiões ilustram a preocupação de manter acesa a chama inicial do estado nascente do Movimento:

Sempre vimos a Obra de Maria como a vinha de Jesus Abandonado. [...] Após cinquenta e seis anos de vida do Movimento, posso contemplar os seus ramos, as suas parras, lançados em toda a terra, e os cachos suculentos que nutrem continuamente um povo novo (LUBICH, 2001, p. 127).

Mas, se a unidade constitui a vocação que nos caracteriza, procuremos recuar um pouco até os primórdios da nossa história de quarenta anos, quando ela se inflamou como uma chama, para que assim possamos manter viva, hoje em dia, essa chama em nossos corações ou então para que a reanimemos [...]. Essa breve visão panorâmica servirá para que continuemos fiéis discípulos do precioso dom que Deus nos outorgou (LUBICH, 1985, p. 27-28).

Portanto, Jesus Abandonado é a chave do carisma, o segredo da unidade. Com ele sempre poderemos avançar. será necessário ter isto em mente, para o futuro, quando em momentos difíceis, que poderão e deverão surgir, poderemos estar sujeitos a duvidar que tudo prosseguirá como antes. Nesses momentos, será bom lembrarmo-nos desta primeira luz, desta extraordinária experiência (LUBICH, 1985, p. 70-71).